



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE FILOSOFIA

**A (À) LUZ DAS VISÕES: HILDEGARDA DE BINGEN E A RECONSTRUÇÃO DO SAGRADO  
FEMININO**

**TAYARA SOUSA DE DEUS**

BRASÍLIA

2025

Tayara Sousa de Deus

A (À) LUZ DAS VISÕES: HILDEGARDA DE BINGEN E A RECONSTRUÇÃO DO SAGRADO  
FEMININO

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Filosofia da Universidade de Brasília para a defesa de mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes

Brasília

2025

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes  
Universidade de Brasília – UnB  
Orientador

---

Prof. Dr. Agnaldo Cuoco Portugal  
Universidade de Brasília – UnB

---

Profª. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

---

Prof. Dr. Márcio Gimenes de Paula

Universidade de Brasília – UnB

## Resumo

Esta dissertação investiga como Hildegarda de Bingen (1098-1179) articula, em suas obras *Scivias* e *Liber Divinorum Operum*, uma antropologia teológica que posiciona o feminino como princípio ativo na interação entre o microcosmo humano e o macrocosmo divino. Partindo da análise da visão hildegardiana do homem como *imago Dei* – na qual corpo, alma e razão refletem a harmonia cósmica –, o estudo demonstra como a abadessa reabilita o feminino como dimensão ontológica (através de figuras como *Sapientia* e *Caritas*), propõe uma releitura das dicotomias tradicionais (espírito/matéria, passivo/ativo) no contexto da teologia medieval e elabora uma ética da complementariedade entre os gêneros, enraizada no conceito de *viriditas* (força vital). Com uma abordagem interdisciplinar que integra teologia, filosofia medieval e estudos de gênero, esta pesquisa demonstra como Hildegarda reinterpreta narrativas bíblicas (Eva/Maria) para afirmar a igual dignidade do feminino, conecta a salvação humana à restauração da ordem cósmica e antecipa debates contemporâneos sobre ecologia integral e espiritualidade encarnada. Conclui-se que a antropologia hildegardiana apresenta um modelo relacional significativo para o século XII, no qual o princípio feminino assume um lugar de destaque na mediação entre o humano e o divino. Dessa forma, sua obra dialoga de modo original com os paradigmas teológicos medievais, ampliando a compreensão tradicional da criação e da dinâmica da salvação.

**Palavras-chave:** Hildegarda de Bingen; antropologia teológica; feminino sagrado; microcosmo e macrocosmo; *Scivias*; *Liber Divinorum Operum*.

## Abstract

This thesis investigates how Hildegard of Bingen (1098–1179) articulates, in her works *Scivias* and *Liber Divinorum Operum*, a theological anthropology that positions the feminine as an active principle in the interaction between the human microcosm and the divine macrocosm. Through an analysis of Hildegard's vision of humanity as *imago Dei*, in which body, soul, and reason reflect cosmic harmony, this study demonstrates how the abbess rehabilitates the feminine as an ontological dimension through figures such as *Sapientia* and *Caritas*. It also explores how she proposes a reinterpretation of traditional dichotomies, such as spirit/matter and passive/active, within the context of medieval theology and elaborates an ethics of complementarity between genders, rooted in the concept of *viriditas* (vital force). Adopting an interdisciplinary approach that integrates theology, medieval philosophy, and gender studies, this research reveals how Hildegard reinterprets biblical narratives, particularly those of Eve and Mary, to affirm the equal dignity of the feminine. Moreover, it examines how she connects human salvation to the restoration of cosmic order and anticipates contemporary debates on integral ecology and embodied spirituality. It is concluded that Hildegardian anthropology presents a significant relational model for the twelfth century, in which the feminine principle assumes a prominent role in the mediation between the human and the divine. In this way, her work engages in an original dialogue with medieval theological paradigms, broadening the traditional understanding of creation and the dynamics of salvation.

**Keywords:** Hildegard of Bingen; theological anthropology; sacred feminine; microcosm and macrocosm; *Scivias*; *Liber Divinorum Operum*.

## LISTA DE FIGURAS



## SUMÁRIO

Dedico à minha família: Allysson Flôres, Ernesto Flôres e Maria de Jesus, que são a minha força motriz.

### **Agradecimentos**

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a contribuição de muitas pessoas, às quais expresso minha mais profunda gratidão.

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de sabedoria e inspiração, por me conceder força e discernimento ao longo desta caminhada acadêmica.

Aos meus familiares, por seu amor incondicional, paciência e incentivo constantes, que foram essenciais para minha jornada. Àqueles que estiveram ao meu lado, oferecendo suporte emocional e motivação nos momentos de dificuldade, minha eterna gratidão.

Aos meus professores e ao meu orientador professor Marcos Aurélio, que, com sua dedicação, conhecimento e orientação, me ajudou a estruturar e aprimorar este estudo. Seus ensinamentos foram fundamentais para a construção deste trabalho e para meu crescimento acadêmico.

Agradeço a Santa Hildegarda de Bingen, cuja obra e visão do mundo foram fonte inesgotável de aprendizado e admiração.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, seja por meio de palavras de incentivo, troca de conhecimentos ou apoio técnico, meu mais sincero agradecimento.



"Toda a natureza é sustentada pelo ser humano. Deus a destinou para o homem, pois sem ele, a criação não teria sentido." – Santa Hildegarda de Bingen

## Introdução

O século XII, marcado por renovadas agitações espirituais, intelectuais e políticas, viu emergir uma das vozes mais originais e complexas da Idade Média latina: a mística Hildegarda de Bingen (1098-1179). Monja beneditina, compositora, naturalista, médica e, sobretudo, teóloga visionária, Hildegarda transcendeu as limitações convencionais impostas às mulheres de seu tempo para forjar uma obra monumental que articula, de forma singular, cosmologia, teologia e antropologia. A sua produção intelectual, profundamente enraizada na experiência visionária, não se limita a uma profecia contemplativa; antes, constitui um sistema coerente e vasto que busca decifrar os mistérios de Deus, do cosmos e do ser humano, colocando a criatura no cerne de uma dinâmica cósmica de salvação.

O intuito da dissertação é explorar a interseção entre espiritualidade, ciência e arte em um período em que essas disciplinas eram vistas através de uma lente teocêntrica. As visões místicas de Santa Hildegarda de Bingen, que resultaram em obras como "*Scivias*" e "*Liber Divinorum Operum*", não só proporcionam profundas compreensões sobre a cosmologia medieval e a teologia cristã, mas também revelam uma mente inquisitiva que buscava compreender a complexidade do universo e a condição humana. Além disso, Hildegarda foi uma voz poderosa e influente em uma época em que as mulheres tinham pouco acesso ao poder intelectual e espiritual. Sua correspondência com papas, imperadores e outros líderes mostra sua capacidade de influenciar e moldar o pensamento da época.

Esta dissertação tem como objetivo central investigar e desvendar os fundamentos da cosmologia hildegardiana, partindo da premissa de que a sua visão do universo é indissociável da sua teologia e da sua antropologia. O nosso ponto de partida será a análise minuciosa de duas de suas três obras visionárias fundamentais: o *Scivias* ("Conhece os Caminhos"), que traça o roteiro da história da salvação, e o *Liber Divinorum Operum* ("O Livro das Obras Divinas"), onde a visão do macrocosmo e do microcosmo atinge a sua expressão mais madura. Através delas, procuraremos demonstrar como Hildegarda concebe um universo simbólico e vivo, no qual cada elemento criado reflete e participa da divindade, e onde o ser humano, entendido como microcosmo, desempenha um papel central e ativo na harmonia e restauração da criação.

Para conduzir esta investigação, o trabalho está estruturado em seis capítulos. O **Capítulo 1** situará Hildegarda no seu contexto histórico e intelectual, apresentando o panorama religioso e cultural do século XII que serviu de substrato para a sua obra. O **Capítulo 2** dedicar-se-á a uma análise detalhada do *Scivias*, percorrendo os três

livros que compõem a obra – da Criação à Redenção, culminando na História da Salvação simbolizada por um edifício –, com o intuito de mapear a estrutura trinitária e salvífica do seu pensamento. No **Capítulo 3**, procederemos ao exame do *Liber Divinorum Operum*, focando-nos na sua elaboração cosmogônica e na teofania do Amor Divino, que organiza o cosmos e a história.

A partir deste fundamento textual, o **Capítulo 4** explorará a rica simbologia do universo hildegardiano, analisando as imagens, metáforas e arquétipos que conferem materialidade e significado à sua cosmovisão. O **Capítulo 5** aprofundará o princípio estruturante do microcosmo e do macrocosmo, investigando a antropologia teológica de Hildegarda, na qual a unidade corpo e alma, a racionalidade como *imago Dei*, o livre-arbítrio e a vocação espiritual da humanidade são peças-chave para compreender a interconexão entre o humano e o cósmico. Por fim, o **Capítulo 6** examinará a dimensão feminina na criação e na salvação, uma faceta essencial da sua teologia, que se manifesta em figuras como a Sinagoga, a Igreja e na personificação da Sabedoria (Sapientia) e do Amor Divino (Caritas).

O presente trabalho, que dialoga com as obras “*Scivias*” e “*Liber Divinorum Operum*” da mística medieval, possui 44 iluminuras que correspondem às visões que compõem às clássicas obras de Santa Hildegarda. Sendo, trinta e quatro imagens correspondentes ao *SCIVIAS* e dez imagens que compõem *Liber Divinorum Operum*.

Através deste percurso, almejamos não apenas elucidar a coerência interna do sistema filosófico-teológico de Hildegarda de Bingen, mas também destacar a sua atualidade e o seu profundo diálogo com questões perenes sobre o lugar do ser humano no universo e a sua responsabilidade perante a obra divina. Ainda que o intuito da pesquisa seja a importância da voz feminina de Hildegarda de Bingen para a filosofia medieval, não serão negligenciadas as contribuições de importantes filósofos e teólogos da época.

## Capítulo 1: – Hildegarda de Bingen: contexto histórico e intelectual

Neste capítulo, busca-se delinear o contexto histórico, social e intelectual que permitiu a emergência da figura singular de Hildegarda de Bingen, destacando os elementos que contribuíram para a originalidade e profundidade de sua obra.

O século XII representa um período de intensas transformações culturais, sociais e religiosas na Europa Ocidental, marcado por uma efervescência intelectual e espiritual conhecida como o "Renascimento do Século XII" (HASKINS, 1927). Nesse contexto, destaca-se a figura de Hildegarda de Bingen (1098-1179), monja beneditina, teóloga, profetisa e polímata, cuja obra singular atravessa as fronteiras do pensamento medieval, integrando espiritualidade, filosofia natural, medicina e música.

A Europa do século XII foi palco do desenvolvimento de novas instituições acadêmicas, como o emergir de universidades, e do florescimento do método escolástico, que buscava conciliar razão e fé por meio de uma sistematização rigorosa do saber cristão (LE GOFF, 2006). A redescoberta de textos clássicos greco-romanos e árabes, através das escolas de tradução de Toledo e Sicília, ampliou os horizontes intelectuais, favorecendo o diálogo entre teologia, filosofia e ciências naturais (SOUTHERN, 2001). Entretanto, esse ambiente inovador coexistia com fortes limitações sociais, especialmente no que diz respeito ao lugar das mulheres nas esferas do saber e da Igreja.

Esse florescimento intelectual, contudo, não se deu sem tensões. O século XII trouxe um paradoxo: enquanto traduções árabes revolucionavam a medicina, os cânones eclesiásticos continuavam a restringir a atuação feminina. As universidades e os espaços acadêmicos permaneciam quase exclusivamente masculinos, algumas mulheres, como Hildegarda, encontraram nos conventos e mosteiros um espaço para o exercício do pensamento e da autoridade espiritual, criando um cenário perfeito para o emergir de figuras liminares como Hildegarda de Bingen. Seu acesso ao saber contrastava com a proibição formal do ensino feminino nas nascentes universidades como de Paris e Bolonha. Como abadessa do mosteiro de Rupertsberg, Hildegarda liderava uma comunidade religiosa e intelectual, cultivando um espaço alternativo ao monopólio masculino do saber clerical.

Além de sua atuação como líder monástica, Hildegarda manteve correspondência com papas, imperadores, bispos e figuras proeminentes, como Bernardo de Claraval. Essa rede de interlocução evidencia sua inserção nas esferas de poder e influência de seu tempo (FLANAGAN, 1998).

Apesar das restrições impostas às mulheres, Hildegarda construiu uma autoridade baseada em sua experiência visionária, reconhecida como autêntica pela hierarquia eclesiástica. Em 1147, o Papa Eugênio III aprovou e legitimou publicamente suas visões, incentivando-a a continuar seus escritos (NEWMAN, 1987). Suas obras principais — *Scivias*, *Liber Vitae Meritorum* e *Liber Divinorum Operum* — apresentam uma síntese original entre profetismo, cosmologia e ética, fundamentada na revelação divina e ancorada na tradição cristã.

O contexto religioso medieval no qual Hildegarda estava inserida foi profundamente marcado pela busca pela restauração da ordem moral e espiritual da cristandade. A teologia de seu tempo era permeada por um esforço de explicar o cosmos e a humanidade à luz da criação divina e da economia da salvação, isto é, o plano redentor

de Deus para a humanidade, realizado através da encarnação, paixão, morte e ressurreição de Cristo (PELLEGRINO, 2001).

Hildegarda participa ativamente dessa perspectiva, mas com um olhar singular, ampliando o alcance dessa economia salvífica para incluir toda a criação. Para ela, a história da salvação transcende a dimensão antropocêntrica, abarcando igualmente a ordem cósmica em sua totalidade. A relação intrínseca entre o microcosmo humano e o macrocosmo divino constitui o eixo central de seu pensamento teológico. No *Liber Divinorum Operum*, a abadessa desenvolve uma antropologia cósmica na qual o ser humano é concebido como síntese e espelho da criação divina, portador em sua própria natureza dos princípios que regem o universo. Essa visão profundamente holística estabelece uma correlação essencial entre o estado espiritual da humanidade e o equilíbrio cósmico, de modo que o pecado humano não se limita a afetar a alma individual, mas reverbera em toda a estrutura da criação, perturbando sua harmonia fundamental. Desta maneira, a redenção adquire uma dimensão cósmica, onde a restauração espiritual do homem se entrelaça com a renovação de toda a realidade criada. A *viriditas*, conceito central em Hildegarda, manifesta-se assim como força regeneradora que opera simultaneamente no plano humano e cósmico, revelando a unidade profunda da obra divina.

Sua antropologia teológica está profundamente enraizada na concepção do ser humano como microcosmo, espelho vivo e participante ativo da totalidade cósmica. Na obra *Scivias*, Hildegarda desenvolve a noção de que a estrutura humana incorpora e reflete todos os elementos fundamentais da criação divina, estabelecendo uma correspondência essencial entre a natureza humana e o universo. Essa visão de interdependência ontológica fundamenta uma ética rigorosa de responsabilidade e cuidado com o mundo criado, pois segundo seu pensamento, não há ação humana - seja virtuosa ou pecaminosa - que não produza ressonâncias na ordem cósmica. A integridade moral do indivíduo transforma-se assim em condição indispensável para a harmonia universal, revelando a profunda conexão entre o estado espiritual da humanidade e o equilíbrio da criação como um todo. Nessa perspectiva, o ser humano é concebido não como mero habitante do cosmos, mas como seu guardião e mediador ativo, chamado a zelar pela integridade da obra divina através de suas escolhas e ações. A desordem moral aparece então como força desequilibradora que transcende a esfera individual, afetando os próprios fundamentos da realidade criada.

A condição feminina ocupa um lugar fundamental nessa teologia integrada. Vivendo em um contexto patriarcal, Hildegarda soube ressignificar o feminino a partir da tradição cristã e de suas experiências proféticas, elevando-o à categoria de expressão privilegiada da sabedoria divina. Em suas visões, figuras como *Sapientia* (Sabedoria) e *Caritas* (Caridade) emergem como arquétipos sagrados, personificando tanto o amor divino quanto a harmonia cósmica. A Sabedoria, em particular, é apresentada em seu pensamento como princípio criador e ordenador que permeia todas as coisas, dotando a criação de beleza e governando o universo com suavidade maternal. Essa representação do feminino sagrado não apenas desafiava as estruturas hierárquicas de seu tempo, mas também oferecia uma visão alternativa da divindade, onde atributos tradicionalmente associados ao feminino - como acolhimento, intuição e capacidade geradora - eram reconhecidos como dimensões essenciais do divino. Desta forma, a valorização do feminino por Hildegarda transcende uma simples reação ao patriarcado, constituindo-se em elemento chave de sua cosmovisão integradora, onde o princípio feminino aparece como força mediadora entre Deus e a criação, entre o humano e o cósmico.

Hildegarda também propõe uma releitura simbólica da figura de Eva, não apenas como aquela que inaugurou a queda, mas como parte essencial do desígnio salvífico, que culmina na figura de Maria, a nova Eva. A maternidade espiritual e eclesial, representada pela *Ecclesia*, ocupa lugar central em sua teologia, refletindo

uma dimensão feminina da economia salvífica, na qual o cuidado, a fecundidade e a sabedoria tornam-se elementos estruturantes da relação entre Deus e a humanidade.

Além de suas obras visionárias, Hildegarda escreveu tratados médicos e científicos, como o *Physica* e o *Causae et Curae*, nos quais demonstra profundo interesse pela natureza e pela saúde humana, sempre articulados com sua visão teológica. Para ela, as propriedades curativas das plantas, pedras e animais fazem parte da ordem criada por Deus, sendo expressão concreta da interligação entre corpo, espírito e cosmos.

Portanto, o contexto histórico e intelectual do século XII não apenas condicionou, mas também possibilitou a emergência da voz singular de Hildegarda de Bingen. Em meio às tensões entre tradição e inovação, autoridade e mística, exclusão e protagonismo feminino, Hildegarda soube elaborar uma teologia visionária que integrou cosmologia, ética, espiritualidade e antropologia. Seu pensamento transcendeu os limites institucionais de seu tempo e permanece como um testemunho do poder transformador da experiência espiritual e do saber feminino na tradição cristã ocidental.

## Capítulo 2: *Scivias*

Durante um longo período, a clássica obra de Hildegarda de Bingen *SCIVIAS* - abreviação de *Scito vias Domini*, ou *Conhece os Caminhos do Senhor* permaneceu a mais conhecida de todas as suas obras. Durou cerca de dez anos (1141-1151) para ser concluída, *SCIVIAS* é adornada por esplêndidas iluminuras e um manuscrito primitivo que é resultado de um chamado profético de Hildegarda e endereçados a uma audiência largamente clerical e monástica. Seus escritos possuem estilo e estrutura singulares. O texto possui 26 visões que estão divididas em três livros de extensão totalmente desigual que lidam respectivamente com as ordens da criação, da redenção e da santificação. Cada visão possui uma organização complexa, mas uniforme. A sibila do Reno sempre inicia com uma descrição simples e breve do que foi visto por ela. Algumas vezes, a visão é interpretada por uma voz divina ou por uma figura dentro da visão. Ela interpreta as suas visões alegoricamente e após isso, acrescenta ensinamentos que classifica em itens numerados o que pode estar sendo sugerido pela visão. No final de cada visão, sua interpretação é introduzida pela frase: “E ouvi uma voz vinda do céu dizendo...” e a partir desse ponto, a visão torna-se um texto a ser interpretado frase por frase. Esta obra está constituída por símbolos, textos bíblicos que vão narrando as ações divinas na história humana. A obra de Hildegarda é composta por trinta e cinco iluminuras que não se pode atribuir a autoria a ela, pois não possui registros de que ela tenha as feito. Como Bárbara Newman alerta na introdução da sua tradução de *Scivias*, que o leitor deve atentar-se para a correspondência entre o texto e as iluminuras, pois embora elas possuam uma relação íntima, não são exatas e algumas discrepâncias podem ser observadas.

### 2.1. Livro Primeiro: O Criador e a Criação

A primeira parte da obra é composta por seis visões: *A montanha de Deus; A criação e a queda; O universo e seu simbolismo; Alma e corpo; A sinagoga; e O coro dos anjos*. Esse primeiro livro, explora conexões entre macrocosmo e microcosmo (coisas acima e coisas abaixo), o mundo criado e o mundo decaído. Todas as visões deste primeiro livro terminam com a frase: “*Portanto, quem quer que tenha o conhecimento no Espírito Santo e asas da fé, não ignore a minha admoestação, mas experimente-a, abrace-a e receba-a em sua alma.*” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 136)

## **Figura 1 . Aquele que está entronizado**

### *Visão 1: A montanha de Deus*

A primeira visão de *Scivias* inaugura o itinerário místico de Hildegarda de Bingen e estabelece os fundamentos simbólicos que atravessam toda a obra. A aparição do Senhor entronizado sobre a montanha, imagem da eternidade e da estabilidade do reino divino, coloca em evidência a distância ontológica entre Deus e a criatura, mas também a possibilidade de comunicação entre ambos. Essa mediação se dá precisamente por meio da experiência visionária de Hildegarda, cuja corporeidade, sensibilidade e intelecto tornam-se lugar de manifestação do divino.

As virtudes que irradiam da glória de Deus — o Temor do Senhor e a Pobreza de Espírito — não são apresentadas apenas como disposições morais abstratas, mas como atitudes interiores que configuram o próprio modo de recepção da revelação. Nesse sentido, a experiência mística de Hildegarda evidencia uma espiritualidade marcada pela receptividade, pela escuta e pela humildade, características tradicionalmente associadas ao feminino no imaginário simbólico medieval, mas que aqui assumem valor teológico positivo e estruturante.

Ao ser chamada e enviada pelo Senhor para proclamar a justiça divina, Hildegarda ocupa um lugar singular: o de mulher investida de autoridade profética em um contexto eclesial predominantemente masculino. A luz das visões, longe de ser apenas uma iluminação individual, manifesta-se como um princípio legitimador de sua palavra, permitindo-lhe acessar e interpretar o mistério das intenções humanas à luz do juízo divino. Assim, essa primeira visão já antecipa a construção de um sagrado feminino que não se opõe ao divino, mas participa ativamente de sua comunicação histórica, fazendo da mulher um espaço legítimo de revelação, discernimento e transmissão da verdade de Deus.

## **Figura 2. A queda da humanidade**

### *Visão 2: A criação e a queda*

Nesta visão, Hildegarda de Bingen apresenta, por meio de uma elaboração alegórica extensa, a queda de Lúcifer e de seus anjos — figurados como lâmpadas vivas ou estrelas — bem como a queda do primeiro casal humano. A narrativa articula o drama cósmico da rebelião angélica com a história da humanidade, inserindo a mulher em um lugar simbólico de grande densidade teológica. Eva surge envolta por uma nuvem luminosa repleta de estrelas, imagem que a identifica como *mater omnium viventium*, mãe de todos os viventes ainda por nascer, cujas existências estão destinadas a preencher o lugar deixado pelos anjos decaídos. Essa representação confere ao feminino uma função restauradora no plano da criação e da salvação.

Ao comentar o relato do Gênesis, Hildegarda realiza um deslocamento interpretativo significativo ao relativizar a culpa de Eva e atribuir maior responsabilidade ao diabo como agente principal da queda. Tal leitura, incomum no contexto medieval, permite uma revalorização simbólica da mulher, afastando-a da imagem exclusiva de origem do pecado e reinserindo-a no horizonte da misericórdia e do desígnio divino. A luz das visões, nesse sentido, ilumina uma compreensão do feminino não como causa da ruína, mas como parte integrante do processo de restauração.

A partir da figura do primeiro casal, a sibila do Reno desenvolve reflexões sobre a sexualidade, o matrimônio e a ordem moral da vida humana. Embora reafirme hierarquias tradicionais, como a supremacia masculina, Hildegarda também enfatiza a noção de mutualidade e complementariedade entre homem e mulher, afirmando que ambos foram criados um para o outro. Essa perspectiva sugere uma antropologia relacional, na qual o feminino possui dignidade própria e função indispensável na economia da criação.

Além disso, ao afirmar que Deus, mesmo após a queda, livrou a humanidade por meio da castidade, da humildade, da caridade e de outras virtudes, Hildegarda associa a restauração da ordem perdida a qualidades espirituais frequentemente vinculadas ao universo simbólico feminino. Assim, esta visão contribui de modo decisivo para a construção de um sagrado feminino que participa ativamente da história da salvação, não apenas como destinatário da redenção, mas como sinal e instrumento da misericórdia divina que preserva, promete e restaura a harmonia da criação.

### **Figura 3. O Universo**

#### *Visão 3: O cosmo*

Nesta visão, Hildegarda de Bingen apresenta a imagem do ovo cósmico como representação simbólica do universo estruturado em camadas, revelando uma compreensão orgânica e dinâmica da criação. O ovo figura como metáfora da totalidade viva, em contínuo processo de gestação e manifestação, sugerindo que a realidade criada contém em si potências ainda não plenamente reveladas. À luz das visões hildegardianas, essa imagem expressa uma concepção do cosmos como organismo vivo, sustentado e permeado pela ação divina.

A alegoria do ovo permite a Hildegarda narrar, de modo simbólico, a própria história da relação humana com Deus e com seus desígnios. A estrutura em camadas articula os quatro elementos primordiais — fogo, terra, ar e água — integrando-os em uma ordem harmônica. O fogo luminoso, situado na camada superior, simboliza a presença ativa de Deus; o fogo sombrio, associado à terra, remete ao purgatório; o céu mais puro, identificado com o éter, corresponde à fé; e a camada úmida, que nutre e sustenta todo o conjunto, evoca o batismo e a purificação espiritual. Essa última dimensão, marcada pela fertilidade e pela capacidade de nutrir, assume especial relevância para a compreensão do sagrado feminino, uma vez que associa a obra divina à lógica do cuidado, da geração e da preservação da vida.

Embora a forma do ovo evoque, à primeira vista, imagens de nascimento e de gestação, Hildegarda esclarece que sua simbologia se refere sobretudo às etapas da história humana. A descrição da figura — “pequena no topo, larga no meio e estreita na base” — corresponde às fases do desenvolvimento espiritual da humanidade, revelando uma leitura teleológica do tempo e da criação, conduzidos pela providência divina.

No *Liber Divinorum Operum*, essa mesma lógica simbólica é retomada por meio da imagem da esfera, correlacionada às proporções do corpo humano. Aqui, a correspondência entre macrocosmo e microcosmo torna-se explícita, reafirmando a convicção hildegardiana de que o ser humano reflete, em sua própria estrutura, a ordem do universo. A distinção entre o ovo e a esfera não indica contradição, mas complementaridade: enquanto o ovo evidencia a diversidade e a hierarquia dos elementos, a esfera expressa com maior precisão a harmonia das proporções cósmicas.

A visão se encerra com uma crítica contundente à astrologia, à magia e às práticas divinatórias. Para Hildegarda, os astros são criaturas submetidas à vontade de Deus e não detêm poder autônomo sobre o destino humano. A tentativa de submeter a vida à determinação dos corpos celestes é interpretada como expressão de orgulho espiritual e abertura às seduções do mal. Tal posicionamento revela a centralidade da liberdade humana e da ação divina na ordem do cosmos, ainda que se reconheça, em sua obra médica *Causae et Curae*, uma aparente tensão, ao admitir uma influência lunar sobre os ritmos naturais do corpo.

Assim, esta visão contribui de maneira significativa para a construção do sagrado feminino em Hildegarda, ao articular imagens de geração, nutrição e organicidade como princípios estruturantes da criação. A luz que emana do ovo cósmico não apenas ordena o universo, mas também revela um modo de pensar o divino em chave relacional e vital, no qual o feminino simbólico se apresenta como mediação entre Deus, o cosmos e a humanidade.

**Figura 5** A alma e seu tabernáculo

**Figura 6.** Fugindo aos dardos do diabo

#### *Visão 4: A alma e o corpo*

A visão intitulada “Alma e corpo” apresenta-se como uma estrutura tripartida, na qual Hildegarda de Bingen articula narrativa simbólica, reflexão antropológica e exortação moral. Inicialmente, a mística constrói um relato de caráter mítico que descreve a caminhada de uma alma no além, imagem que funciona como síntese da condição humana e de sua inserção na história da salvação. Essa travessia simbólica é marcada por obstáculos e provas, refletindo as etapas fundamentais do drama salvífico cristão: criação, queda, redenção e consumação final.

Ao narrar o percurso da alma, Hildegarda oferece uma leitura profundamente integrada da existência humana, na qual corpo e alma não se opõem, mas cooperam no processo de salvação. Essa concepção afasta-se de dualismos rígidos e reforça uma antropologia unitária, em que o corpo participa ativamente da experiência espiritual. Tal perspectiva contribui para a construção do sagrado feminino em sua obra, uma vez que valoriza dimensões tradicionalmente associadas ao feminino simbólico — como a corporeidade, a sensibilidade e a mediação entre o visível e o invisível — sem reduzi-las à inferioridade espiritual.

A caminhada da alma descrita por Hildegarda reflete, simultaneamente, o itinerário da humanidade desde a queda do primeiro casal até o juízo final. A história individual e a história universal da salvação entrelaçam-se, indicando que cada existência humana participa de uma dinâmica cósmica mais ampla. Nesse sentido, a salvação não é concebida como evento isolado ou puramente interior, mas como um processo relacional, no qual as escolhas morais do indivíduo reverberam na ordem criada.

Para a sibila do Reno, o caminho da salvação, embora permeado por tentações, não é excessivamente complexo. Ele exige, sobretudo, o afastamento dos vícios e a adesão concreta às virtudes, entendidas não apenas como disposições morais, mas como forças vivificantes concedidas por Deus e ativadas pela cooperação humana. Conhecer a vontade divina e viver em conformidade com Cristo constitui, assim, o núcleo da vida espiritual.

A dimensão ética da visão reforça a responsabilidade do ser humano como guardião de si mesmo e da criação. Ao integrar alma e corpo em um único movimento salvífico, Hildegarda reafirma uma espiritualidade encarnada, na qual o cuidado com a vida moral, com o corpo e com o mundo assume valor teológico. Desse

modo, a visão “Alma e corpo” contribui decisivamente para a compreensão da luz das visões hildegardianas, ao revelar uma antropologia relacional e integral, na qual o sagrado feminino se manifesta como princípio de unidade, mediação e fidelidade à ordem divina.

### **Figura 7. A Sinagoga**

#### *Visão 5: A sinagoga*

A visão intitulada “*A Sinagoga*” apresenta-se de forma concisa, porém densamente simbólica. Nela, Hildegarda de Bingen personifica o povo da antiga aliança sob a figura feminina da Sinagoga, recurso alegórico recorrente na tradição cristã medieval. A Sinagoga é apresentada como aquela que gera, de modo indireto, a encarnação de Cristo e, por isso, ocupa um lugar materno na economia da salvação, sendo descrita simbolicamente como “mãe” da encarnação e, conseqüentemente, como figura antecedente à Igreja.

Essa personificação feminina insere-se diretamente na construção do sagrado feminino em Hildegarda, pois atribui à mulher-símbolo um papel central na história da revelação divina. Ainda que a visão reflita concepções teológicas e estereótipos próprios do século XII — especialmente no que diz respeito à interpretação cristã do judaísmo —, ela não se limita a uma simples oposição entre Sinagoga e Igreja. Antes, estrutura-se como uma alegoria dos diferentes momentos históricos da relação entre Deus e a humanidade.

A Sinagoga é descrita como cega e rejeitada em razão de sua incredulidade, sendo superada pela Igreja, a nova noiva de Cristo. Tal representação corresponde à teologia da substituição predominante no medievo. Contudo, Hildegarda suaviza essa oposição ao representar figuras fundamentais da tradição judaica — como Abraão, Moisés e os profetas — acolhidas nos braços da Sinagoga. Esses personagens, embora pertencentes à antiga aliança, são apresentados como testemunhas legítimas da revelação divina e participantes do desígnio salvífico, pois lhes é concedido contemplar a beleza da nova noiva, a Igreja.

A dimensão feminina da visão é particularmente significativa: tanto a Sinagoga quanto a Igreja são representadas como mulheres, o que revela uma leitura da história da salvação mediada por figuras femininas simbólicas. Essa opção imagética reforça a compreensão de que o feminino, em Hildegarda, não se restringe a uma condição biológica ou social, mas atua como princípio teológico capaz de expressar continuidade, fecundidade e mediação entre Deus e o mundo.

No desfecho da visão, Hildegarda afirma que os judeus retornarão ao caminho da salvação, indicando uma perspectiva escatológica de reconciliação. Essa afirmação confere à visão um caráter menos definitivo e mais processual, sugerindo que a história da salvação permanece aberta à conversão e à restauração. Assim, mesmo

inserida em um contexto marcado por tensões religiosas, a visão da Sinagoga aponta para uma compreensão dinâmica do plano divino, no qual a justiça e a misericórdia de Deus operam ao longo do tempo.

Dessa forma, “*A Sinagoga*” contribui para o eixo central da dissertação ao revelar como Hildegarda utiliza imagens femininas para narrar os grandes movimentos da história sagrada. A mulher simbólica torna-se, mais uma vez, portadora da memória, da promessa e da transição entre os tempos, reafirmando o papel estruturante do feminino na teologia visionária da abadessa do Reno.

### **Figura 8.** O coro dos Anjos

#### *Visão 6: O coro dos Anjos*

A última visão do primeiro livro, intitulada “*O Coro dos Anjos*”, apresenta uma complexa representação da hierarquia celeste por meio de nove coros angélicos, os quais estabelecem uma profunda analogia com a natureza humana. Ao descrever o que lhe é revelado, Hildegarda não se limita à contemplação imagética, mas oferece uma interpretação teológica detalhada do significado de cada ordem angélica, integrando cosmologia, antropologia e espiritualidade.

Os anjos e arcanjos simbolizam, respectivamente, o corpo e a alma humana, indicando a unidade constitutiva do ser humano. Já os querubins e serafins representam o conhecimento e o amor de Deus, expressões máximas da proximidade com o divino. As cinco ordens intermediárias, por sua vez, são associadas aos cinco sentidos, revelando que a experiência sensível não é excluída da vida espiritual, mas participa ativamente da relação entre o humano e o sagrado. Essa leitura reforça uma visão integrada da existência, na qual corpo, sentidos e espírito são ordenados harmonicamente.

Hildegarda afirma ainda que a hierarquia celeste “acima” reflete e fundamenta a hierarquia eclesiástica “abaixo”, estabelecendo uma correspondência direta entre a ordem divina e a organização da Igreja. Tal concepção manifesta a lógica do microcosmo e do macrocosmo, central em seu pensamento, na qual o humano espelha o divino e participa da ordem cósmica.

Visualmente, a visão é descrita como semelhante a uma mandala, composta por nove círculos concêntricos que giram em torno de um centro vazio. Esse vazio não indica ausência, mas a presença infável de Deus, que escapa a toda forma e delimitação. A estrutura circular sugere movimento, harmonia e plenitude, remetendo à dinâmica da criação e à constante orientação de todas as coisas para o centro divino.

No contexto da construção do sagrado feminino, essa visão revela um aspecto essencial da teologia hildegardiana: a mediação do divino por meio da ordem, da harmonia e da relação. A imagem circular, associada tradicionalmente à totalidade, à fecundidade e à geração, reforça uma simbologia frequentemente vinculada ao feminino. Assim, o sagrado não se manifesta de forma hierárquica e rígida, mas como um sistema relacional e dinâmico, no qual cada elemento ocupa um lugar significativo.

Dessa forma, “*O Coro dos Anjos*” encerra o primeiro livro de *Scivias* reafirmando a visão holística de Hildegarda, na qual o cosmos, o ser humano e o divino se encontram profundamente interligados. A hierarquia angélica, longe de ser apenas uma estrutura celeste abstrata, torna-se expressão simbólica da vocação humana à harmonia, ao conhecimento e ao amor, iluminados pela presença divina que tudo sustenta.

## 2.2. Livro Segundo: O Redentor e a Redenção

No segundo livro, Hildegarda se preocupa com os sacramentos da redenção. Aqui nesta parte do livro estão concentradas sete visões: *O Redentor*; *A Trindade*; *A Igreja, Noiva de Cristo e Mãe dos fiéis*; *A confirmação*; *As três ordens na Igreja*; *O sacrifício de Cristo e a Igreja*; e *O diabo*. Todas as visões que compõem este livro terminam com a seguinte frase: “*Mas, aquele que vê com os olhos vigilantes e ouve com ouvidos atentos acolha com um beijo as minhas palavras místicas, que procedem de mim que sou a vida.*” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 229)

### Figura 9. O redentor

#### *Visão 1: O Redentor*

Na primeira visão que inaugura a segunda parte de *Scivias*, Hildegarda retoma temas centrais já apresentados na obra, como sua vocação profética, a criação e a queda do ser humano. Entretanto, na visão intitulada “*O Redentor*”, a ênfase desloca-se para a Segunda Pessoa da Trindade, Cristo, aprofundando a dimensão cristológica de sua teologia. Se anteriormente a autora havia refletido sobre Eva e a atuação do diabo, nesta visão a relação simbólica central passa a ser estabelecida entre Cristo e Adão, delineando o contraste entre o primeiro homem e o novo Adão. Nesse movimento, Hildegarda insere a redenção em uma lógica relacional, na qual a fragilidade humana encontra resposta na ação restauradora do Verbo encarnado.

A experiência visionária é narrada a partir de uma autocompreensão marcada pela humildade e pela fragilidade corporal, elementos que remetem diretamente à linguagem simbólica do feminino. Hildegarda descreve a si mesma não como alguém dotado de força ou autoridade própria, mas como uma “tenra e frágil costela”, animada pelo sopro divino:

E eu, uma pessoa que não incandesce com a força de fortes leões nem é ensinada por sua inspiração, mas uma tenra e frágil costela imbuída de um sopro místico, vi um fogo ardente, incompreensível, inextinguível, inteiramente vivo e inteiramente Vida, com uma chama em si da cor do céu, que ardia abrasadoramente com um suave respiro, e que era tão inseparável dentro do fogo ardente como as vísceras o são dentro de um ser humano. (Hildegarda de Bingen. 2015, pg. 217).

Essa autodefinição não deve ser compreendida como simples retórica de submissão, mas como uma estratégia teológica que valoriza a receptividade, a abertura e a capacidade de acolhimento como lugares privilegiados da revelação divina. O feminino, nesse sentido, aparece como espaço simbólico onde a Palavra eterna pode ser percebida e transmitida, não pela força, mas pela docilidade ao Espírito.

O fogo contemplado por Hildegarda simboliza a eternidade da Palavra, o Logos vivo que antecede e sustenta toda a criação. Após criar o primeiro ser humano, Deus lhe oferece o “doce preceito da obediência”, figurado simbolicamente como uma flor. A incapacidade de Adão de acolher plenamente esse dom conduz à queda, introduzindo a ruptura na ordem criada. A obediência, aqui, não é apresentada como submissão cega, mas como harmonia com a vontade divina, enquanto o mal é compreendido como privação e afastamento dessa ordem.

Nesse horizonte, Hildegarda interpreta o conhecimento do bem e do mal não como uma armadilha diabólica, mas como um dom concedido por Deus à humanidade. Tal concepção reforça a centralidade do livre-arbítrio em sua antropologia teológica, conferindo ao ser humano — homem e mulher — a responsabilidade pelo discernimento moral. A redenção, operada por Cristo, aparece então como restauração dessa capacidade ferida, recolocando a humanidade em consonância com o desígnio divino.

Assim, a visão do Redentor articula criação, queda e salvação a partir de uma linguagem profundamente simbólica, na qual o feminino emerge como lugar de mediação entre Deus e a humanidade. A fragilidade assumida pela profetisa, a imagem da flor oferecida e não colhida, e o fogo eterno acolhido pela visão compõem um imaginário no qual o sagrado feminino se manifesta não como oposição ao masculino, mas como princípio relacional, gerador e receptivo, essencial à economia da salvação segundo Hildegarda de Bingen.

#### **Figura 10.** A Trindade na unidade

##### *Visão 2: A Trindade*

Na segunda visão, a Trindade é representada na miniatura como uma unidade. Assim como na cristandade, Hildegarda enxerga a Trindade como o uno. Assim como ela pontuou na quarta visão do primeiro livro *A alma e o corpo*:

Aquele que nega o Filho não adora o Pai, e aquele que não conhece o Pai não ama o Filho, e aquele que rejeita o Espírito Santo não tem nem o Pai e nem o Filho, e aquele que não adora o Pai e o Filho não recebe o Espírito Santo. Por conseguinte, a Unidade deve ser compreendida na Trindade, e a Trindade na Unidade. Ó humano, podes estar vivo sem um coração, e sem sangue? Da mesma maneira, não se deve crer que o Pai seja sem o Filho ou sem o Espírito Santo, ou que o Filho seja sem eles. Para a redenção da humanidade o Pai enviou o Filho ao mundo, e a seguir, retomou-o para si mesmo, à maneira de alguém que dá vazão aos pensamentos de seu coração e, em seguida, recolhe-os para si. (Hildegarda de Bingen. 2015, pg. 192).

Na iluminura dessa visão temos a imagem do Redentor representando um só Deus. Temos Cristo representando a união de Deus pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, pois foi ele que desceu dos céus se revelando à humanidade através da encarnação. Pai, Filho e Espírito Santo para Hildegarda representa a unidade e a inseparabilidade dessas Pessoas. Nesta visão, a autora apresenta três semelhanças provenientes das coisas criadas: Uma pedra com sua umidade, solidez e poder. Uma chama com sua luz, cor e calor e uma palavra com seu som, sopro e significado. Assim como não se pode separar as qualidades da pedra, da chama e da palavra não se pode separar Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

### Figura 11. Mãe Igreja

#### *Visão 3: A igreja, Noiva de Cristo e Mãe dos fiéis*

Esta visão inaugura um conjunto de quatro que se articulam em torno da figura de *Ecclesia* e da teologia dos sacramentos, oferecendo um exemplo particularmente expressivo de como Hildegarda de Bingen constrói, em suas visões, uma linguagem simbólica na qual o feminino se torna lugar privilegiado de manifestação do sagrado. Estruturada em quatro imagens dispostas em uma iluminura de grande riqueza simbólica, a visão apresenta a Igreja não como uma abstração institucional, mas como uma realidade viva, personificada em um corpo feminino que participa ativamente da obra da salvação.

No primeiro quadro, *Ecclesia* aparece como noiva de Cristo, abraçando o altar. Essa imagem evidencia a dimensão relacional do sagrado, na qual a união entre Cristo e a Igreja é expressa por meio de uma simbologia nupcial feminina. O feminino, nesse contexto, não é passivo, mas mediador da graça, pois é no seio da Igreja que o mistério divino se torna acessível à humanidade. No segundo quadro, *Ecclesia* é representada em atitude de parto, imagem que reforça a centralidade do feminino como princípio gerador da vida espiritual. A maternidade simbólica da Igreja revela como Hildegarda associa o feminino à fecundidade salvífica, tornando-o eixo estruturante da economia da redenção.

A terceira imagem, na qual os cristãos recém-batizados aparecem mudando de pele, remete ao renascimento espiritual proporcionado pelo batismo. Essa transformação é mediada pela *Ecclesia*, reafirmando seu papel feminino como espaço de regeneração e cuidado. Já na quarta cena, Cristo instrui os neófitos sobre os dois caminhos — o da justiça e o do pecado —, indicando que a graça recebida exige uma resposta ética. A Igreja, enquanto figura feminina, acompanha e orienta esse processo formativo.

Nos ensinamentos derivados da visão, Hildegarda afirma que o batismo é acessível a todos, independentemente de idade ou sexo, o que reforça a dimensão inclusiva da salvação. Ao sublinhar que a eficácia do sacramento não depende da santidade do ministro, mas da invocação da Trindade, a autora desloca o foco da autoridade hierárquica para a ação divina mediada pela Igreja. A virgindade de *Ecclesia*, frequentemente evocada por

Hildegarda, simboliza a integridade da fé e sua inviolabilidade diante da heresia, sem anular sua fecundidade espiritual.

Dessa forma, esta visão contribui de modo decisivo para o tema central da dissertação, ao evidenciar como Hildegarda constrói o sagrado feminino como espaço de mediação entre Deus e a humanidade. O feminino, representado pela *Ecclesia*, emerge como portador de luz, vida e regeneração, articulando maternidade, pureza e autoridade espiritual em uma síntese teológica singular no contexto do século XII.

#### **Figura 12.** A confirmação

##### *Visão 4: A confirmação*

A quarta visão, intitulada *A Confirmação*, dá continuidade ao itinerário sacramental iniciado com o batismo e aprofunda a compreensão hildegardiana da ação do Espírito Santo na vida da Igreja. Nessa visão, o poder do Espírito é simbolizado como uma torre elevada que sustenta e eleva a figura feminina da *Ecclesia*. A imagem da torre, associada à força, estabilidade e proteção, revela que o feminino eclesial não subsiste por si mesmo, mas é continuamente fortalecido pela presença vivificante do Espírito.

Ao representar o Espírito Santo como aquilo que sustenta e eleva *Ecclesia*, Hildegarda constrói uma imagem na qual o feminino se torna espaço de acolhimento e manifestação da energia divina. A Igreja, personificada como mulher, não apenas recebe a ação do Espírito, mas é por ele capacitada a permanecer firme e a exercer sua missão salvífica no mundo. Dessa forma, o sagrado feminino aparece novamente como mediação visível de uma realidade invisível, iluminada e sustentada pela graça divina.

A visão enfatiza que, após a purificação do batismo, os fiéis devem receber o Espírito Santo por meio do sacramento da unção com o óleo, reservado ao bispo. O óleo, símbolo de consagração e fortalecimento espiritual, reforça a ideia de continuidade entre os sacramentos, concebidos como etapas progressivas da vida cristã. Nesse processo, a *Ecclesia* feminina assume o papel de guardiã e transmissora da graça, tornando-se o lugar onde a ação do Espírito se concretiza historicamente.

Hildegarda, contudo, adverte que os sacramentos, embora essenciais para a salvação, não operam de modo automático ou isolado. Eles devem ser acompanhados pelo arrependimento sincero e pela prática das boas obras. Essa ênfase ética revela que a luz transmitida pelos sacramentos exige uma resposta existencial do fiel.

Assim, a construção do sagrado feminino não se limita à dimensão simbólica, mas se estende à responsabilidade moral que estrutura a vida cristã.

Dessa maneira, a visão *A Confirmação* reforça a compreensão de que o feminino, representado por *Ecclesia*, é sustentado, elevado e iluminado pela ação do Espírito Santo. Em Hildegarda, o sagrado feminino emerge como espaço de fortaleza espiritual e de dinamismo salvífico, no qual a graça divina se manifesta e se perpetua na história por meio da vida sacramental e da conversão interior.

### Figura 13. O corpo místico

#### *Visão 5: As três ordens na Igreja*

Na quinta visão, Hildegarda apresenta o *corpo místico* da Igreja por meio de uma iluminura profundamente simbólica, na qual a figura feminina da *Ecclesia* surge revestida de uma luz radiante e multicolor. Cada tonalidade que compõe esse corpo luminoso corresponde a um estado de vida dentro da Igreja: a transparência cristalina representa o sacerdócio; o brilho róseo da aurora simboliza a virgindade; a púrpura evoca a imitação monástica da paixão de Cristo; e o fulgor nublado refere-se à vida secular. A Igreja, assim figurada como mulher luminosa, torna-se o espaço onde as diversas vocações se articulam harmonicamente, compondo um único corpo espiritual.

Essa visão reafirma a concepção hierárquica da Igreja própria do pensamento medieval, ao estabelecer distinções entre as ordens espirituais e seculares. Hildegarda compara essa hierarquia à relação entre o dia e a noite, afirmando que aqueles dedicados à vida espiritual ocupam uma posição superior em relação aos seculares, assim como os arcanjos se distinguem dos anjos. No entanto, essa hierarquia não é apresentada como rígida ou imutável: a autora admite a possibilidade de ascensão de uma ordem inferior para uma superior, desde que orientada por uma autêntica conversão interior, embora rejeite qualquer movimento inverso.

Ao tratar das *três ordens na Igreja*, Hildegarda desenvolve um conjunto amplo de ensinamentos, nos quais o sagrado feminino se manifesta de modo particular. A autora enfatiza o sacerdócio e o celibato clerical, elogia a vida dos cônegos regulares e apresenta uma visão profundamente poética da virgindade. Esta é descrita por meio de imagens associadas à música, às flores e à beleza feminina, revelando que, em sua teologia, a virgindade não é mera renúncia, mas expressão de uma plenitude espiritual que participa da harmonia divina.

Para Hildegarda, as virgens ocupam um lugar singular na economia da salvação, pois são elas que possuem o privilégio de entoar a “nova canção” no paraíso. Tal imagem reforça a associação entre o feminino consagrado e a música celeste, elemento recorrente em sua obra. A virgindade, nesse contexto, ultrapassa a letra da Lei para cumprir os chamados “conselhos da perfeição”, configurando-se como uma forma elevada de participação na vida divina.

Embora reconheça que os monges ocupem um grau espiritual mais elevado do que os sacerdotes, Hildegarda admite que também possam ser ordenados e pregar, caso a necessidade da Igreja o exija. Essa flexibilidade

revela que, para a mística, o valor espiritual não reside apenas na posição institucional, mas sobretudo na intenção interior. Por essa razão, Deus considera mais a disposição do coração do que o hábito exterior. Tal princípio orienta também sua posição sobre as crianças oblatas, que só podem ser oferecidas à vida monástica com o próprio consentimento, e sobre os monges renegados, que devem ser reconduzidos aos mosteiros de origem.

No âmbito da vida conjugal, Hildegarda afirma que os casais não podem separar-se para assumir votos monásticos, exceto se essa decisão for tomada de comum acordo, preservando assim a ordem moral e a responsabilidade mútua. Por fim, a autora aborda o tema do suicídio, que define como um pecado grave e irreversível, caracterizando-o como uma blasfêmia contra o Espírito Santo, pois expressa o desespero diante da misericórdia divina.

Essa visão evidencia, de forma particularmente expressiva, como Hildegarda constrói o sagrado feminino a partir da imagem luminosa da *Ecclesia*. A mulher revestida de luz não é apenas símbolo da Igreja institucional, mas manifestação visível da diversidade de vocações que, unidas, refletem a ordem divina. Assim, o feminino aparece como princípio integrador, capaz de harmonizar hierarquia, beleza, disciplina e misericórdia, iluminando a estrutura da Igreja e revelando sua vocação espiritual no mundo.

**Figura 14.** O sacrifício de Cristo e a Igreja

**Figura 15.** O alimento da vida

*Visão 6: O sacrifício de Cristo e a Igreja*

A sexta visão, a mais extensa de toda a obra, ocupa um lugar central na construção simbólica do pensamento hildegardiano ao articular, de modo profundamente imagético, a natureza da Eucaristia e do sacerdócio. Nessa visão, a pintura apresenta Cristo suspenso na cruz, imagem que Hildegarda interpreta como o matrimônio místico entre Cristo e a Igreja. No momento em que o Filho está elevado na cruz, *Ecclesia*, sua noiva predestinada, desce dos céus para unir-se a ele, recebendo como dote o seu corpo e o seu sangue. Assim, a cruz torna-se não apenas instrumento de redenção, mas também lugar nupcial, no qual se consuma a união entre o divino e o humano.

Essa leitura nupcial da cruz insere o feminino no centro da economia sacramental. Ecclesia, figurada como mulher-esposa, não é um elemento passivo da salvação, mas participante ativa da obra redentora. Cada celebração da Missa, segundo Hildegarda, renova esse vínculo matrimonial: a Igreja oferece ao Pai o dote recebido do Filho, atualizando sacramentalmente sua união com Cristo. Dessa forma, a liturgia eucarística é compreendida como um gesto relacional e fecundo, no qual o feminino assume a função de mediação entre Deus e a humanidade.

Os ensinamentos desenvolvidos nessa seção abrangem temas de teologia eucarística, prática litúrgica, comunhão, exigências para o sacerdócio, ética sexual e penitência. No âmbito da teologia eucarística, Hildegarda enfatiza a consagração dos dons, aproximando-se da doutrina posteriormente sistematizada por São Tomás de Aquino, ainda que sem recorrer ao vocabulário aristotélico ou ao termo *transubstanciação*. Para a mística, o mistério eucarístico é real e eficaz, operando a transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo.

Na prática litúrgica, Hildegarda confere especial destaque ao nascimento virginal de Cristo, utilizando a Virgem Maria na Anunciação como modelo para os sacerdotes. Assim como Maria, ao pronunciar seu *fiat*, consagrou o Verbo em seu ventre, o sacerdote, ao pronunciar as palavras da consagração, torna presente o corpo de Cristo no altar. O trigo do pão eucarístico simboliza, segundo a autora, a pureza da carne virginal de Cristo. Em contraste, o pecado original é associado à mancha da sexualidade desordenada; por isso, o corpo e o sangue de Cristo devem estar livres de qualquer insinuação sexual, pois são eles que purificam a carne pecaminosa dos mortais. Nessa lógica simbólica, o feminino virginal — representado por Maria e por Ecclesia — aparece como espaço de geração, pureza e redenção.

Hildegarda passa então a tratar dos aspectos rituais da Eucaristia, especialmente a partir da segunda pintura da visão, que ilustra diferentes tipos de fiéis: os crentes firmes, os duvidosos, os impuros e sensuais, os maliciosos e invejosos, e os belicosos e despóticos. A comunhão, afirma a mística, atua de acordo com a qualidade da fé e do arrependimento de cada um, podendo tornar-se meio de salvação ou de julgamento. Assim, a Eucaristia não opera de modo automático, mas exige uma disposição interior adequada.

Ao abordar o sacerdócio, Hildegarda condena práticas como a simonia — a compra e venda de cargos eclesiásticos — e o pluralismo, isto é, a acumulação de benefícios por um único clérigo. Ela reafirma os critérios tradicionais para o exercício do sacerdócio: deve ser masculino, adulto e fisicamente apto; o sacerdote não deve possuir esposa, pois sua dedicação deve ser exclusiva à Igreja e à justiça divina. Ainda que essas exigências reforcem estruturas institucionais masculinas, o sacerdócio aparece subordinado, simbolicamente, à mediação feminina da Igreja, que é a verdadeira esposa de Cristo.

Na seção dedicada à ética sexual, Hildegarda associa a proibição do matrimônio clerical a uma série de desvios morais, entre os quais enumera o travestismo, a fornicação, a homossexualidade, as relações consideradas “não naturais”, como a masturbação, a bestialidade e a poluição noturna. Esses pecados conduzem ao tema final da visão: a confissão e a penitência. Para a mística, a confissão possui um caráter vivificante, pois ressuscita o pecador da morte espiritual. Ela admite que, em situações emergenciais, a confissão possa ser ouvida por um leigo, mas insiste no poder concedido aos sacerdotes de ligar e desligar. Contudo, condena severamente o abuso dessa autoridade quando exercida com ira, negligência ou interesse pessoal.

Assim, a sexta visão articula de maneira exemplar a construção do sagrado feminino no pensamento de Hildegarda. Ao representar a Igreja como esposa, mãe e mediadora sacramental, a mística insere o feminino no centro da vida litúrgica e da economia da salvação. A luz que emana de Ecclesia, unida a Cristo na cruz e renovada na Eucaristia, revela um feminino sagrado que não apenas recebe a graça, mas a oferece, a transmite e a torna visível no mundo.

**Figura 16.** O diabo é atado

**Figura 17.** O tentador

### *Visão 7: O diabo*

Na imagem da última visão do segundo livro, intitulada “O diabo”, Hildegarda representa o mal de forma visualmente impactante, porém teologicamente limitada. O diabo aparece acorrentado e figurado como um dragão multicolor, símbolo da multiplicidade dos vícios e das tentações que atuam sobre a humanidade. A variedade cromática da figura demoníaca sugere a capacidade do mal de se disfarçar e de seduzir sob diferentes formas, contrastando com a luz ordenadora que caracteriza as manifestações divinas ao longo das visões.

Assim como em outras visões, Hildegarda divide os cristãos em categorias de acordo com o grau de fé, justiça e disposição moral. O ataque demoníaco, contudo, não se dá de maneira uniforme: sacerdotes e monges são tentados de modo distinto dos leigos, enquanto os hereges aparecem como aqueles que já se encontram inteiramente sob o domínio do mal. Essa diferenciação reflete a concepção hildegardiana de que quanto maior a responsabilidade espiritual, mais sutil e intensa é a ação do inimigo.

Apesar da aparência ameaçadora do diabo, a imagem deixa claro que seu poder é restrito. As correntes que o prendem indicam que o mal não possui autonomia ontológica, mas existe apenas como privação do bem e sob permissão divina. No desfecho da visão, os santos pisoteiam o dragão, reafirmando a vitória final da ordem divina sobre o caos.

Em diálogo com o tema do sagrado feminino, essa visão reforça, por contraste, a centralidade da dimensão feminina como espaço de restauração e de resistência espiritual. Enquanto o diabo aparece fragmentado, multiforme e desordenado, as figuras femininas que atravessam a obra — como *Ecclesia*, *Sapientia* e *Caritas* —

são associadas à unidade, à fecundidade e à luz que reconduz a criação à sua harmonia original. Assim, a derrota do diabo não se dá apenas pela força, mas pela ação contínua de um princípio relacional e vivificante, no qual o feminino ocupa um papel decisivo na economia da salvação.

### 2.3. Livro Terceiro: *A História da Salvação Simbolizada por um Edifício*

Na terceira e última parte do livro, Hildegarda de Bingen apresenta uma estrutura dupla: histórica e moral. A maioria das visões contidas nesta parte, desenvolve a imagem de um complexo edifício alegórico denominado “o edifício da salvação”, que é sustentado pela divindade e habitado pelas Virtudes, todas elas descritas por nomes e atributos femininos. Pela descrição de suas paredes, de seus pilares e torres, Hildegarda traça nesta última parte as idades sucessivas da história da salvação, da criação chegando até o julgamento final, e as suas personificações das Virtudes permite apresentar uma teologia da vida moral. Aqui, estão concentradas treze visões: *Deus e a humanidade*; *O edifício da salvação*; *A torre da prelibação da vontade de Deus*; *A coluna da Palavra de Deus*; *O zelo de Deus*; *O muro de pedra da antiga Lei*; *A coluna da Trindade*; *A coluna da humanidade do Salvador*; *A torre da Igreja*; *O Filho do Homem*; *Os últimos dias e a queda do Anticristo*; *O novo céu e a nova terra e*; *Sinfonia dos bem aventurados*, sendo que a última é terminada em uma sinfonia de louvor para os moradores do Céu. Todas as visões deste livro terminam com a seguinte frase: “*Mas, que aquele que tem ouvidos aguçados para ouvir os significados interiores, ame ardentemente minha reflexão e anseie por minhas palavras, e inscreva-as em sua alma e consciência*” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 468)

**Figura 18.** Aquele que está sentado no trono

**Figura 19.** As estrelas caídas

.

Esta visão é composta por duas imagens complementares: Deus entronizado sobre um círculo em movimento eterno e a queda das estrelas. A primeira parte da visão remete diretamente ao mistério da criação da humanidade. Hildegarda descreve Deus sustentando junto ao peito “algo semelhante a um charco negro e imundo, do tamanho de um coração humano, circundado por pedras preciosas e pérolas” (HILDEGARDA DE BINGEN, 2015, p. 449). A imagem expressa, de forma paradoxal, a condição humana: frágil e obscurecida pelo pecado, mas ao mesmo tempo portadora de um valor inestimável aos olhos de Deus, envolta pela luz da graça.

As estrelas decaídas simbolizam o décimo coro de anjos que caiu com Lúcifer. A humanidade é criada, segundo a interpretação hildegardiana, para ocupar o lugar desses anjos, razão pela qual o “coração humano” é mantido tão próximo do peito divino. Mesmo na queda, quando as estrelas se desfazem em pó, as luzes que delas se desprendem não se extinguem, mas retornam ao seio de Deus. Essa imagem sustenta a ideia de que o diabo “caiu sem herdeiro”, e que Deus, em sua misericórdia, reutiliza essa herança de luz na criação de um novo povo destinado à comunhão com Ele.

Em consonância com a construção do sagrado feminino presente ao longo das visões, essa cena ressalta uma lógica de acolhimento, gestação e restauração. O gesto divino de guardar a humanidade junto ao peito evoca uma simbologia maternal, na qual a criação é sustentada não pela força, mas pelo cuidado e pela proximidade amorosa. Mesmo marcada pela pequenez e pela inclinação ao erro, a humanidade é assumida por Cristo na Encarnação, dignificando a condição humana de tal modo que nenhum anjo poderia desprezá-la.

Por fim, a visão sublinha a distinção fundamental entre anjos e seres humanos: enquanto os anjos caídos permanecem irremediavelmente afastados, aos humanos é oferecida a possibilidade do arrependimento e da conversão. Assim, Hildegarda associa a justiça divina à misericórdia, integrando o juízo à esperança, e reafirma que a história da salvação se constrói a partir da fragilidade acolhida e transformada pela luz de Deus — um traço essencial da sua compreensão simbólica do feminino como espaço de redenção.

### **Figura 20.** O edifício da salvação

#### *Visão 2: O edifício da salvação*

Na segunda visão do terceiro livro de *Scivias*, Hildegarda contempla o chamado “edifício da salvação”, uma imagem arquitetônica densa de simbolismo teológico. A iluminura apresenta um edifício de forma quadrangular, descrito pela autora como retangular, situado no interior de um círculo e edificado no seio da montanha de Deus. Essa localização indica que a salvação se encontra firmemente ancorada na fé e no temor do Senhor, fundamentos espirituais que sustentam toda a economia salvífica. Hildegarda identifica quatro expressões

históricas da fé — a fé de Adão, de Noé, de Abraão e Moisés, e, por fim, a fé na Santa Trindade, manifestada na encarnação do Filho — como os alicerces sobre os quais esse edifício se ergue.

E sobre aquela montanha achava-se um edifício de quatro lados, formado à semelhança de uma cidade cercada por quatro muros; estava situada em um ângulo, de modo que um de seus cantos voltava-se para o leste, outro está de frente para o oeste, outro para o norte e outro para o sul. O edifício tinha um muro ao redor, mas feito de dois materiais: um era uma luz brilhante como a luz do céu e o outro eram pedras unidas. Esses dois materiais encontravam-se nos cantos leste e norte, de modo que a parte brilhante do muro passava ininterruptamente do canto leste para o canto norte, e a parte pétreia ia do canto norte, ao redor dos cantos leste e sul, e terminava no canto leste. Contudo, aquela parte do muro era interrompida em dois lugares, no lado oeste e no lado sul. (Hildegarda de Bingen. 2015, pg. 471).

O edifício da salvação possui um duplo significado: ele representa, simultaneamente, o percurso histórico da redenção e o conjunto das verdades e virtudes que cada cristão deve assimilar para alcançar a salvação. A imagem arquitetônica, organizada e harmoniosa, reflete uma concepção relacional da fé, na qual o progresso espiritual se dá por etapas, num movimento contínuo de amadurecimento e responsabilidade moral.

A descrição detalhada do edifício revela quatro muros orientados segundo os pontos cardeais. O muro que se estende entre o leste e o norte destaca-se por ser formado por uma luz resplandecente, enquanto os demais são construídos de pedras unidas. A parede luminosa simboliza o conhecimento do bem e do mal, entendido não como mera informação, mas como discernimento reflexivo. Trata-se de um saber interior, comparável a um espelho, no qual o ser humano se reconhece e avalia suas próprias ações. Essa dimensão reflexiva do conhecimento moral remete diretamente ao livre-arbítrio, elemento central da antropologia hildegardiana.

As paredes de pedra, por sua vez, representam a carne humana, suas fragilidades e tribulações, bem como a lei e as obras de justiça. Hildegarda sugere, assim, que o conhecimento moral não pode existir de forma abstrata ou isolada, mas deve ser acompanhado pela ação concreta e pela prática das virtudes. A salvação, portanto, é edificada pela integração entre interioridade e prática, entre discernimento e compromisso ético.

A simbologia dos quatro pontos cardeais reforça essa leitura dinâmica da história da salvação. O leste e o oeste representam, respectivamente, a aurora da redenção e o ocaso da antiga lei; o norte e o sul simbolizam a queda e a restauração de Adão. Ao serem lidos no sentido anti-horário, os pilares do edifício revelam as sucessivas alianças entre Deus e a humanidade: Adão ao sul, Noé a leste, Abraão e Moisés ao norte, e Cristo a oeste, como plenitude e cumprimento de todas as promessas.

À luz do sagrado feminino, essa visão pode ser compreendida como a representação de um espaço simbólico de gestação espiritual. O edifício da salvação, construído no interior da montanha de Deus, evoca uma imagem de acolhimento, maturação e cuidado, características recorrentes na simbólica feminina de Hildegarda. A salvação não se impõe de modo violento ou abrupto, mas é edificada progressivamente, como uma obra viva, sustentada pela fé, iluminada pelo discernimento e fortalecida pelas virtudes — elementos que, na teologia visionária hildegardiana, encontram no feminino um princípio estruturante de mediação entre o humano e o divino.

**Figura 22.** As cinco virtudes

*Visão 3: A torre da prelibação da vontade de Deus*

Na terceira visão, intitulada “**A torre da prelibação da vontade de Deus**”, Hildegarda prossegue a exploração do edifício da salvação, agora seguindo o movimento simbólico no sentido anti-horário. A autora detém-se, inicialmente, na chamada “torre da prelibação”, que representa a antecipação da perfeita vontade divina, plenamente manifestada na encarnação do Verbo e prefigurada, em sua origem histórica, na aliança abraâmica da circuncisão. Essa aliança é interpretada por Hildegarda não apenas como um prenúncio do batismo, mas também como um sinal de disciplina corporal e sexual, no qual a progressiva purificação da carne conduz à perfeita virgindade de Cristo e de Maria.

No interior de cada parte do edifício, Hildegarda contempla e descreve grupos de virtudes, todas apresentadas sob forma feminina, adequadas a cada etapa específica da história da salvação. As virtudes ocupam um lugar central em seus ensinamentos, não sendo compreendidas como simples qualidades naturais do ser humano, mas como dons divinos — “estrelas brilhantes dadas por Deus, que resplandecem nas ações humanas”. A autora afirma ainda que “a humanidade é aperfeiçoada pelas virtudes, que são os feitos das pessoas que agem por Deus” (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 499), destacando o caráter cooperativo da vida moral.

A compreensão hildegardiana do termo latino *virtus* reforça essa perspectiva: a palavra comporta os sentidos de “poder” e “energia”, ambos plenamente assumidos pela mística. Na tradição cristã, as virtudes são as disposições da alma que orientam o agir reto, implicando um esforço moral contínuo. Contudo, Hildegarda enfatiza que as virtudes não atuam de maneira automática ou independente; elas exigem a cooperação consciente da pessoa que as recebeu de Deus, numa dinâmica de sinergia entre graça divina e liberdade humana.

É nesse ponto que o feminino adquire uma função teológica decisiva. Ao atribuir forma feminina às virtudes, Hildegarda não recorre a um recurso meramente alegórico, mas expressa uma concepção segundo a qual o feminino simboliza o espaço da colaboração fecunda entre Deus e a humanidade. O feminino torna-se, assim, o princípio mediador por excelência da economia da salvação, lugar onde a ação divina se encarna e se torna visível na história.

No centro da torre, a autora identifica cinco virtudes principais: Amor Celestial, Disciplina e Modéstia, associadas à vida ascética; Misericórdia, vinculada de modo especial ao nascimento de Cristo pela Virgem Maria; e Vitória, que simboliza o triunfo sobre o diabo. Ao redor dessas virtudes centrais, surgem outras figuras, como a Paciência, relacionada ao amor sofredor de Cristo, e o Desejo ou Saudade, descrito como memória das aflições de onde se originou (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 509), portando o crucifixo como sinal de identificação com a paixão.

À luz do sagrado feminino, essa visão revela uma antropologia espiritual na qual a salvação se realiza por meio de um processo gradual de interiorização das virtudes, concebidas como forças vivas, luminosas e geradoras. O feminino, longe de ser um elemento secundário, emerge como o eixo simbólico que sustenta a cooperação entre graça e liberdade, corpo e espírito, história e eternidade, confirmando seu papel estruturante na teologia visionária de Hildegarda de Bingen.

**Figura 23.** A coluna da palavra de Deus

**Figura 24.** A virtude do conhecimento de Deus

#### *Visão 4: A coluna da Palavra de Deus*

A quarta visão deste livro é “*A coluna da Palavra de Deus*” também é uma continuação do Edifício da Salvação. Essa coluna se encontra atrás da Torre da prelibação da vontade de Deus.

Então, do outro lado da torre da prelibação da vontade de Deus, um côvado além do canto que está voltado para o norte, ligada ao lado externo da parte brilhante do muro principal do edifício, vi uma coluna da cor de aço, a mais terrível de se ver, e tão grande e tão alta que eu não podia fazer-me ideia de suas medidas. E a coluna estava dividida, da base ao cimo, em três lados, com arestas agudas como uma espada; a primeira quina estava voltada para o leste, a segunda para o norte e a terceira para o sul, e a última estava um tanto fundida com o muro externo do edifício. (Hildegarda de Bingen. 2015, pg. 515).

Junto à ponta ao norte, fica a coluna da Palavra, que significa tanto a Palavra encarnada quanto a palavra escrita da Escritura. A palavra de Deus, por sua vez, possui três partes que ela divide como Lei, Graça e explicação da Escritura: Antigo e Novo Testamento e comentário que ela denomina como “a profunda e rica sabedoria dos principais doutores” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 519). Estas três divisões são os três lados, com arestas agudas como uma espada.

Hildegarda viu patriarcas e profetas (do Novo e Antigo Testamento) que foram precursores da palavra de Deus até a chegada de Cristo Redentor. Eles apareceram desde a raiz até os ramos. Na raiz encontrava-se Abraão sentado no primeiro ramo – o tempo da inspiração de Deus começou por ele – em seguida, estava sentado no

ramo, Moisés, Josué encontra-se no terceiro e por fim o resto dos patriarcas e profetas um sobre o outro de acordo com a ordem que estes apareceram na história.

A mística ainda nesta visão viu no interior do edifício uma figura de pé, que na verdade era uma Virtude. Mas, a Virtude dessa visão representa o Conhecimento de Deus, é então uma figura mais divina do que humana. Ela a descreve, como terrível em sua aparência do que qualquer outra virtude, pois esta incorpora o mistério da misericórdia e do julgamento divino ao conduzir os pecadores à graça através do flagelo da calamidade.

### **Figura 25.** O zelo de Deus

#### *Visão 5: O zelo de Deus*

A quinta visão do terceiro livro, intitulada “O zelo de Deus”, introduz um contraste simbólico significativo no conjunto da obra. Hildegarda contempla, atrás do edifício da salvação, uma cabeça de aspecto masculino, avermelhada e dotada de três asas que se movem silenciosamente. A própria mística explica que essa figura assume traços viris, pois “o grande poder de Deus assemelha-se mais à virilidade masculina do que à suave fragilidade feminina” (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 544–545). Tal imagem simboliza a ira divina e o zelo de Deus diante do pecado humano, funcionando como expressão da justiça que vigia, julga e pune.

A cabeça está voltada para o norte, direção que, nas visões anteriores — especialmente em *O edifício da salvação* —, corresponde ao domínio do diabo. Ao orientar-se para esse ponto, a figura manifesta a vigilância permanente de Deus sobre Satanás e seu reino, reafirmando que o mal jamais escapa ao olhar divino. O zelo de Deus, portanto, não é arbitrário, mas ordenado, atento e direcionado à preservação da justiça e da ordem da criação.

A partir dessa imagem, Hildegarda desenvolve uma catequese rigorosa sobre a responsabilidade moral humana. Nenhum pecado permanece impune: se não for expiado pela penitência voluntária, será purgado por meio do sofrimento terreno, do purgatório ou, em última instância, da condenação eterna. Ainda que a vingança divina possa parecer repentina, a autora insiste que Deus age sempre com justiça, pois, diferentemente dos animais privados de razão, o ser humano foi dotado de discernimento para reconhecer o bem e o mal. Assim, a ignorância da lei não pode ser alegada como desculpa.

Nesse contexto, Hildegarda associa a escolha do bem à luta interior, ao esforço e à vigilância espiritual, enquanto o mal é vinculado à teimosia, ao desejo desordenado e à busca do prazer imediato. Pecados que atentam diretamente contra a santidade da Igreja — como o sacrilégio, o roubo de bens eclesiais, a simonia e a retenção dos dízimos — recebem atenção especial, pois, segundo a mística, tais ações profanam a casa e a honra de Deus, despertando de modo particular o zelo e a ira divina.

À luz do tema do sagrado feminino, essa visão adquire um significado teológico ainda mais profundo quando observada em contraste com as imagens femininas predominantes na obra, como Ecclesia, as Virtudes e a Misericórdia. Enquanto o feminino aparece, ao longo de *Scivias*, como espaço de mediação, fecundidade espiritual e cooperação entre Deus e a humanidade, o zelo divino assume deliberadamente uma forma masculina, associada à vigilância, à correção e ao juízo. Essa polaridade simbólica não implica uma hierarquia simples entre masculino e feminino, mas revela uma complementaridade dinâmica: o feminino estrutura o caminho da salvação por meio da geração da vida espiritual e da virtude, enquanto o masculino, nesta visão específica, expressa a dimensão corretiva da justiça divina.

Dessa forma, Hildegarda constrói uma teologia visual e simbólica na qual o sagrado feminino não exclui a justiça, mas é sustentado por ela. O zelo de Deus aparece como o limite necessário que preserva a integridade da ordem salvífica, garantindo que a misericórdia, frequentemente representada por figuras femininas, não se converta em permissividade, mas permaneça integrada à verdade e à justiça divinas.

#### **Figura 26.** O tríplice muro

##### *Visão 6: O muro de pedra da antiga lei*

O A sexta visão do terceiro livro, conhecida como “O muro de pedra da Antiga Lei”, dá continuidade às visões do edifício da salvação, aprofundando a dimensão histórica e moral da economia salvífica. Hildegarda contempla o muro que se estende entre os cantos norte e oeste do edifício, cujo interior apresenta-se arqueado à maneira de um presbitério, embora fechado e íntegro. Cada arco contém a imagem de um ser humano, indicando que a história da salvação está intrinsecamente ligada à condição humana concreta e às suas formas de organização social. Externamente, dois muros menores acompanham essa estrutura principal, formando uma espécie de abóbada protetora, cujas proporções cuidadosamente descritas pela visionária reforçam a ideia de ordem, hierarquia e progressão espiritual (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 559).

O muro situado no eixo noroeste simboliza o percurso da Lei desde o Antigo até o Novo Testamento, isto é, o período que vai da aliança abraâmica à encarnação de Cristo. Trata-se de uma representação visual da pedagogia divina, na qual a Lei antiga prepara gradualmente a humanidade para a plenitude da salvação. As figuras humanas dispostas nos arcos expressam essa história encarnada, revelando que a revelação divina se realiza no interior das estruturas sociais e morais da humanidade.

Hildegarda divide a raça humana em duas grandes ordens — a secular e a espiritual —, cada uma com suas subdivisões internas. Entre os seculares, a nobreza ocupa o grau mais elevado, seguida pelos homens e mulheres livres e, por fim, pelos servos. Entre os espirituais, distinguem-se “os excelentes e os superiores, os obedientes e os impositores” (Hildegarda de Bingen, 2015, p. 570). Essa hierarquização reflete os princípios da sociedade feudal cristã e, para a mística, não se trata de uma convenção meramente humana, mas de uma ordem permitida e sustentada pelo desígnio divino.

A partir dessa estrutura, Hildegarda transmite dois ensinamentos centrais: a necessidade de evitar a anarquia — pois, sem autoridade, a convivência humana degeneraria em violência — e a obrigação de amar e temer tanto a autoridade terrena quanto a divina. Embora o poder espiritual seja apresentado como superior ao secular, ambos são compreendidos como instrumentos da justiça e da misericórdia de Deus no mundo.

À luz do tema do sagrado feminino, essa visão adquire um significado particular quando se observa que o muro, embora feito de pedra — símbolo tradicional da Lei, da solidez e da permanência —, é habitado por virtudes personificadas de forma feminina. O muro não é apenas uma estrutura rígida de normatividade, mas um espaço vivo, no qual o feminino atua como princípio mediador entre a Lei e a vida humana concreta. As oito virtudes que ocupam esse muro — Abstinência, Liberdade, Piedade, Verdade, Paz, Bem-aventurança, Discricção (associada à justiça secular) e Salvação das Almas — aparecem como forças ativas que suavizam, orientam e interiorizam a Lei.

Desse modo, Hildegarda não apresenta a Antiga Lei apenas como um conjunto de prescrições externas, mas como um caminho pedagógico que, progressivamente, é humanizado e espiritualizado pelas virtudes. O feminino, aqui, manifesta-se como linguagem simbólica da interiorização da justiça divina: é por meio das virtudes — concebidas como figuras femininas — que a Lei se torna habitável, fecunda e ordenadora da vida social e espiritual. Assim, o muro de pedra deixa de ser apenas limite e contenção, tornando-se também espaço de formação moral e de preparação para a plenitude revelada em Cristo.

#### **Figura 27. A coluna da Trindade**

##### *Visão 7: A coluna da Trindade*

A sétima visão que compõe a obra, Hildegarda vê uma coluna alta e com cores fortes que simbolizam a Trindade, três figuras divinas que representam um só Deus. A autora apresenta a Trindade com uma realidade viva e eterna. Seus ensinamentos sobre esta visão tendem a mostrar que a Trindade é uma doutrina salvadora que é revelada por Cristo em algum momento da história.

O pilar que aparece no canto oeste desse edifício representa o fim dos tempos proféticos. Ele também é triangular como o pilar da Palavra que aparece na quarta visão, também no terceiro livro. Esse pilar, possui arestas como espadas afiadas que cortam todos os infiéis, são eles: hereges, judeus e pagãos que são simbolizados nessa visão por palha, asas quebradas e madeira podre. Nos ensinamentos dessa visão, Hildegarda acrescenta uma parábola longa, que logo ela interpreta com um ensinamento alegórico dos apóstolos, e ela faz comparações com a Trindade. A mística afirma que o mistério divino deve ser aceito humildemente e não pode ser questionado, bem como, a inseparabilidade das três Pessoas da Santa Trindade. Apesar de serem Pessoas diferentes, ela afirma que elas não são distintas entre si (a essência é apenas uma e a mesma), pois “aquele que gera é o Pai; aquele que nasce é o Filho, e santifica as águas movendo-se acima da superfície deles à semelhança de um pássaro inocente, e jorra com calor ardente sobre os apóstolos, é o Espírito Santo” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 602).

**Figura 28.** A coluna da humanidade do Salvador

*Visão 8: A coluna da humanidade do Salvador*

A oitava visão do terceiro livro, intitulada “A coluna do Salvador da humanidade”, ocupa uma posição central no conjunto simbólico do edifício da salvação. Localizada ao sul do muro, ao lado da coluna da Trindade, essa coluna representa a mediação salvífica operada por Cristo entre Deus e a humanidade. A riqueza imagética da visão destaca-se pela presença da figura divina resplandecente como a aurora, símbolo da luz que inaugura uma nova ordem na história da salvação, e pela dinâmica das sete Virtudes, que sobem e descem continuamente ao longo da coluna.

Hildegarda descreve a Encarnação como o ponto inaugural e decisivo da ação das virtudes. É por meio da humanidade de Cristo que elas descem até os seres humanos, tornando-se acessíveis à vida concreta, e é através de sua divindade que retornam ao céu, reintegrando a criação à ordem divina. Essa circulação contínua expressa uma teologia profundamente relacional, na qual a salvação não se realiza de forma unilateral, mas mediante uma cooperação viva entre a graça de Deus e a resposta humana.

As sete virtudes que estruturam essa visão — Humildade, Caridade, Temor de Deus, Obediência, Fé, Esperança e Castidade — são todas personificadas de forma feminina, reafirmando o papel do feminino como linguagem simbólica privilegiada da ação divina no mundo. Embora a Humildade seja apresentada como a “rainha das virtudes”, é a Caridade que ocupa o lugar de maior destaque, recebendo o discurso mais extenso da visão. Essa centralidade da Caridade reforça a compreensão do amor como princípio unificador da criação e da redenção, e como força que sustenta o movimento ascendente e descendente entre Deus e a humanidade.

À luz do tema do sagrado feminino, essa visão revela com clareza como Hildegarda concebe o feminino não apenas como atributo moral ou simbólico, mas como estrutura mediadora da economia da salvação. As virtudes, concebidas como figuras femininas, tornam-se os canais pelos quais a luz divina se comunica à humanidade e, ao mesmo tempo, os meios pelos quais a resposta humana é elevada a Deus. O feminino, assim, aparece como espaço de sinergia, onde graça e liberdade se encontram.

O ensinamento central da visão concentra-se na cooperação com Deus. Hildegarda afirma que a graça divina jamais abandona o ser humano, nem mesmo o mais endurecido pelo pecado. Contudo, essa graça não anula a liberdade: a vontade humana permanece sempre capaz de aceitar ou rejeitar a salvação. O processo salvífico, segundo a mística, inicia-se com o autoconhecimento despertado pela graça, conduz ao arrependimento e culmina na esperança e na regeneração da vida.

Dessa forma, a coluna do Salvador da humanidade sintetiza de maneira exemplar a antropologia teológica hildegardiana: uma visão na qual o humano é constantemente iluminado pela graça, sustentado pelas virtudes e chamado a participar ativamente do movimento que une o céu e a terra. Nesse dinamismo, o sagrado feminino

emerge como eixo estruturante da mediação entre o divino e o humano, revelando-se como uma das chaves interpretativas centrais da obra visionária de Hildegarda de Bingen.

**Figura 29.** A torre da Igreja

*Visão 9: A torre da Igreja*

Também ao lado sul do edifício da salvação ao lado da “*coluna do Salvador da humanidade*”, estava “*A torre da Igreja*”. Esta torre estava ainda inacabada e dentro dela havia uma multidão de pessoas. A torre inacabada representa a história da Igreja. As setes torrezinhas que aparecem na visão, representam os dons do Espírito Santo, e estas já estão construídas. Esta visão é uma continuação da visão anterior. As virtudes ainda aparecem nesta torre. A Sabedoria é uma colaboradora feminina de Deus na criação da humanidade, ela está no cimo da casa dos sete pilares. Ela precede a justiça, a fortaleza e a temperança. A santidade é a única entre as virtudes que recebe três títulos.

Hildegarda continua nessa visão se ocupando da doutrina da Igreja, enfatizando o papel dos apóstolos e doutores. Como sempre, temos os fiéis divididos em categorias: uns amam e preservam sua veste batismal, outros se sentem constrangidos por ela, porém, continuam a lutar, enquanto outros rasgam e jogam fora as suas vestimentas saindo da Igreja e voltando para o mundo. Mais uma vez nos seus ensinamentos, a autora medieval condena os simoníacos, aqueles que vendem cargos dentro da Igreja, fazendo comparações com coisas roubadas que devem ser devolvidas.

**Figura 30.** O Filho do Homem e as cinco virtudes

*Visão 10: O filho do Homem*

Esta última visão, que encerra e completa a alegoria do edifício da salvação, encontra-se voltada para o canto oriental, lugar simbólico da luz nascente, onde o Filho de Deus aparece entronizado. O Oriente,

tradicionalmente associado à aurora e à manifestação divina, reforça o caráter escatológico da visão e sublinha Cristo como plenitude e cumprimento de todo o percurso salvífico apresentado ao longo da obra.

Nesta visão conclusiva, Cristo é apresentado como modelo e incentivo para que o povo de Deus alcance o autoconhecimento, a disciplina sexual e a obediência, dimensões centrais da pedagogia espiritual de Hildegarda. A mística insiste que a união sexual é legítima apenas quando orientada pelo desejo de geração, reafirmando sua concepção de sexualidade subordinada à ordem da criação. Ao mesmo tempo, ela adverte que a virgindade, por si só, não garante a salvação, sendo necessária a integração entre pureza, virtudes e retidão interior. Essa afirmação relativiza uma compreensão meramente ascética da santidade e reforça a centralidade da intenção e da disposição interior do ser humano.

A visão é acompanhada por cinco virtudes femininas — Constância, Desejo Celestial, Compunção, Desprezo do Mundo e Concordância — que atuam como disposições espirituais necessárias para a plena conformidade da alma com a vontade divina. Assim como nas visões anteriores, a personificação feminina das virtudes reafirma o sagrado feminino como espaço simbólico da cooperação entre Deus e a humanidade, no qual a graça divina se concretiza na vida moral e espiritual.

Na imagem da visão, Cristo aparece apenas do umbigo para cima, um detalhe iconográfico carregado de significado teológico. As partes inferiores do corpo, ocultas, simbolizam as etapas da história da salvação que ainda não se realizaram plenamente, apontando para um horizonte escatológico ainda em aberto. Dessa forma, Hildegarda afirma que, embora a salvação tenha sido inaugurada em Cristo, sua consumação depende da resposta humana e do tempo providencial de Deus.

À luz do tema *A luz das visões de Hildegarda de Bingen: a construção do sagrado feminino*, essa visão final sintetiza toda a estrutura simbólica do edifício da salvação. O feminino, manifestado nas virtudes, permanece como mediação ativa entre o Cristo entronizado e a humanidade peregrina, revelando que a plenitude da salvação não se dá sem a participação consciente, disciplinada e virtuosa do ser humano. Assim, o edifício se fecha não como uma estrutura estática, mas como um caminho espiritual vivo, sustentado pela luz divina e pela resposta humana iluminada pelas virtudes femininas.

### **Figura 31.** O fim dos tempos

#### *Visão 11: Os últimos dias e a queda do Anticristo*

A décima primeira visão possui um caráter explicitamente apocalíptico e concentra-se em três grandes eixos temáticos: as cinco épocas ferozes vindouras, a trajetória do Anticristo e a violação seguida da restauração da Igreja. Nessa visão, Hildegarda mobiliza uma simbologia densa para interpretar o futuro da história humana e o drama espiritual que envolve a Igreja, novamente personificada no feminino.

A imagem visionária é composta por três painéis. No painel superior esquerdo aparecem cinco feras, localizadas ao norte, região que, ao longo de *Scivias*, corresponde ao reino do diabo. Essas feras representam cinco tipos de governos futuros, marcados pela corrupção moral e pelo afastamento da justiça divina. O cão feroz simboliza governantes de natureza agressiva e impetuosa, ainda que não totalmente hostis à justiça de Deus. O leão amarelo representa líderes belicosos, que promovem guerras incessantes sem consideração pela ordem divina. O cavalo pálido simboliza aqueles que, submersos em pecados obscenos e no desprezo pelas virtudes, conduzem seus reinos à decadência e à ruína. O porco negro representa governantes afundados na impureza e na miséria moral. Por fim, o lobo cinzento simboliza aqueles que vivem do engano e do roubo, mantendo-se numa ambiguidade moral — nem claramente justos, nem assumidamente perversos.

O segundo grande tema da visão é a figura do Anticristo, apresentado como uma paródia de Cristo. Ele procura enganar a humanidade, imitando a imagem do Salvador, mas não suas obras. Segundo Hildegarda, o Anticristo nasce de uma prostituta que finge ser virgem, sendo possuído pelo diabo desde o ventre materno. Ele realizará falsos milagres, simulará ressurreições, atrairá muitos seguidores, encenará sua própria morte e ressurreição e produzirá falsas escrituras. A mística enfatiza fortemente sua sexualidade desordenada, pois sua origem na fornicção simboliza a corrupção radical de sua missão. Contra ele se levantam Enoque e Elias, que atuam como testemunhas da verdade e denunciam o falso Messias.

O painel inferior da visão trata da violação e da recuperação da Igreja, um dos momentos mais intensos e simbólicos da obra. A Igreja aparece novamente sob a forma feminina de *Ecclesia*, agora violentada pelo Anticristo. Na imagem, uma mulher representa a Igreja, e entre suas pernas surge a cabeça de um monstro diabólico — o próprio Anticristo. Ele emerge do corpo de *Ecclesia* porque, simbolicamente, é ao mesmo tempo seu filho e seu sedutor. Essa imagem extrema expressa a corrupção interna da Igreja, ferida pela sedução do poder, do erro e da falsidade doutrinal.

Apesar de violentada, enganada e ensanguentada, *Ecclesia* não é destruída. Fiel à sua natureza espiritual, ela resiste, sobrevive e, ao final, emerge triunfante. Após suportar a perseguição, a Igreja é vingada por seu noivo, Cristo, que aparece no painel à direita. O Anticristo é finalmente eliminado por um raio vindo do alto, sinal inequívoco da justiça divina. *Ecclesia*, purificada pelo sofrimento, é então reunida a Cristo em um matrimônio restaurado, imagem que retoma o simbolismo nupcial recorrente em *Scivias*.

À luz do tema do feminino, essa visão revela de modo contundente como Hildegarda concebe a Igreja: feminina, vulnerável, capaz de ser ferida, mas também portadora de resistência, fecundidade espiritual e restauração. O feminino não é apresentado como fragilidade passiva, mas como espaço dramático onde se desenrola a luta entre o engano diabólico e a fidelidade divina. Assim, mesmo no cenário apocalíptico, Hildegarda reafirma que o sagrado feminino — personificado em *Ecclesia* — permanece como o lugar onde a salvação é provada, ameaçada e, por fim, vitoriosamente restaurada.

**Figura 33.** O novo céu e a nova terra

*Visão 12: O novo céu e a nova terra*

Trata-se da penúltima visão da obra, na qual Hildegarda revela os acontecimentos que se seguem à derrota do Anticristo. A mística descreve a instauração do Juízo Final, marcado por seus terrores e pelo encerramento definitivo da história da humanidade. Nesse cenário escatológico, o bem e o mal manifestam-se de modo pleno e inequívoco, visíveis na ressurreição dos mortos, que despertam para o julgamento.

Na visão, a sentença divina é pronunciada com absoluta irrevogabilidade. A pena dos malvados é decretada sem possibilidade de apelação, enquanto os descrentes sequer comparecem ao tribunal, pois já se encontram antecipadamente condenados. Em contraste, os justos e os santos são admitidos à glória, recebendo a recompensa prometida.

Cristo surge então em majestade, conservando ainda visíveis os ferimentos da Paixão, sinais permanentes de sua humanidade e de seu sacrifício redentor. A presença dessas chagas abertas reforça a dimensão paradoxal da justiça divina, na qual o juiz é também aquele que sofreu pela salvação da humanidade. Assim, Hildegarda encerra essa visão afirmando que o Juízo Final não é apenas a manifestação da ira e da justiça de Deus, mas também a revelação suprema da misericórdia concedida àqueles que permaneceram fiéis até o fim.

**Figura 34.** Os coros dos bem-aventurados

*Visão 13: Sinfonia dos bem-aventurados*

A décima terceira visão, que encerra a obra *Scivias*, assume a forma de um cântico celeste destinado aos habitantes do céu. Nela, Hildegarda reúne e recapitula os principais significados teológicos, simbólicos e morais desenvolvidos ao longo de todas as visões anteriores. O primeiro cântico é um louvor solene à Virgem Maria, seguida pelos coros angélicos e pelas cinco categorias de santos: profetas, apóstolos, mártires, confessores e virgens. O céu, entretanto, não é composto apenas por figuras de perfeição moral, mas também por pecadores arrependidos, acolhidos pela misericórdia divina.

A segunda parte da visão apresenta-se como um lamento e uma súplica intercessória em favor dos que caíram, reforçando a dimensão compassiva e restauradora da economia da salvação. Já a última parte assume a estrutura

de uma dramatização alegórica, semelhante a uma peça teatral, na qual uma alma penitente realiza uma peregrinação espiritual. Essa alma pede às Virtudes um “beijo do coração”, sinal de comunhão e auxílio divino, mas é advertida de que a salvação exige combate e perseverança. O diabo, por sua vez, tenta seduzi-la com facilidade, conduzindo-a ao pecado.

Hildegarda constrói então um diálogo dramático entre a alma, as Virtudes — personificadas de forma feminina — e o diabo, que se transforma em uma disputa verbal e espiritual. O conflito culmina no arrependimento da alma, momento em que as Virtudes triunfam, derrotam o adversário e o prendem, reafirmando a vitória do bem sobre o mal. Essa cena antecipa, em linguagem simbólica, o drama moral da existência humana e a cooperação entre a graça divina e a liberdade humana.

Após essa dramatização, a autora medieval presta um tributo aos hinos de louvor, ressaltando a importância da música como meio privilegiado de elevação espiritual. Hildegarda destaca instrumentos como a harpa e a flauta, que, para ela, expressam a harmonia original da criação e a ressonância da alma com o divino. Por fim, a mística afirma com veemência a autoridade profética de *Scivias*, advertindo que suas revelações não devem ser duvidadas nem ignoradas: aqueles que rejeitarem suas palavras sofrerão graves consequências, enquanto os que as acolherem e guardarem no coração receberão recompensas divinas.

### Capítulo 3: As visões de: “O livro das Obras Divinas”

A última e maior obra visionária de Santa Hildegarda de Bingen foi o *Liber Divinorum Operum*, o “Livro das Obras Divinas”. Compostas na década de 1163 a 1173, as suas dez visões são as mais complexas do *corpus* de Hildegarda, cada uma revelando diferentes aspectos da Obra de Deus (*opus Dei*), ou seja, tanto a humanidade como toda a criação, desdobrando-se e agindo ao longo da história da salvação.

A filósofa e visionária descreve em um texto autobiográfico que a gênese da obra se fez em suas meditações sobre o Prólogo do Evangelho de João. Cada visão da obra elabora a Palavra dinâmica de Deus, presente antes e depois na criação, tornando-se um ser humano para levar a Obra de Deus (a humanidade e, por extensão, toda a criação) à perfeição. Esta grande visão é o resultado de todo o projeto teológico de Hildegarda e representa a sua formulação mais madura de temas intrínsecos ao seu pensamento. Estas incluem a vocação humana fundamental de compreendermos a nós mesmos e a toda a criação como obra de Deus, e o nosso lugar como agentes cooperativos dessa obra; tal compreensão racional como o meio de conhecer o nosso Criador e cumprir adequadamente a obra para a qual fomos criados; a relação entre a humanidade e o resto da criação como microcosmo e macrocosmo; e a predestinação eterna da Palavra de Deus encarnada irrompendo e se desdobrando através do tempo, conforme revelado tanto nas Escrituras quanto na vida da Igreja.

Dividido em três partes desiguais, o escopo da teologia visionária de Hildegarda é ao mesmo tempo cósmico e próximo - os reflexos da revelação amorosa de Deus sobre si mesmo à humanidade são grandiosos e totalmente íntimos, à medida que a Obra de Deus alcança desde o coração do infinito até cada menor detalhe do mundo criado. Cada visão que compõe esta obra termina com a seguinte frase: “Pois cada homem que teme, que ama a Deus, abre a estas palavras a devoção de seu coração e sabe que se dizem pela salvação dos corpos e das almas dos homens, não por um ser humano, mas por Mim, que Sou o Eu Sou.” (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 150).

#### 3.1. Primeira parte



**Figura 35.** Liber Divinorum Operum I.1:Teofania do Amor Divino. Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 1v (início do séc. XIII).

### *Visão 1: Teofania do Amor Divino*

Esta primeira visão que compreende a estupenda e derradeira obra de Hildegarda, descreve a personificação divina, pois a maravilhosa imagem é vista em forma humana alada, em cores vermelha e dourada, representando o Espírito Santo. De sua cabeça saindo outra cabeça humana anciã, representando o Pai, e em suas mãos um cordeiro, que representa o filho. Abaixo de seus pés sendo pisoteado, uma criatura bestial que simboliza o diabo. O Espírito alado, possui em uma de suas asas uma cabeça humana, na outra um águia que simboliza o desejo do intelecto humano. Sob a inspiração do Espírito Santo, a mente humana se eleva e fixa a tensão de sua vontade em Deus. Portanto, as pessoas espirituais são como espíritos abençoados (angélicos). É o Espírito Santo quem acende o coração humano para amar os outros, simbolizado pela imagem de uma cabeça humana. O efeito da Caridade sobre a humanidade é, na verdade, duplo: leva a amar a Deus acima de tudo e a amar o próximo como a nós mesmos. A caridade é o ápice de todas as virtudes e domina até a fé. O Espírito pisoteia uma figura alongada, obscura, aniquiladora do mal, que simboliza o diabo e todas as coisas que dele vêm. No décimo sexto parágrafo da primeira visão, Hildegarda sugere a partir de suas palavras que, inicialmente, o diabo viu na mulher não fraqueza, mas força, potência. Observando a mulher, ele reconhece que ela se tornaria a mãe do mundo, do grande cosmo. Ele então procurou derrotar Deus em sua obra mais elevada, a humanidade, seduzindo a mulher e, através dela, o homem. Portanto, ele é capaz de exercer o seu poder destrutivo sobre a criação. A miniatura simboliza a inspiração profética e representa uma cartela branca que

pende da figura do Cordeiro, atravessa e penetra o fundo dourado, e depois emerge abaixo como línguas de fogo no recinto onde encontra-se Hildegarda e toca sua cabeça. A mística está escrevendo, tendo como testemunhas seu secretário Wolmar e uma jovem monja beneditina que acredita ser Jutta.

O significado místico por detrás dessa visão refere-se que Deus significou toda a criação humana à sua imagem e semelhança, e após a queda, Ele os reuniu renovados pela bondade e pelo amor através da sua Encarnação (Deus filho) na mesma satisfação que o anjo caído havia perdido. Deus é entendido como Uno na Trindade, pois existe um mistério na fé, na excelência do Amor divino. Essa fé, conduz os humanos de volta ao céu, pois Deus os guia de volta, para a proteção da humanidade. Desta maneira, é entendido que para ser guiado de volta para a vida eterna, deve-se ter fé na tríade. Além da virtude da fé, deve-se ter amor a Deus e ao próximo (não devem ser separados). Aquele que se entrega a Deus com devoção humilde e foi motivado pelo Espírito Santo vence tanto a corrupção interna quanto o diabo.

O ato puro de Aristóteles, o primeiro motor imóvel, aquele causador do primeiro movimento é entendido como Deus para os medievais. Hildegarda de Bingen, atribui a Deus a responsabilidade pela criação do universo. Aqui, Deus não é entendido como um movente, mas sim, como um criador. A figura do diabo representada pela horrível criatura abaixo dos pés do Espírito Santo, representa que apesar do diabo ter possuído grande poder, é Deus quem está no comando, pois Ele o reduziu ao seu estado atual e só pode fazer algo em toda criação, apenas na medida em que lhe é permitido.

Hildegarda retorna ao livro do gêneses para explicar a fala de Deus: “Haja luz!” (Gn 1, 3) na criação. Essa luz a qual se refere, é a luz da racionalidade. É a luz que é retirada dos anjos caídos e atribuída à criação humana. Em *SCIVIAS*, a décima nona visão denominada de *As estrelas caídas*, simboliza o décimo coro de anjos que caiu com Lúcifer, e a humanidade foi criada para substituir esses anjos, por isso Deus segura perto do peito algo parecido com o coração humano. Apesar da queda desses anjos como estrelas cadentes, à medida que essas estrelas caem e viram pó, as luzes que se separam das estrelas não se apagam, voltando ao seio de Deus, fazendo com a ideia de que o diabo “caiu sem um herdeiro”, e Deus usou a sua herança de luz para uma nova criação: a humanidade.

Essa racionalidade atribuída à humanidade designa que o ser humano compreende a ideia de bem e mal e possui discricção e vergonha, intelecto e sabedoria e conhece os caminhos para Deus. Diferentemente dos anjos caídos, Deus criou a humanidade para que estes se arrependam dos seus pecados. Dessa forma, o casal do Éden perdera a sua imortalidade por desobediência ao seu Criador, mas demonstraram arrependimento e Deus misericordioso os lançou no exílio, longe do Paraíso, mas a sua benevolência não os extinguiu do mundo.



**Figura 36.** Liber Divinorum Operum I.2:As Esferas Cósmicas e o Ser Humano.Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 9r (início do século XIII).

### *Visão 2: As Esferas Cósmicas e o Ser Humano*

A segunda visão é a figura do Espírito Santo dilatando e abrindo espaço ao universo, ao cosmo. A luz que emana da roda de fogo espalha a energia divina do espírito entre o mundo dos seres espirituais incorpóreos. Um círculo de fogo claro e um outro de fogo escuro circundam o cosmo. Dentro dele existe uma figura humana: o homem, a figura microcós mica, é colocada ao centro, junto à Terra, símbolo de estabilidade. Aqui, refere-se ao ser humano conforme a intenção divina, em sua perfeição original, representando a estabilidade paradisíaca; o ser humano ereto, reto e justo. Essa figura recebe os ventos que, dos quatro lados, sopram as cabeças de animais – leopardo, leão, lobo, urso, serpente, caranguejo, cervo, cordeiro -, enquanto os planetas lançam raios em direção a estas cabeças e da figura humana. Todas as criaturas dependem do Espírito. É dele que depende também a conexão entre o macrocosmo e o microcosmo. Ao contrário do quadro da primeira visão, o miniaturista colocou Hildegarda sozinha (sem a presença de Wolmar e da jovem monja). Assim será nos demais quadros das demais visões.

O Espírito, sopro de fogo, princípio de vida, agora está privado de asas, mas abre os braços envolvendo no seu abraço o cosmo, constituído de esferas concêntricas. Assim como a rosácea das catedrais góticas, a círculo de círculos do mundo pode ser visto em dilatação, se olhado do centro para a periferia, ou em concentração, se

olhado da periferia para o centro. Em *Scivias*, o universo era descrito por um formato de ovo, representando uma organicidade, a vida, enquanto nesta obra o universo é representado por um formato de roda. A divindade tem a forma de uma roda: completa, inteira, sem começo nem fim; não é limitada nem pelo espaço nem pelo tempo, mas contém todas as coisas dentro de si. A ideia circular, remete a perfeição, união e plenitude tal qual a ideia de Deus. Também encontramos em *Scivias*, redemoinhos e sopros de ventos que animam o ovo cósmico. No *Liber*, os ventos transmitem o sopro da vida e mantêm o equilíbrio das forças cósmicas. Eles emanam do sopro poderoso nas gargantas dos animais. A terra treme em resposta a esses sopros. Existem quatro animais principais que dão origem aos ventos cardeais; o leopardo, o lobo, o leão e o urso. Hildegarda descreve a imagem vista da perspectiva de alguém olhando para o mapa celeste. O leste está no topo, o oeste está na parte inferior, o lado esquerdo é o sul e o lado direito é o norte. Mas o miniaturista, porém, adota a perspectiva terrestre: o sul no alto, o norte embaixo, o oriente à esquerda de quem olha (à direita da figura) e o ocidente à direita de quem olha (à esquerda da figura). O vento do oriente recolhe em si o ar e verte um orvalho suave sobre tudo o que é árido. O vento do ocidente mistura as nuvens e rege seu conter-se e o seu dissolver-se. O vento austral mantém sob o seu domínio o fogo e o impede de incendiar tudo. O vento setentrional detém as trevas exteriores para que não ultrapassem o seu limite. Há, depois, ventos colaterais, que provêm de outras cabeças de animais. São da mesma natureza dos ventos cardeais, mas mais frágeis e os imitam, seguindo as mesmas direções. A energia pneumática dos ventos aciona a dinâmica do mundo. Tem a função de reunir e manter unida a estrutura do cosmo.



*Visão 3: Macrocosmo dos ventos, Microcosmo dos Humores*

A terceira visão desta primeira parte coloca o universo em primeiro plano, agora com a ausência do Espírito Santo. No centro do cosmo, o homem – criatura microcós mica, desta vez, o que fica em evidência são os múltiplos ventos que regulam o mundo corpóreo: que recebe os ventos “que movem o firmamento com o sopro de sua energia... e animam-no com um movimento circular... os humores, no interior do homem, são movidos e transformados” (*liber divinorum operum*). Esta visão do homem no centro do mundo é semelhante ao que Leonardo da Vinci faz quatro séculos depois. A sibila do Reno destaca que o homem é a totalidade da obra de Deus, pois contém em si o mundo material e espiritual, além das funções ao mundo mineral, vegetal, animal e intelectual.

A partir da imagem e da descrição alegórica feita por Hildegarda depreende-se que o universo não tem nada de estático. A filósofa medieval afirma que o universo está em constantes ações e interações que se opõem e que também se equilibram. Os ventos que percorrem a cabeça do leão simbolizam o principal vento sul que é acompanhado de dois ventos juntos às cabeças da serpente e do cordeiro. Esses ‘ventos’ equilibram a energia do universo inteiro sobre a principal criatura de Deus: o homem – pois este é o resumo de toda a Criação. Da mesma forma que os quatro ventos cardeais animam a vida do macrocosmo, os quatro humores animam a vida do microcosmo, que é o ser humano. Trata-se dos fluidos corporais: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. O diferencial da concepção de Hildegarda em relação a toda uma tradição médica e filosófica concernente a este assunto é que para ela é a energia pneumática provinda do Espírito atua na dinâmica e no equilíbrio dos ventos e, por meio destes, dos elementos, concedendo bem estar à terra e atua também na dinâmica e no equilíbrio dos humores concedendo saúde aos seres humanos. O elemento fogo dá ao ser humano o calor, o ar dá o respiro, a água concede o sangue e a terra concede a carne. Ar e fogo correspondem à energia pneumática. O ar acende o fogo e o fogo, por efeito do ar, se difunde e arde em todas as coisas. Assim a respiração mantém o ser humano em vida e concede a difusão do calor por sobre todo o corpo. Graças a essa atuação pneumática (ar-fogo), o sangue se torna fluído e quente. O sangue, por sua vez, irriga a carne do homem. As muitas vicissitudes dos ventos e do ar, do sol e da lua, atuam na dinâmica dos humores, que, por sua vez, interferem nas paixões e nos pensamentos humanos. A integridade e equilíbrio dos humores concede a saúde, a corrupção e o desequilíbrio, a doença. O pecado, no entanto, acarretou a desarmonia no macrocosmo e no microcosmo. O círculo superior cujas emissões são dirigidas aos corpos celestes para os recordar desde o seu pôr-do-sol até o seu nascimento e para moderá-los no seu curso. Os humores da pessoa humana, que recebem suas qualidades do ar e dos ventos que giram ao seu redor; as veias e órgãos internos de todo o corpo humano, e como estão unidos e trabalham juntos em suas diversas funções. Hildegarda explica as razões pelas quais às vezes perdem o equilíbrio e a moderação.

Todos os seres criados servem a um propósito útil não menos na alma do que no corpo, o que significa que se observa que os ventos leste e sul, juntamente com seus colaterais, fazem com que o firmamento gire de leste para o oeste. A partir das múltiplas mudanças dos ventos e do ar, que acontecem devido ao curso variável do sol e da lua ou devido ao julgamento de Deus, uma pessoa também recebe mutabilidade e às vezes encontra variações entre saúde e doença. A mística explica como os humores de uma pessoa são movidos em um

momento de forma mais acentuada e em outro de forma mais suave, cada um de acordo com a maneira de um complexo de certos animais ou feras, a pessoa é afetada pela mudança ou influência desses humores, e os pensamentos internos essa pessoa flutua com variação frequente. A pessoa está mais preparada para agir rapidamente do lado direito porque é onde está o fígado, onde está a fonte de calor; mas como o coração, os pulmões e o pulso respiratório estão localizados no lado esquerdo, a pessoa está mais preparada para carregar fardos.

Esta visão encarrega-se de explicar como o universo interfere na vida do ser humano, como toda a obra de Deus está interligada. Destaca a figura humana, pois é a principal criação de Deus.



**Figura 38.** Liber Divinorum Operum I.4:Cosmos, Corpo e Alma.Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 38r (início do século XIII).

#### *Visão 4: Cosmo, Corpo e Alma: A Palavra Feita Carne*

Esta é quarta e última visão da primeira parte da obra. Na iluminura, é vista ainda o círculo vermelho representando o fogo do Espírito Santo envolto do cosmo. De maneira ampliada, vemos agora a terra. Dentro do

círculo do Espírito Santo, ainda se percebe as cabeças de animais emanando os ventos. O fogo negro contido no segundo círculo é despertado pelo julgamento de Deus ou pela colisão dos ventos e emite uma névoa que murcha o que é verde ou em latim *viriditas* [substantivação abstrata de] *viridis* verde, vigoroso; ela se aplica tanto à natureza quanto ao homem, designando essa energia interna que faz as plantas crescerem e pela qual o homem se desenvolve (Hildegarda de Bingen, 2024, pg.155), pois na terra seus perigos estão às vezes no calor e às vezes nas chuvas torrenciais das nuvens. O miniaturista divide o orbe terrestre em quatro áreas, duas com tons de verde e duas com tons de marrom. A esfera do ar constitui o cenário, também quadripartido, em que aparece a vida humana sobre a terra. As cenas, de um lado, ressaltam a fecundidade da terra, o ar puro e seus efeitos benéficos, junto com a vida laboriosa do ser humano. Mas ressaltam também a contaminação do ar e o envenenamento de árvores e frutos e o adoecimento e as pestes dos animais e dos seres humanos. Percebe-se diante desses emanados de visões que a mística medieval sugere que a terra é redonda e que está em constante transformações.

Para Hildegarda, todos esses fenômenos estão em relação com a alma. A medieval compara a alma como um vento que não vemos e nem ouvimos, apenas sentimos. Ainda afirma que a alma é como uma luz do sol que ilumina o mundo inteiro e que jamais fraqueja e que está inteiramente dentro da forma humana. Os pensamentos humanos fazem com que a alma possa voar em todas as direções: se feitas boas obras, voa em direção ao louvor divino, se feita más obras do pecado, voa em direção norte, as trevas do diabo.

Sobre a racionalidade humana, Hildegarda afirma que ela permite ao homem proferir múltiplas palavras que ressoam como árvore que multiplica seus ramos. Da mesma maneira que os ramos provêm da árvore, a energia humana vem da alma. Para a mística, a alma possui quatro asas: os sentidos, a ciência, a vontade e a inteligência. Hildegarda de Bingen afirma que a alma humana possui duas potências: uma tem prazer no que olha para Deus; a outra envolve seu corpo para trazê-lo à vida e governá-lo.

Assim como as funções da Terra são cumpridas pelo firmamento e pelas diversas qualidades de seus círculos, assim também todo o corpo é dirigido pela cabeça e pelos sentidos que estão mais alertas dentro dela; e seguindo estes, à alma são atribuídos algo fundamental, isto é, a razão, pela qual ela luta pelas coisas do céu, e os outros poderes, pelos quais ela administra o corpo.

### 3.2. Segunda Parte



**Figura 39.** Liber Divinorum Operum II.1:As Partes da Terra: Viver, Morrer e Purgatório.Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 88v (início do séc. XIII).

### *Visão 1: A Terra: Méritos da Vida, Purgatório e Comentário sobre a Criação*

Esta é a quinta visão da obra e a primeira e única visão da segunda parte do livro. Nesta visão a terra representa o homem, e por sua vez, o homem é conduzido à salvação de sua alma pelos cinco sentidos que lhe permitem satisfazer todas as suas necessidades. É uma visão, na qual são descritos com sutileza a órbita da Terra que por sua vez, também é dividida em cinco partes, bem como as dimensões e qualidades dessas partes, que são cheias de admiração, atingidas tanto pela luz e prazer quanto pela punição e escuridão; e dois globos — um cercado por uma cor safira, o outro brilhando com raios luminosos — junto com as coisas situadas ao redor deles.

A sabedoria e o poder de Deus, o Artesão, brilham maravilhosamente no fato de que o elemento terra não é angular, mas redondo e dividido em nem mais nem menos que cinco partes, e com razão ele o suspendeu imóvel no meio dos outros três elementos; e ele enriquece a pessoa humana nesta vida com cinco sentidos — uma figura da divisão quádrupla da terra — e no futuro os restaurará à totalidade a partir do pó da sepultura. Hildegarda de Bingen explora como as cinco divisões da Terra são temperadas pelas suas qualidades inatas e como elas se adaptam aos cinco sentidos da pessoa humana:

A parte que se dirige ao oriente dá à parte central a boa seiva e um vigor cheio de fecundidade. Igualmente, a visão humana, que, quando se volta em direção à origem da luminosidade, assegura ao ser humano, que está entre os elementos, a saúde do corpo e da alma.

A segunda parte, que mira em direção ao ocidente, dá a mesma parte central a umidade, que às vezes é boa e às vezes é nociva, como a audição, que se volta a ocidente quando penetra e estremece o copo inteiro do homem, e lhe anuncia acontecimentos às vezes favoráveis e às vezes adversos, ora a salvação, ora a desesperação da alma.

A terceira parte se volta em direção ao sul, envia dentro da parte central o calor temperado pelo frio sopro dos ventos, como olfato, que experimenta o calor como um vapor faz perceber ao homem o odor das zonas quentes e frias, e infunde nele o perfume que vem dos suspiros do céu

Em contrapartida, a quarta parte que mira em direção ao norte, envia à parte central o frio que vem do norte e o calor que vem do oriente. Como o paladar, que sente as coisas frias e as distingue das quentes e agrada ao homem com os muitos sabores e com a doçura das coisas celestes.

A quinta parte, que está no meio de todas as demais, é fortalecida e consolidada por elas e recebe sua compleição de seus diferentes influxos. Como o tato, que está como que no meio de todos os outros sentidos, se fortalece por eles, uma vez que todos lhe outorgam suas energias e fortalecem sua vitalidade, também assinala a ordenação dos dedos, pois fazem para cumprir as obras que devem levar ao prêmio eterno. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 296).

Hildegarda de Bingen explica as divisões de duas partes da Terra - a do sul e a do norte – e os motivos pelos quais cada uma aparecem divididas em subdivisões adicionais e como elas podem ser entendidas com relação ao corpo, à alma e às obras de uma pessoa. Segundo a filósofa medieval, a quinta parte da Terra é vista no centro, aparece quadrada e dividida em uma divisão tripla, tornando-se inabitável em um lugar pelo calor e em outro pelo frio, e habitável em outro por uma balança; o que é significado por essas coisas na experiência humana.

A mística medieval, explica sobre as qualidades dessas outras quatro partes, em que lugares as punições são reunidas para purgar as almas das pessoas penitentes — em alguns lugares levemente, em outros gravemente, e em outros mais severamente, cada uma distinguida à medida que são examinadas de acordo com os tipos de sua culpa; e porque nas seções intermediárias dessas partes não há punições, mas certos horrores monstruosos. Os julgamentos de Deus que vêm sobre a Terra e os humanos são derramados dos lugares de punição daquelas partes, e contra as punições do inferno e a escuridão são colocadas certas montanhas muito altas e muito fortes, para que não invadam o mundo; e almas são colocadas nessas partes para serem examinadas quanto à qualidade de suas ofensas.

As palavras do Apocalipse do Apóstolo João falam disso, em que quatro eras e suas qualidades, desde a origem do mundo até seu fim, são sutilmente descritas como significadas por quatro cavalos: branco, vermelho, preto e pálido (Ap 6:2-8). Por invejar a glória celestial que a humanidade perdeu, o antigo inimigo sempre se alegra com a punição deles e, portanto, ele pressiona ardentemente a humanidade para infectá-la com o horror do ódio, o assassinato, o crime de sodomia e outros vícios.

Por meio do globo vermelho e das asas que o circundam de cada lado, acima e abaixo, como mostrado nesta visão, são mostrados tanto o ciúme de Deus, pelo qual os pecados são punidos com caridade, quanto suas proteções, pelas quais aqueles que devem ser salvos são defendidos.

### *3.3. Terceira Parte*



**Figura 40.** Liber Divinorum Operum III.1:A Cidade de Deus e o Espelho dos Anjos.Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942,fol. 118r (início do século XIII).

### *Visão 1: A Cidade de Deus e o Espelho dos Anjos*

Essa é a primeira visão da terceira e última parte da obra. É uma visão mística de um edifício mostrado à maneira de uma cidade, de uma montanha e de um espelho que brilha sobre ela, esse espelho na verdade é a radiação da presciência divina:

Sobre o cume da montanha algo resplandece como um espelho, tão luminoso e puro que parece também superar o resplendor do sol, pois na excelência de Deus suas presciências é tão luminosa e transparente, que supera a claridade de todas as criaturas. Nele aparece uma imagem semelhante a uma pomba com as asas abertas, como se estivesse pronta para voar, pois nesta mesma presciência a ordem divina se abre e começa a manifestar-se. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 376-7)

Hildegarda de Bingen explora em sua visão a presciência, predestinação e ordenança de Deus, que conhece todas as coisas desde a eternidade, cria todas as coisas dentro do tempo e examina as obras da criatura racional dentro dos limites do seu julgamento. Os edifícios estão cercados por dois quadrados de cor branca e preta, a branca significa a glória dos fiéis e a preta o castigo dos infiéis. Significa que cada um possui o julgamento justo e separado do outro, de acordo com os caminhos que decidiu seguir.

O espelho no topo da visão, não só erradia uma luz tão pura que ultrapassa até o brilho do sol simbolizando a presciência divina, como também, oculta as maravilhas de Deus. Simboliza o conhecimento divino, que contém em si muitos segredos desconhecidos e manifesta suas maravilhas ao se abrir e elevar, conforme lhe agrada. Nessa parte, portanto, podemos notar que o conhecimento humano possui um limite, desconhecendo o que está acima de toda a criação de Deus. Os seres humanos conhecem apenas o que lhe é permitido por Deus, devendo apenas confiar em sua obra e trabalho, pois possui o discernimento entre o certo e errado, sabe distinguir as coisas úteis das inúteis.

Abaixo do espelho radiante, encontra-se um grupo de espíritos abençoados, os anjos: “alguns da cor de fogo, outros luminosamente transparentes e outros que parecem estrelas”. (Hildegarda de Bingen, 2024, pag. 378). Os que aparecem com cor de fogo são os mais fortes em seus poderes e estes não podem ser removidos de forma alguma de seus lugares, pois estes são os queridos por Deus para contemplar a sua face. Os que são brilhantes se movem de acordo com as obras humanas, que são as obras de Deus. Estes que se aparecem como estrelas simpatizam com os seres humanos e apresentam a Deus às suas obras como um roteiro, estes saem dos seus lugares para acompanhar os seres humanos e sopram aos seus ouvidos o que Deus deseja com palavras de racionalidade, podem ser chamados de anjos, pois estes sempre saem em vários deveres para aparecer para os humanos quando é necessário. Os anjos são agitados por um forte vento soprado ao lado por uma cabeça flutuante. Esse vento é soprado sobre lâmpadas ardentes. Isso carrega uma significação que o espírito de Deus é ardente, e que agita os seus espíritos angélicos em sua zelosa ira contra seus inimigos.



**Figura 41.** Liber Divinorum Operum III.2:A Cidade de Deus na História da Salvação.Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 121v (início do séc. XIII).

### *Visão 2: A Cidade na História da Salvação: Da Criação à Encarnação*

Essa é a segunda visão que compõe a terceira parte da obra. É a visão de uma pedra de mármore, a forma de uma montanha que está estabelecida ao longo do lado leste do edifício da cidade mostrado acima, uma multidão incontável de pessoas que aparece nos trechos lestes e sul do edifício e próxima ao canto leste, duas imagens vestidas maravilhosamente.

Nesta visão, a mística medieval aborda sobre a condenação dos anjos orgulhosos com um julgamento justo aplicado por Deus todo-poderoso e quando a humanidade foi enganada – história de Adão e Eva – Ele veio em seu auxílio com sua amorosa misericórdia. Aqui, a filósofa medieval trata das profecias divinas, mostra que elas se fazem universais e necessárias, o quão importante elas são para a humanidade e que elas nunca foram e nunca estarão ausente em nenhuma época do mundo:

E assim, de geração em geração, ao longo das várias idades da humanidade, resplandeceu como luz entre as trevas, e não deixará de ressoar até o final do mundo com as palavras sobre os inesgotáveis mistérios que o Espírito Santo inspira e que tem sentidos múltiplos. A profecia está no homem tanto na alma como no corpo. Pois, como a alma está escondida no corpo e o governa, assim a profecia que vem do espírito de Deus, superior a todas as criaturas é invisível, no entanto, aplana os vales e tantos quantos se tenham extraviado são reconduzidos por ela ao caminho da retidão. (Hildegarda de Bingen, tradução nossa, pg. 387)

Hildegarda aborda a história da humanidade, desde a criação dos seres microcósmicos que ocuparam o lugar dos anjos rebeldes narrando a salvação dos seres humanos. A princípio ela aborda o tempo que antecede e que sucede o dilúvio. O dilúvio é como um divisor de águas dos primeiros tempos. Antes do dilúvio, os seres humanos viviam numa anomia, sem lei e segundo costumes semelhantes aos das feras e se distanciavam da adoração de Deus. Estes, eram imersos no mundo material, dessa forma, eles eram incapazes de crer no invisível. O dilúvio então, veio para exterminar todos os seres vivos, deixando apenas aqueles que foram salvos na arca de Noé. No fim do mundo, o fogo consumirá tudo. Após o dilúvio, Deus criador faz aparecer no alto do céu o seu arco, como sinal de paz e pacto e também sinal da sua glória e triunfo sobre a malvadeza humana. O tempo que sucede o dilúvio, desta vez é regulado pela lei e assim sucedem vários tempos até o advento do cordeiro, Jesus Cristo. Os sinais da lei mosaica e as profecias do Antigo Testamento representam a futura encarnação do Filho de Deus. Pelo Verbo eterno foram criadas todas as coisas e pelo Verbo encarnado em uma virgem, o ser humano recebe a redenção. Depois da ascensão do cordeiro, Deus enviou o Espírito Santo para fortalecer os dozes apóstolos. Como o número dos ventos e os números dos signos do zodíaco, os apóstolos são em número de doze. Estes pregaram e o mundo inteiro foi iluminado por Cristo e a humanidade foi elevada a um estado melhor. Antes da encarnação, as palavras proféticas eram obscuras e incompreensíveis, depois que Cristo viveu no mundo, elas se tornaram inteligíveis e claras.



**Figura 42.** Liber Divinorum Operum III.3:A Fonte da Obra de Deus:Teofania do Amor Divino, com Humildade e Paz.Biblioteca Estadualde Lucca, MS 1942, fol. 132r (início do século XIII).

### Visão 3: A Fonte da Obra de Deus: Teofania do Amor Divino, com Humildade e Paz

Esta é uma breve visão composta por três imagens femininas, que a saber, são três virtudes: Caridade, Humildade e Paz e uma descrição de sua situação e aparência. A Caridade toma a palavra e narra magnificência das obras que Deus cumpre nos anjos e nos seres humanos, na doutrina dos profetas e dos apóstolos, e exalta com altos louvores a sublimidade das virtudes da sabedoria e da humildade. Tudo aquilo que Deus criou, Ele realizou sob o efeito das três virtudes: caridade, humildade e paz.

As três virtudes surgem de uma fonte. Deus é chamado de *fons saliens* (fonte jorrante). A Caridade é chamada de *fons vivus* (fonte viva). A água e o seu fluir jorrante evoca tanto a ação da alma no corpo quanto a ação de Deus no mundo. A *caritas* (caridade), amor fontal gratuito, é a fonte do próprio criado. A *humilitas* (humildade) está relacionada com a humanidade do ser humano e com a humanidade do Filho de Deus feito homem no ventre da virgem Maria. Todas atuam na redenção do ser humano pelo Filho de Deus encarnado. O pecado de Satanás não pode ser perdoado, pois nele a soberba não deixa espaço ao arrependimento, mas a humildade no ser humano abre caminho para o perdão: reconhecendo os próprios limites criaturais (ser finito, frágil como um vaso de barro, composto de alma e corpo), o ser humano pode receber a redenção. Da atuação da caridade e da humildade surge a paz.



**Figura 43.** Liber Divinorum Operum III.4: Sabedoria e o Antigo Conselho diante da Cidade de Deus. Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 135r (início do século XIII).

#### *Visão 4: A Sabedoria e o Antigo Conselho Desdobrando-se nas Obras de Deus*

Essa é uma visão mostrada pelo miniaturista por duas imagens, ambas estão com um brilho maravilhoso. A Sabedoria é a figura que está vestida de verde – alusão à *viriditas*, o verdor, a vida e a beleza múltipla de sua aparência significam todos os tipos de criação, que Deus estabeleceu com diversas naturezas e aparências de coisas. A figura alada é a potência divina, designa Deus todo-poderoso e o que é expresso pelo brilho no lugar de sua cabeça, a cabeça humana aparecendo no meio de sua barriga, e seus pés que são como pés de leão. As duas figuras se manifestam na história como a última transformação da figura ígnea da primeira visão que compreende esta obra. O mal é a escuridão que se alastra pelo oeste em forma de nuvens de fumaça que está a ameaçar a cidade.

A sabedoria aparece na beleza da virgindade. Ela está vestida com veste verde, pois revela a significação da vida de todas as coisas criadas. A onipotência divina é a figura portadora de seis asas, com um rosto esplendoroso. Em seu ventre há uma cabeça de homem, que faz alusão ao antigo conselho, ou seja, à decisão originária de Deus, da encarnação do seu Filho. Nota-se que a cabeça em seu ventre ocupa a mesma posição que o cordeiro na primeira imagem desta obra. Esta figura possui os pés de leão, pois existe uma crença de que o leão apagava as suas pegadas. Dessa forma, a encarnação de Deus Filho aconteceu em segredo e permaneceu oculta ao diabo. O leão é símbolo de Cristo, da sua força e da sua realeza. As seis asas são uma alusão à obra dos seis dias e às épocas da história da salvação. O seu corpo é todo encoberto de escamas de peixe. O peixe é um animal puro. Também é símbolo de Cristo. O nome grego para peixe – ICHTÝS- servia como acrônimo, aludindo ao título: *Iesus Christòs Theoù hYuiòs Sotér* (Jesus Cristo, filho de Deus salvador). A encarnação de Cristo é a maior obra da onipotência divina, da sua caridade. É a consumação da história da humanidade, é o redentor e doador da paz.



**Figura 44.** Liber Divinorum Operum III.5:Amor Divino na Roda. Biblioteca Estadual de Lucca, MS 1942, fol. 143r (início do século XIII).

#### *Visão 5: Amor Divino na Roda: Eternidade e História*

A quinta e última visão do livro apresenta uma grande roda como símbolo da eternidade e da ação contínua de Deus na história. No centro dessa roda encontra-se a figura do Amor Divino (Caritas), manifestando-se de modo distinto das visões anteriores. A circularidade da roda simboliza a eternidade divina, que não possui princípio nem fim, e expressa a plenitude do agir de Deus em todas as obras boas. A ligação entre a cidade dos homens e a realidade divina é representada por uma rocha branca, que remete ao monte apresentado na primeira visão da terceira parte, estabelecendo a conexão entre a história humana e o desígnio eterno de Deus.

Caritas segura uma tábua transparente como cristal, símbolo da Lei natural e da Lei divina, por meio da qual se revelam tanto os juízos de Deus, como no episódio do dilúvio, quanto os diversos estágios da história da salvação, desde a criação até a Encarnação do Verbo. O movimento da roda indica a dinâmica do tempo, no qual as cores representam as sucessivas épocas históricas. A visão dialoga com a teologia paulina da “plenitude dos tempos” (Gl 4,4-5), quando Deus envia seu Filho, nascido de mulher, para cumprir as promessas antigas e renovar todas as coisas por meio da pregação apostólica.

Hildegarda insere também uma leitura crítica de seu próprio tempo, marcado, segundo ela, pela decadência da disciplina apostólica, pela corrupção moral e pela perturbação da ordem dos elementos. A negligência da justiça,

especialmente no interior da Igreja, causa sofrimento ao Corpo de Cristo. O Filho intercede junto ao Pai em favor da humanidade, suplicando pela restauração da justiça e pelo cumprimento do número dos eleitos.

A visão aborda ainda o papel dos apóstolos, que ornamentaram a Justiça com seus ensinamentos e testemunhos, com especial destaque para o apóstolo Paulo, exaltado por suas revelações e, ao mesmo tempo, provado pela enfermidade. Entretanto, Hildegarda lamenta que, nos tempos presentes, as instituições eclesásticas se encontrem progressivamente enfraquecidas, sendo necessário um novo chamado à retidão.

Segue-se a queixa da própria Justiça diante de Deus contra os homens ímpios que desprezam as tradições e corrompem a integridade moral. Apesar disso, Deus, em sua misericórdia, não se esquece dos pecadores arrependidos. A profetisa anuncia que, após um período de julgamentos e tribulações, a justiça será restaurada, a ordem recomposta e a tranquilidade precederá a segunda vinda de Cristo. Nesse tempo, inclusive parte do povo judeu se converterá e reconhecerá o Messias.

A visão também descreve um breve período de paz e abundância espiritual que antecederá novas tribulações. Muitos, porém, atribuirão essa prosperidade a si mesmos e não a Deus, recaindo novamente na tibieza espiritual. Após esse tempo, novas aflições surgirão, mas a graça divina intervirá por meio de milagres, conduzindo novamente à conversão e à expansão da fé.

Hildegarda apresenta ainda o enfraquecimento do poder imperial e a divisão das lideranças eclesásticas, bem como o surgimento de heresias e anúncios da vinda do Anticristo. Este é descrito como instrumento direto do poder diabólico, criado em segredo, instruído nas artes mágicas e capaz de realizar falsos sinais para enganar as pessoas. Ele marcará seus seguidores com um sinal de fidelidade enganosa, afastando-os da verdadeira fé.

Por fim, a visão anuncia a missão futura de Enoque e Elias, que retornarão para pregar contra o Anticristo, realizando prodígios, mas serão martirizados. Após isso, ocorrerá sua ressurreição pública, confirmando a verdade da ressurreição dos mortos. O Anticristo, em sua soberba, será destruído pelo sopro da boca do Senhor. Muitos se converterão, o orgulho do mal será aniquilado e a glória de Cristo será plenamente manifestada.

A quinta visão constitui uma síntese teológica da compreensão hildegardiana da história como espaço de manifestação contínua do Amor Divino. A imagem da roda expressa a articulação entre eternidade e tempo, revelando que todo o curso histórico está submetido ao governo de Deus e orientado para a plenitude da salvação. A presença central de Caritas indica que o amor é o princípio ordenador tanto da criação quanto da restauração final da humanidade.

Ao mesmo tempo, Hildegarda oferece uma leitura crítica de seu próprio tempo, denunciando a decadência moral, a fragilidade das instituições eclesásticas e o enfraquecimento da justiça. Contudo, essa crítica não desemboca no pessimismo, pois a visão reafirma a ação misericordiosa de Deus, que intervém por meio do julgamento, da conversão e da renovação espiritual.

A escatologia apresentada é profundamente dinâmica: o mal se intensifica, mas é definitivamente vencido; o Anticristo se manifesta, mas é destruído pelo poder de Cristo; a Justiça é momentaneamente obscurecida, mas restaurada com maior vigor. Assim, a visão reforça a concepção de que a história não caminha para o caos absoluto, mas para o cumprimento do desígnio divino.

Por fim, a centralidade de *Caritas* confirma que, para Hildegarda, a salvação não é apenas um ato jurídico, mas um processo de restauração amorosa de toda a criação. A visão revela, portanto, uma escatologia marcada pela esperança, pela conversão e pela certeza de que o Amor Divino permanece como eixo estruturante da eternidade e da história.

### 3.4 Reflexões acerca do sagrado feminino em *Liber Divinorum Operum*

As visões iniciais do *Liber Divinorum Operum* revelam, de forma particularmente densa, a originalidade do pensamento hildegardiano ao articular cosmologia, antropologia, teologia e simbólica do feminino sob o primado do Amor Divino. Desde a primeira teofania, fica evidente que a criação, a história e a salvação não são realidades fragmentadas, mas dimensões profundamente interligadas por uma dinâmica vital que emana de Deus e retorna a Ele. Essa dinâmica não é apresentada por Hildegarda como abstrata ou puramente racional, mas como experiência viva, imagética e corporal, mediada por símbolos femininos, cósmicos e pneumáticos.

A centralidade da *Caritas* — que atravessa todas as visões como princípio criador, restaurador e escatológico — permite compreender o feminino não como uma categoria secundária ou meramente metafórica, mas como lugar teológico privilegiado da ação divina. O feminino, em Hildegarda, aparece associado à fecundidade, à mediação, à cooperação entre Deus e a humanidade, e à capacidade de gerar vida, ordem e harmonia mesmo em meio à queda e à desordem. Essa perspectiva desloca concepções hierárquicas rígidas e oferece uma leitura na qual o feminino participa ativamente do desígnio salvífico, não como passividade, mas como potência.

Ao colocar o ser humano no centro do cosmo — como microcosmo que resume e reflete toda a criação — Hildegarda reafirma uma visão profundamente relacional da existência. O corpo, a alma, os humores, os ventos, os astros e os elementos não funcionam de maneira isolada, mas em constante interação. Essa interdependência revela uma ética implícita: o pecado não afeta apenas o indivíduo, mas desarmoniza o conjunto da criação; da mesma forma, a virtude e a conversão restauram não apenas a alma, mas o equilíbrio cósmico. Nesse sentido, o humano é apresentado como responsável pela criação, pois participa de sua ordem ou de sua corrupção.

A presença constante do Espírito Santo como sopro, fogo e energia vital reforça a compreensão de que a história não está abandonada ao acaso ou ao determinismo. Mesmo diante da queda, da doença, da corrupção moral e das ameaças escatológicas, a obra insiste que a graça permanece atuante, sustentando o mundo e convidando o ser humano à cooperação. A liberdade humana, longe de ser anulada pela presciência divina, é reafirmada como espaço de resposta amorosa, arrependimento e transformação.

Por fim, a imagem da roda do Amor Divino sintetiza magistralmente a visão hildegardiana da história: um movimento contínuo entre eternidade e tempo, no qual Deus não apenas julga, mas cura, restaura e reconduz. A história humana, com suas crises e rupturas, é inscrita numa lógica maior, governada pela *Caritas*, que não cessa de agir mesmo quando obscurecida pelo pecado. Assim, a salvação não é apresentada como evento isolado ou puramente futuro, mas como processo dinâmico que atravessa toda a criação.

Dessa forma, a obra de Hildegarda de Bingen oferece uma contribuição singular à reflexão medieval ao integrar feminino, amor, corpo, cosmo e história em uma teologia profundamente simbólica e esperançosa. Sua visão propõe que o Amor Divino não apenas cria e redime, mas estrutura o sentido do existir, revelando que toda a realidade — do microcosmo humano ao macrocosmo universal — encontra sua unidade, finalidade e plenitude na Caritas que tudo move, tudo sustenta e tudo reconduz à vida.

## Capítulo 4 - O Universo e sua simbologia

O universo é conhecido como macrocosmo ou *kósmos* que em grego significa ordem, governo. Essa compreensão inicial estabelece as bases para as interpretações simbólicas que Hildegarda desenvolverá em suas visões proféticas: ordenar, organizar, comportar toda a criação divina, desta forma, universo é a totalidade de tudo que existe. O macrocosmo existe para que todas as coisas criadas por Deus se relacionem e vivam em harmonia.

“De fato, a Superna Palavra, que supera toda criatura, mostrou que todas elas estão sujeitas a ele e obtêm sua força de seu poder, quando ele fez brotar do universo os diferentes tipos de criaturas, brilhando no miraculoso despertar delas, tal como um ferreiro forja formas do bronze; até que cada criatura ficasse radiante com a amabilidade da perfeição, belas na plenitude de seu ordenamento em graus superiores e inferiores, os superiores tornados radiantes pelos inferiores, e os inferiores pelos superiores”. (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 222).

Hildegarda em sua terceira visão do primeiro livro denominada de *O universo e seu simbolismo*, apresenta o que ela entende por universo. No *Scivias*, sua primeira grande obra visionária, Hildegarda apresenta uma representação simbólica do universo em forma de ovo, expressão da dinâmica criativa de Deus: “pequeno no topo, largo no meio e estreito no fundo”. Essa descrição do ovo, além de trazer a onipotência divina, significa também as três fases da história em sua compreensão de Deus. No início a humanidade agia de forma primitiva fazendo-se pequena na compreensão. Em seguida, com a revelação do Antigo e Novo Testamento -com a chegada da Igreja - a humanidade teve seu entendimento alargado. A base estreita significa as dificuldades da compreensão divina que virá com o apocalipse.

É perceptível que a autora medieval se preocupa profundamente com o cosmo. A metáfora do ovo, para Hildegarda, simboliza a organicidade e a vitalidade do universo, que cresce, respira e se renova sob a ação divina. Para a filósofa, não se pode separar Deus, Cristo e a humanidade do cosmo: todos estão ligados entre si e ao universo. O ovo, com seu formato uno, expressa essa interconexão essencial, pois, assim como em um ovo todas as partes coexistem para o bem do todo, também no universo todas as coisas divinas se entrelaçam harmoniosamente. Para Hildegarda, o universo é vivo, dinâmico, surpreendente e sempre renovado, constituindo-se como um verdadeiro templo e altar para a prática das obras de Deus e para a contemplação da criação.

A autora ainda representa os quatro elementos básicos do universo: água, ar, fogo e terra. Enquanto os pré-socráticos se ocupavam de uma *arché*, um elemento unificador para encontrar a origem do universo, a filósofa medieval encontra uma conexão entre o ser humano e a natureza, através dos quatro elementos do cosmo. Newman lembra que, para Hildegarda, o ser humano foi moldado a partir destes elementos do cosmo para receber o esplendor que fora perdido por Lúcifer antes de sua queda. Na primeira camada, temos o fogo ativo que simboliza Deus (fogo), o fogo sombrio que simboliza o purgatório (terra), o céu mais puro, o éter, simbolizando a fé (ar) e a camada úmida que nutre todo o sistema que remete ao batismo e purificação (água). Esses elementos básicos do universo iluminam e fazem mover-se o globo terrestre, a terra onde os humanos habitam.

E no meio desses elementos encontra-se um globo arenoso de grande extensão, rodeado de tal maneira por estes elementos, que ele não pode oscilar em nenhuma direção. Isso evidentemente mostra que, de todas as forças da criação de Deus, a da humanidade é a mais profunda, feita de maneira maravilhosa, com grande glória, do pó da terra e tão entretecida com as forças do resto da criação que ela jamais pode ser separada deles, pois os elementos do mundo, criados para o serviço da humanidade, esperam por ela, e a humanidade. (Hildegarda de Bingen. 2015, pg.146-7).

À medida que sua visão amadurece, Hildegarda abandona a metáfora do ovo e passa a conceber o universo como um globo perfeitamente esférico, espelhando a harmonia e a continuidade da obra divina. Em *Liber Divinorum Operum*, a autora medieval apresenta o universo de uma forma mais científica. Essa evolução simbólica — do ovo ao globo — reflete não apenas uma mudança de perspectiva visual, mas uma compreensão mais profunda da presença ativa e imanente de Deus no cosmos. Na segunda visão de *LOD*, a profetisa medieval representa Deus Filho Encarnado no formato de uma roda como se estivesse se vestindo do universo. Essa metáfora da vestimenta expressa a relação entre Deus e a criação. Quando ela diz que a criação é a "veste da Sabedoria", significa que o mundo criado por Deus revela sua presença e poder da mesma forma que as roupas de uma pessoa sugerem a forma de seu corpo. Ou seja, embora Deus seja invisível em sua essência, Ele se torna visível através da criação. A estrutura do ovo cósmico narrada em *Scivias* simboliza e manifesta a obra de Deus. Notamos essa diferença nas iluminuras da segunda e terceira visões inseridas na primeira parte do livro.

(...) A esfera refere-se exclusivamente à ação de girar, ao exato equilíbrio dos elementos dentro do mundo. Mas, na realidade, nenhuma destas duas imagens tem uma semelhança completa com a figura deste mundo, pois sendo este em todas as suas partes completo, redondo e que gira sobre si mesmo, somente uma esfera completa e giratória imitaria a forma do mundo. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 75).

A partir das imagens e das descrições alegóricas feita por Hildegarda sobre as visões, depreende-se que o universo não tem nada de estático. A filósofa medieval afirma que o universo está em constantes ações e interações que se opõem e que também se equilibram. Hildegarda descrevia o universo como formado por esferas concêntricas que refletiam a ordem divina e a harmonia celestial. Essas esferas representavam diferentes níveis da criação, desde o material até o espiritual, todos interligados e sustentados pela vontade divina. Em suas obras, ela muitas vezes representava essas esferas em diagramas ou imagens simbólicas que ilustravam sua compreensão mística. Para Hildegarda, o universo era permeado por uma "luz viva" ou uma energia divina que conectava todas as esferas. Essa luz, emanada de Deus, era a força vital que mantinha o movimento do cosmos e alimentava a vida.

Hildegarda de Bingen dedicou uma parte significativa de suas visões e escritos à criação do mundo. Em sua última obra nomeada de *Liber Divinorum Operum* (*o Livro das Obras Divinas* ou sob a sigla *LOD*), ela descreve a criação do universo como um ato divino que manifesta a sabedoria e o amor de Deus. A filósofa medieval vê o mundo como uma expressão harmoniosa da ordem divina, onde está tudo interconectado e tem um propósito.

Barbara Newman destaca que o pensamento de Santa Hildegarda sobre a criação do universo está intimamente ligado à vinda de Cristo ao mundo. É graças ao "eterno feminino", ou seja, a dimensão materna e geradora do sagrado, o elo entre Deus e a existência do cosmos. Em outras palavras, a criação não é um evento isolado, mas algo que acontece em função da Encarnação de Cristo:

As três mães arquetípicas nas visões de Hildegarda—Caritas, Maria e Ecclesia—trazem Deus ao mundo na carne. Assim, Cristo é predestinado pelo Amor eterno, que cria o mundo para fornecer a substância de seu corpo; na plenitude dos tempos, ele nasce uma vez da Virgem e continuamente da Igreja, até que seu corpo místico seja consumado.

Através dessas imagens concordantes de maternidade, Hildegarda expressou sua convicção de que o universo existe por causa do Cristo encarnado. O eterno feminino, em suas várias formas, conecta a vinda de Deus ao mundo com o próprio advento da criação. (NEWMAN, Barbara. *Sister of Wisdom*, 1987, pg. 64)

Essa íntima ligação entre Deus e a criação leva Hildegarda a uma concepção profundamente sensível do divino, marcada por distinções simbólicas entre representações masculinas e femininas de Deus. Quando se tem uma imagem masculina de Deus geralmente enfatizam a transcendência divina, ou seja, Deus como uma entidade separada e superior ao universo, que o governa de cima, como um ser todo-poderoso e distante. Como se Deus estivesse de fora da sua criação, vendo tudo sendo criado do alto de seu trono. Quando se usam metáforas femininas, esta o foco na imanência, ou seja, Deus presente dentro da criação, agindo a partir dela e não apenas sobre ela. Na concepção de Hildegarda, *Sapientia* (a Sabedoria Divina) não é um "motor imóvel" aristotélico que apenas ordena o mundo à distância. Tampouco é retratada como o Criador tradicional das pinturas medievais, que molda o universo com as mãos. Pelo contrário, *Sapientia* cria o cosmos existindo dentro dele, manifestando-se por meio de um movimento contínuo e circular, uma imagem que sugere dinamismo, envolvimento constante e onipresença na criação. Esse pensamento reforça a visão de Hildegarda sobre o papel ativo do feminino na obra divina, contrastando com uma visão hierárquica e distante da criação.

Hildegarda quis expressar sua visão da presença divina como algo que permeia e sustenta toda a criação, em vez de agir externamente como um motor distante. Para ela, Deus não apenas criou o universo, mas continua presente nele, mantendo-o vivo e dinâmico, mantendo a *viriditas*. A profetisa medieval anuncia o universo como uma órbita viva que é sustentada por três asas que representam *A Santíssima Trindade*: O Pai está "nas alturas", como a origem transcendente de tudo. O Filho surge "da terra", remetendo à Encarnação e à sua presença no mundo. O Espírito Santo "paira por toda parte", simbolizando sua ação contínua e vivificadora.

Dessa maneira, a cosmologia hildegardiana revela-se como uma síntese magistral de profetismo, ciência e teologia, onde o universo é compreendido não como um mecanismo estático, mas como um organismo vivo, animado pelo sopro divino e destinado a refletir a glória de seu Criador.

## Capítulo 5 – Microcosmo e Macrocosmo: A Estruturação da Cosmologia Hildegardiana

A antropologia teológica de Hildegarda de Bingen se destaca como uma das mais intrigantes e originais propostas da Idade Média. Sua obra teológica, moldada por suas visões e pela experiência mística, delineia uma visão de mundo em que a relação entre o ser humano e o cosmos, o microcosmo e o macrocosmo, é profundamente interconectada. Este capítulo propõe-se a explorar as principais características dessa antropologia, focando especialmente na interação entre os seres humanos, o divino e a natureza, aspectos fundamentais para a compreensão do pensamento hildegardiano. A abordagem antropológica de Hildegarda não apenas revela uma visão holística do ser humano, mas também propõe um papel ativo e essencial da humanidade na ordem cósmica.

### 5.1 A antropologia teológica e a ideia de microcosmo

Na cosmologia hildegardiana, a relação entre o ser humano e o cosmos é fundamental. A humanidade é vista como o microcosmo, um reflexo e representação do macrocosmo, o universo criado por Deus. De acordo com Hildegarda, o ser humano não é apenas uma criatura limitada a um corpo físico, mas sim um espelho da criação divina, um centro de interações cósmicas que reflete a grandiosidade e complexidade do universo.

Eu sou o que sustenta tudo, pois todas as coisas vitais recebem seu ardor de Mim. Minha vida é a mesma na eternidade, vida que não teve princípio e não terá fim. Quando se põe em movimento e atua é Deus, e, ainda assim, esta única vida divide-se em três energias vitais: a eternidade é o Pai, o Verbo é o Filho e o elo que os conecta se denomina Espírito Santo. Igualmente Deus quis representar isto no homem com três elementos: corpo, alma e espírito. Minhas chamas dominam sobre a beleza dos campos, quer dizer a terra, a matéria com a qual Deus formou o homem. Tal como penetro nas águas com minha luz, a alma penetra o corpo inteiro, e tal e qual a água rega toda a terra, assim a alma flui por todo o corpo. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 55)

Em sua obra *Liber Divinorum Operum*, Hildegarda descreve a criação como um processo ordenado, no qual cada ser tem sua função cósmica e espiritual. O ser humano, como microcosmo, é capaz de compreender e se relacionar com o macrocosmo, o grande todo criado por Deus. O corpo humano, com seus humores, sentidos e funções, corresponde aos elementos naturais e às estações do ano, enquanto a alma, animada pela luz divina, participa do logos criador. Essa visão holística implica que o homem tem, dentro de si, um reflexo do cosmos e uma missão espiritual: cuidar de sua própria alma e corpo, enquanto se conecta à criação divina. Logo no início do relato da criação na bíblia (Gen. 2, 5), entendemos que não havia nenhum arbusto sobre a terra e nenhuma erva do campo havia crescido. Moisés apresenta dois motivos para isso: primeiro porque Deus não havia feito chover sobre a terra e, segundo que não havia homem para cultivar o solo. Dessa maneira, é criada uma conexão entre o ser humano e a terra. Deus se apresenta como artesão que, do pó da terra, modelou o primeiro homem (Gen. 2, 7). E o torna vivo, soprando nele. A ligação entre o homem e a terra é explícita: “(...) porque tu és pó e em pó te há de tornar” (Gen. 3, 19). A primeira conexão do ser humano com o cosmo é sua criação ser a partir

da própria terra. Declara-se assim que a pessoa humana é criada a partir do próprio cosmo. A primeira participação do ser humano no ato criacionista foi nomear os animais criados: Deus cria, o homem nomeia (Gen.2, 19-20). O fato de nomear os animais faz com que esse homem tome consciência de si próprio e da diferença que existe entre eles, mas essa diferença serve para distingui-los e para estabelecer uma relação entre eles e destaca o protagonismo do ser humano na criação de Deus.

Essa perspectiva revela uma antropologia que transcende dicotomias corpo/alma e natureza/espírito, propondo uma integração ontológica entre a criatura humana e o cosmos. Nathaniel Campbell observa que, para Hildegarda, a pessoa humana é um ponto de convergência entre o tempo e a eternidade, uma ponte entre o visível e o invisível, participando do governo espiritual da criação. A interação entre microcosmo e macrocosmo não se limita à estrutura física ou orgânica, mas se estende às esferas espirituais. Hildegarda utiliza as "esferas" para explicar como o ser humano é o reflexo das forças divinas no mundo. A relação com a criação divina é mediada através do uso de virtudes e dons, como a sabedoria, a força e o entendimento, que permitem ao homem alcançar uma compreensão mais profunda de seu papel no cosmos.

Na sua terceira visão da primeira parte da obra *O livro das Obras Divinas*, a filósofa medieval afirma que Deus, ao criar a terra, dividiu-a em duas partes: uma parte imutável e outra mutável. É da parte mutável que Deus cria a pessoa humana, pois o ser humano é mutável tanto acordado quanto dormindo. Dessa maneira, acordada, a pessoa humana enxerga com a luz dos olhos seguindo o curso do sol e quando não há luz para os olhos, fica como uma pessoa obscurecida na alma, tal como a noite. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 363).

## 5.2 A criação e o papel do ser humano

A imagem da criação como expressão do amor e da sabedoria divina, que cria todas as coisas, fundamenta a cosmologia hildegardiana. Deus cria não por necessidade, mas como um transbordar de amor, o que confere à criação um caráter sagrado. Nesse contexto, o ser humano é o ápice dessa obra: um ser capaz de reconhecer a beleza e a racionalidade do cosmos, e de responder a ele com louvor e ação justa. Na segunda visão denominada de *As esferas cósmicas e o Ser Humano*, Hildegarda descreve a figura do Deus triuno, o criador abraçando todo o universo em formato de um círculo e dentro dele, a figura humana no centro, de pé. A pessoa humana possui um destaque na sua visão, ainda que a humanidade não possua a posição mais alta no universo, ocupa o lugar mais importante: no meio, atuando como elo entre o espiritual e o corporal, pois a humanidade é a totalidade de todas as coisas criadas por Deus. Destarte, o ser humano é o objetivo inicial e final de todas as coisas criadas por Deus.

Deus, que criou tudo, formou o homem à sua imagem e semelhança. Nele representou todas as criaturas superiores e inferiores. O amou com um tal amor que lhe reservou o lugar que havia sido do anjo caído, e reservou-lhe toda a glória e todo o louvor que o dito anjo havia perdido. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 55)

A terceira visão denominada *Macrocosmo dos ventos, Microcosmo dos Humores* encarrega-se de explicar como o universo interfere na vida do ser humano e como toda a obra de Deus está interligada. Sem dúvida, essa é a

visão mais conhecida e que possui mais destaque dentro dessa obra – *LOD*; o ser humano encontra-se montado nas esferas cósmicas, o que é uma simples afirmação visual da ideia fundamental de que toda a criação – macrocosmo - é contida no ser humano – o microcosmo; ou como mesmo expressa a filósofa medieval de que toda pessoa humana é toda criatura (*omnis criatura*). Esse conceito não é de forma alguma invenção de Hildegarda – suas raízes são clássicas, e pode-se encontrar muitos de seus elementos individuais em escritores anteriores, incluindo Lactâncio, Isidoro, João Escoto Erígena, Rabano Mauro e Honório Augustodunense, como bem expressa Nathaniel Campbell em sua introdução da tradução para o inglês do *Livro das Obras Divinas* (Campbell, Nathaniel, 2013, pg. 10) A ordenação perfeita de tudo que existe, conhecida em sua forma por Deus antes mesmo que a criação existisse, vai desde as bordas mais externas das esferas cósmicas até os menores organismos. Tudo isso é ordenado em nome, e dentro da humanidade, pois um dia aquela forma humana conteria a divindade.

Na primeira visão da segunda parte da obra *Liber Divinorum Operum* nomeada de *As partes da Terra: Viver, Morrer e Purgatório*, Hildegarda de Bingen explora o macrocosmo com a sua relação com o microcosmo. A filósofa medieval começa explicando os motivos pelos quais a Terra é redonda e não angular:

Pois você vê a redondeza da terra dividida em cinco partes, de modo que uma parte está a leste, uma a oeste, a terceira ao sul, a quarta ao norte, enquanto a quinta está no meio delas. Isso ocorre porque, se a terra fosse angular e não redonda, seus cantos causariam o defeito de uma distribuição desigual de peso. E se não fosse dividida em cinco zonas, não seria pesada com o equilíbrio adequado — pois as quatro zonas externas a equilibram corretamente, enquanto a quinta no meio a torna sólida e estável dentro desse equilíbrio correto. Isso também significa que a pessoa humana — a quem a terra representa — é estabilizada em todas as suas necessidades e direcionada para a salvação de sua alma pelos cinco sentidos que florescem dentro dela. (Hildegarda de Bingen, 2018, pg. 267)

A relação do macrocosmo com o microcosmo é uma concepção de mundo onde está tudo interconectado e é espelho do Criador. O macrocosmo reflete no microcosmo, ou seja, a pessoa humana é um espelho do universo. Desta forma, as estruturas e forças do universo se refletem na constituição física, mental e espiritual do ser humano. Esse conceito reflete a crença de que a ordem divina permeia toda a criação, desde as estrelas e planetas até os elementos menores da natureza e até mesmo o próprio corpo humano.

A relação entre o macrocosmo e o microcosmo deve ser pensada como sacramental, pois Hildegarda de Bingen conecta as ordens mais altas e abstratas da realidade teológica com os objetos e imagens mais concretizadas da existência humana. Esse pensamento da filósofa medieval assemelha-se ao pensamento de Plotino na teoria da emanção: Uma flor emana perfume, um corpo luminoso emana luz. A emanção é, portanto, um processo pelo qual uma coisa é causada por outra, que a determina ou a contém como princípio. Plotino explica assim a criação do mundo, por meio de uma série de emanções de um princípio supremo, o Um ou Deus, que exclui qualquer multiplicidade. Barbara Newman aponta que o aguçado senso de imanência divina de Santa Hildegarda a levou a imaginar o poder criador não como uma força que impulsiona o mundo de fora para dentro, mas como uma atmosfera que o envolve e o vivifica de dentro para fora. Por isso Deus é visto por ela como uma emanção, visto de dentro da criação.

A visão teológica da profetisa medieval expressa que existe uma relação entre Deus, criação e a *Sapientia*. A autora medieval vê a Sabedoria como a personificação do próprio poder criador de Deus. Ela sugere que Sabedoria não é apenas uma característica ou atributo de Deus, mas uma presença viva que, ao se manifestar na criação, mantém um relacionamento de amor com o Criador. Hildegarda mostra que há uma profunda e

intrínseca relação de amor entre o Criador e a criação, onde tudo no universo reflete esse amor. Ela utiliza a Sabedoria como símbolo dessa conexão e revela uma visão mística de uma criação que vive e respira no amor divino, imerso na presença constante de Deus. Diferente dos intérpretes clássicos do *Cântico dos Cânticos*, que viam a Noiva como a Igreja, a alma ou Maria, Hildegarda enxerga essa figura como o próprio mundo unido ao Criador. Para ela, a criação e Deus estão tão intimamente ligados que *Sapientia* (a Sabedoria divina) e *Creatura* (a criatura) se fundem. Esse vínculo é representado por um casamento simbólico, onde Deus age moldando o mundo com sabedoria e nutrindo-o com amor, enquanto a criação responde a essa ação. Santa Hildegarda enxerga um vínculo entre a Sabedoria divina e a criatura. A criação, portanto, não é algo distante ou separada de Deus, mas uma expressão contínua da presença divina. Essa união é simbolizada pelo casamento, que, na visão de Hildegarda, representa a totalidade da atividade de Deus no mundo, onde a Sabedoria molda, o Amor (*Caritas*) sustenta e a energia divina busca a cooperação da criatura para manter a união com Deus, que já está dada pelo simples fato da existência.

Hildegarda usa a metáfora do feminino para descrever a relação entre o cosmos e Deus, pois, em sua época, a mulher era vista como receptiva e submissa. No entanto, ela transcende esse estereótipo ao associá-lo à tradição bíblica em que o feminino também representa uma dimensão do próprio Deus. Assim, *Sapientia* não pode ser reduzida a um dogma fixo, mas expressa uma ampla gama de imagens e percepções espirituais que remetem a Cristo, Maria e à Trindade, sem se limitar a eles. *Sapientia* é uma presença divina no cosmos, assim como a *Shechinah* na mística judaica ou o Espírito do Senhor que "enche toda a terra", como diz o Livro de Sabedoria.

*Caritas* (Amor) no pensamento de Hildegarda não é apenas um sentimento, mas uma força vital que anima tanto o mundo físico quanto o espiritual. Essa força é o "*élan vital*", que vivifica a natureza, mas também é a energia espiritual que renova e dá vida à alma. O Amor divino é, assim, uma energia ativa que sustenta a criação e a relação entre Deus e a criatura, permitindo sua cooperação e mantendo a união com o Criador. Dessa forma, Hildegard propõe uma visão do mundo em que tudo está interconectado e imbuído de uma presença divina constante. A criação é mais do que um simples reflexo de Deus; ela é uma expressão viva da Sua energia e amor. Essa visão transforma o cosmos em um espaço sagrado, onde a ação de Deus e a resposta da criação estão intimamente ligadas, em uma relação dinâmica e cooperativa.

Essa explicação da ideia de conexão entre macrocosmo e microcosmo é um poderoso contra-argumento contra os cátaros, pois estes acreditavam que Satã criou o mundo físico e o corpo para aprisionar a alma. Assim, o macrocosmo na verdade, seria algo ruim criado pelo diabo. Em um de seus sermões públicos ao clero de Colônia, Hildegarda teve os cátaros como alvo, pois estes, segundo a mística medieval estavam tendo espaço cedido pelo clero. A filósofa medieval inicia seu sermão com uma declaração poética da interdependência do macrocosmo e do microcosmo em defesa da bondade da criação. Hildegarda afirma que a castidade do herege é engenhosamente projetada pelo diabo para enganar, pois nega a verdade de que Deus é o Criador do mundo físico e do espiritual, unido em seu conselho eterno e ordenado para sua Encarnação.

Para a filósofa medieval, a complexidade física do cosmo assemelha-se a complexidade psicológica da pessoa humana microcós mica. Na terceira visão de *LOD*, a mística conecta o equilíbrio das esferas cósmicas, com o calor do verão e o frio do inverno, da umidade e do seco, com o dia e a noite - que aponta para o equilíbrio necessário entre alma e corpo. É natural que a alma se eleve à racionalidade e se incline para as boas obras, mas também consente aos apetites corpóreos terrenos, pois o corpo se entrega ao pecado e mergulha nas trevas, porém, a alma tão focada no céu que ignora totalmente o seu corpo faz com que ele falhe e morra. Nesse

constante conflito entre a alma que deseja voar nas asas da racionalidade e um corpo que não consegue suportar os apetites, encontra-se no ciclo entre o pecado e o arrependimento.

Essa visão de interdependência cósmica e humana está enraizada na tradição neoplatônica, que Hildegarda, embora sem citar diretamente, absorveu em seus escritos. Para a teóloga medieval, o microcosmo humano reflete os elementos do macrocosmo: a terra, o fogo, a água e o ar. Estes quatro elementos são constitutivos do ser humano, como também o são de todo o universo, o que fortalece a ideia de uma unidade entre o homem e o cosmos.

Hildegarda não apenas faz de uso de alegorias quando narra sua visão e explica as interações dos dozes ventos como uma rede de virtudes e impulsos morais, como energias que fluem do divino Criador e as virtudes são companheiras espirituais dos ventos físicos, trazidos ao espírito de uma pessoa junto com os ventos que agitam e afetam os humores. A filósofa explica que são forças externas e visíveis que correspondem aos poderes internos e espirituais. Da mesma maneira, a relação do cosmo físico, corpo humano e alma humana não é uma própria tensão ou uma justaposição artificial que correspondam a três realidades distintas, mas equivale a uma explicação natural de um universo em que os elementos cósmicos, humanos e espirituais estão ontologicamente unidos em sua relação com o Criador – mesmo que todos os níveis desses elementos tenham sido lançados em conflito pelas perturbações do pecado.

A cosmologia hildegardiana revela uma profunda unidade entre Deus, ser humano e criação. Longe de conceber o cosmos como um mero cenário para a ação humana, Hildegarda o interpreta como um organismo vivo, pleno de sentido e presença divina. O ser humano, como microcosmo, não é apenas imagem do universo, mas também seu intérprete e guardião. Essa visão convida a uma ética cósmica e espiritual, na qual cuidar da criação é responder ao chamado divino inscrito no próprio ser do mundo.

A antropologia de Hildegarda de Bingen não pode ser compreendida sem levar em conta a profunda integração entre corpo e alma, espiritualidade e racionalidade, natureza e graça. Em suas visões e escritos, especialmente no *Scivias*, no *Liber vitae meritorum* e no *Liber divinorum operum*, Hildegarda constrói uma visão singular do ser humano como microcosmo, reflexo da ordem divina que permeia toda a criação. Nesse capítulo, exploram-se os fundamentos desta antropologia, evidenciando a unidade corpo-alma, a racionalidade como dom divino, o conhecimento (*scientia*) como caminho de salvação, o livre-arbítrio e a missão espiritual da humanidade no cosmos.

### 5.3 Unidade Corpo e Alma: Uma Antropologia Integral

A compreensão hildegardiana do ser humano está enraizada em uma concepção integradora, que recusa a cisão platônica entre corpo e alma. Para Hildegarda, o ser humano é composto por corpo e alma em unidade inseparável, reflexo da própria harmonia do universo criado por Deus. Em seu *SCIVIAS*, ela afirma:

De fato, a alma dá vida ao corpo como o fogo dá luz à escuridão, com dois poderes principais, como dois braços, intelecto e vontade; a alma tem braços

não tanto para mover a si mesma, mas para mostrar-se nesses poderes como o sol se mostra por seu esplendor. Portanto, ó humano, que não és apenas um feixe de medula, presta atenção ao conhecimento escriturístico! (*SCIVIAS*, 2015, pg. 179).

Essa imagem revela não apenas a interdependência entre os dois componentes, mas também sua função espiritual e cósmica. Ao rejeitar o dualismo platônico e aproximar-se da visão hilemórfica aristotélica, Hildegarda insere sua antropologia em uma perspectiva teológica: o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26), e essa imagem se manifesta justamente na união de corpo e alma, que, juntos, participam da história da salvação. O corpo, longe de ser um obstáculo, é meio pelo qual a alma age no mundo e participa da revelação divina. Essa dimensão é visível, por exemplo, na constante associação entre o corpo e os sacramentos, os quais operam através de elementos corporais visíveis.

Hildegarda defende a natureza unificada do corpo e da alma. É uma união sacra. Essa interação era vista como crucial para a vida humana e a busca pela salvação. Hildegarda acreditava que a alma não deveria ser vista como algo separado do corpo, mas como uma parte essencial que o anima e lhe dá propósito, pois a alma racional serve ao corpo, o nutre. Em sua cosmologia, a alma, ao passar pela experiência humana, pode alcançar a purificação e a união com Deus, mas sempre dentro da realidade material do corpo, pois deve ser respeitada a união entre o físico e o espiritual. O corpo não é algo que deva ser negligenciado ou desprezado, nem visto como a prisão da alma como era defendido por Platão, mas sim entendido como um meio pelo qual a alma pode alcançar sua perfeição e como parceiro essencial para alcançar a salvação. Na última visão que compõe *SCIVIAS*, a filósofa medieval destaca que os corpos dos mortos ressurgirão novamente em sua integridade e gênero:

E quando, conforme foi visto, ressoa a ordem divina para erguem-se novamente, os ossos dos mortos, onde quer que possam estar, são reunidos num instante e cobertos com carne. Não serão impedidos por nada, mas se eles foram consumidos pelo fogo, ou pela água, ou comidos por pássaros ou feras, eles serão rapidamente restaurados. E assim a terra devolvê-los á como o sal é extraído da água. De fato, meu olho conhece todas as coisas, e nada pode estar oculto de mim. E assim, as pessoas ressurgirão novamente num piscar de olhos, em alma e corpo, sem nenhuma deformidade ou mutilação, mas intacta no corpo e no gênero; e os eleitos brilharão com o esplendor de suas boas obras, mas os réprobos padecerão a escuridão de seus atos de miséria. Desse modo, as obras deles não serão canceladas, mas aparecerão neles abertamente. (*SCIVIAS*, 2015, pg. 744).

A alma, para Hildegarda, é o princípio vital (*viriditas*) que infunde vigor no corpo, tornando-o capaz de participar da harmonia cósmica. Sem ela, o corpo perde sua conexão com a força divina que sustenta a criação, como uma planta sem seiva. Para Hildegarda, o conceito de alma não se limita apenas a uma parte do ser humano, mas é a ligação com o divino, a fonte de vida e a base para a experiência espiritual. A maneira como Hildegarda aborda a alma é profundamente teológica e simbólica, imbuída de uma visão cósmica que se entrelaça com a criação e com a providência divina. A profetisa via a alma como criada à imagem de Deus, e, portanto, capaz de se relacionar com o divino. Ela acreditava que, no momento da criação, a alma humana era pura e completamente voltada para Deus. No entanto, devido ao pecado original, essa pureza foi ofuscada, e a alma precisa da graça divina para retornar à sua condição original de luz e pureza. A alma, para Hildegarda, era frequentemente associada à luz. Ela entendia que, assim como a luz é essencial para a visão física, a luz divina é essencial para a alma compreender as verdades espirituais. Essa ideia está profundamente ligada à noção de *viriditas*, onde a alma é vista como algo capaz de ser renovado e reabastecido pela luz divina que a guia para a cura e para a realização do plano divino.

#### 5.4 Racionalidade como Imago Dei: a inteligência como reflexo do Logos

A alma é racional. Na primeira visão de *Liber Divinorum Operum* denominada de *A teofania do amor divino* Hildegarda de Bingen retoma o primeiro livro da bíblia, *Gênesis*, no qual a pessoa humana é criada a partir da frase: “*Fiat Lux*” (Faça-se a Luz):

Pela Palavra de Deus que disse: “*Fiat Lux*” (Faça-se a Luz), foi criada a luz racional, ou seja, os anjos, e já que alguns deles caíram da santidade, o Senhor fez outra vida racional, que se cobriria de carne, o homem, destinado a ocupar a glória dos anjos caídos. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg.60)

Essa luz, segundo Hildegarda, é a luz da racionalidade, concedida por Deus à humanidade como substituta da glória dos anjos caídos. Em *SCIVIAS*, na décima nona visão denominada *As estrelas caídas*, simbolizam o décimo coro de anjos que caiu com Lúcifer, e a humanidade foi criada para substituir esses anjos, por isso Deus segura perto do peito algo parecido com o coração humano. Apesar da queda desses anjos como estrelas cadentes, à medida que essas estrelas caem e viram pó, as luzes que se separam das estrelas não se apagam, voltando ao seio de Deus, fazendo com a ideia de que o diabo “caiu sem um herdeiro”, e Deus usou a sua herança de luz para uma nova criação: a humanidade. Essa racionalidade atribuída à humanidade designa que o ser humano compreende a ideia de bem e mal e possui discrição e vergonha, intelecto e sabedoria e conhece os caminhos para Deus. Diferentemente dos anjos caídos, Deus criou a humanidade para que estes se arrependam dos seus pecados. Dessa forma, o casal do Éden perdera a sua imortalidade por desobediência ao seu Criador, mas demonstraram arrependimento e Deus misericordioso os lançou no exílio, longe do Paraíso, mas a sua benevolência não os extinguiu do mundo.

A racionalidade ocupa lugar central na antropologia de Hildegarda. Trata-se de um dom que permite ao ser humano discernir, escolher e participar ativamente da ordem do cosmos. A razão não é meramente funcional, mas teológica: ela espelha o *Logos* divino e permite ao homem cooperar com o plano da criação. Em seu *Scivias*, Hildegarda afirma que “Deus infundiu no ser humano uma centelha de Sua sabedoria, para que este pudesse reconhecer o bem e o mal” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 180). A racionalidade, portanto, configura-se como condição para a liberdade moral e para o progresso espiritual.

A pessoa humana, assim, é um reflexo da harmonia divina, que abrange tanto a natureza quanto a graça. O ser humano é a soma de toda a criação que ele conhece e reconhece pela racionalidade. Assim como a intelectualidade de Deus contém o impulso para a criatividade, a racionalidade humana – como semelhança divina – é orientada para a ação dentro dessa criação. Mas a obra completa de Deus não é somente esta semelhança racional, pois a alma ilumina e é sopro vivo dessa racionalidade, e através do corpo terreno que é a imagem predestinada de Deus, a alma – descrita por Hildegarda como uma 'artificiosa', ou seja, uma artefã divina – colabora com a criação de modo semelhante ao Verbo que permeia todas as coisas ao criá-las, e sua racionalidade fornece o poder discriminatório pelo qual a pessoa humana determina o que deve decidir. A salvação para Hildegarda é um processo que envolve a cura da alma. Ela via a alma como um ser em constante luta entre o bem e o mal, entre a tentação e a graça. O processo de salvação é entendido como a restauração da alma à sua pureza original, e isso é realizado pela graça de Deus, que se manifesta através de Cristo e do Espírito Santo. Hildegarda enfatiza que o ser humano foi criado com razão e livre arbítrio, o que o torna capaz de escolher entre o bem e o mal. Essa liberdade é uma dádiva divina, mas também uma responsabilidade. O ser humano não é uma criação determinística ou fatalista, mas alguém com a capacidade de se alinhar com a ordem cósmica ou se afastar dela.

## 5.5 Scientia e Sapientia: o conhecimento como caminho espiritual

A racionalidade tem um parceiro nesse processo de discernimento – o conhecimento (*scientia*). No universo intelectual de Hildegarda de Bingen, o conceito de *scientia* transcende a mera acumulação de dados ou erudição livresca, trata-se de um saber integrado à experiência do divino, que conduz à sabedoria (*sapientia*).

Diferentemente da racionalidade abstrata que caracterizaria, mais tarde, o pensamento escolástico, a *scientia* hildegardiana é uma forma de conhecimento enraizada na experiência sensível do mundo e orientada para o mistério do divino. Trata-se de uma inteligência espiritual que integra percepção, contemplação e ação, e que só atinge sua plenitude quando iluminada pela *lux vivens*, a luz viva que procede de Deus. Tal luz confere ao saber humano não apenas validade, mas também direção e finalidade. O caminho do conhecimento, em Hildegarda, é sempre também um caminho de conversão e de reencontro com a fonte da luz divina.

A *scientia* é, portanto, um dom divino, concedido à alma racional como expressão de sua dignidade e de seu papel privilegiado na criação. Ela implica tanto um movimento ascendente — da criatura para o Criador, por meio da investigação e da meditação — quanto um movimento descendente — da graça divina que infunde sabedoria no espírito humano. Neste contexto, o conhecimento assume um papel teleológico, funcionando como instrumento para a conformação da alma à vontade divina, orientando-a para a verdade e para a justiça. Em suas palavras: “O homem deve buscar a sabedoria, que é como o pão da alma; pois assim como o corpo sem alimento definha, também a alma sem sabedoria se corrompe”

Nesse sentido, a razão humana é elevada à condição de instrumento teológico. A *scientia*, iluminada pela *lux vivens*, capacita o ser humano a discernir a harmonia do cosmos, a bondade da criação e o caminho da salvação. O conhecimento de si mesmo e do mundo — quando enraizado na humildade e orientado pelo amor — torna-se meio de comunhão com Deus. Trata-se, aqui, de uma gnose redimida, não herética, mas ortodoxa e enraizada na tradição cristã, em que o saber é inseparável da fé e do amor.

Além disso, Hildegarda compreende o conhecimento como uma via de restauração da imagem divina no ser humano. Após a queda, a *scientia* torna-se turvada, obscurecida pela soberba e pela desordem das paixões. Contudo, pela graça e pela cooperação da vontade, é possível ao ser humano reorientar sua inteligência para o bem. O uso adequado do livre-arbítrio é condição para que a *scientia* se torne verdadeiramente sapiencial, ou seja, integrada à vida virtuosa e à busca do bem comum.

É também significativo observar como Hildegarda associa o conhecimento à linguagem simbólica e visionária. Suas visões, longe de serem meras experiências extáticas, constituem modos de expressão de uma *scientia* superior, veiculada por imagens, cores e sons. Trata-se de uma episteme simbólica, que articula elementos cósmicos, corporais e espirituais, permitindo à alma penetrar nos mistérios da criação. Como afirma Barbara Newman, “para Hildegarda, o verdadeiro conhecimento é sempre simbólico, porque reflete a natureza analógica do mundo criado e aponta para uma realidade mais profunda” (Newman, Barbara, 1987, pg. 89).

Por fim, a *scientia* hildegardiana deve ser compreendida dentro da estrutura holística de sua antropologia: ela não diz respeito apenas à mente racional, mas envolve o corpo, os afetos e a vida comunitária. Conhecer é,

também, experimentar a *viriditas* do mundo, discernir sua origem divina e responder a ela com reverência e ação justa. O conhecimento é, assim, uma forma de louvor e participação na obra criadora e redentora de Deus.

## 5.6 Liberdade e Discernimento: o livre-arbítrio como responsabilidade cósmica

O livre-arbítrio é outro pilar da antropologia hildegardiana. A liberdade é um dom concedido por Deus à criatura racional. A alma humana foi criada com liberdade para escolher entre o bem e o mal, e tal liberdade implica responsabilidade diante de Deus. Hildegarda sustenta que, embora a natureza humana tenha sido ferida pelo pecado, ela não perdeu sua capacidade de decisão moral. Essa perspectiva é expressa claramente quando afirma: “O ser humano é como uma árvore com raízes fincadas na terra, mas com ramos estendidos ao céu; dele depende escolher nutrir-se da luz ou da escuridão”. A liberdade, portanto, é dom e tarefa: ela exige discernimento e compromisso com a verdade. Em sua visão, o ser humano é capaz de escolher entre o bem e o mal, e essa escolha tem consequências não apenas individuais, mas também cósmicas. O pecado humano, por exemplo, desequilibra a ordem da criação, enquanto a virtude a restaura.

Para Hildegarda a vida humana é conduzida pela alma, corpo e sentidos. Estes trabalham em conjunto, um depende do outro para a conduzir a pessoa humana. A partir do intelecto, da razão e da vontade a pessoa humana é capaz de discernir o bem do mal. Com todos esses mecanismos, o ser humano é capaz de compreender o conhecimento de Deus, pois segundo Hildegarda, toda a ação humana procede deste conhecimento. Cada ser humano possui dois caminhos. Com os sentidos, conhecem o bem e o mal e quando este se afasta do mal para fazer o bem, está imitando a Deus, pois opera o bem em si mesmo. Porém, quando o ser humano pratica o mal, ele é tentado pelo diabo. Mas, o ser humano pode ainda se libertar do mal e fazer o bem. Quando isto ocorre, a Suprema Vontade o recebe, pois este venceu a si mesmo por amor a Deus. Esse conhecimento é denominado reflexivo, porque é como um espelho, pois assim como a pessoa ao se olhar no espelho consegue distinguir a beleza dos defeitos, também consegue nas ações feitas e pode examinar dentro de si e distinguir o bem do mal. Esse discernimento faz parte da razão com que Deus fez o ser humano. Hildegarda de Bingen deixa explícito que o caminho do bem e do mal são os dois caminhos que a pessoa humana escolhe seguir. Este conhecimento é dado por Deus quando a alma desperta. A autora medieval usa o fogo e a água como analogia, pois ambos são inimigos: extinguindo-se ou evaporando-se e dessa mesma forma a pessoa faz com o bem e mal. Pode-se matar o mal pelo bem ou o bem pelo mal. De qualquer maneira, a pessoa oculta silenciosamente seus desejos dentro de si mesma e volta-se para eles na sua mente. Hildegarda chama essa reflexão que a pessoa faz dentro de si, do desejo do bem e do mal de atuação dos dois motivos. A vontade de cada pessoa faz a escolha do caminho que ela quer seguir e percorrer por suas obras. Então, a pessoa faz boas obras pelo auxílio de Deus e faz o mal pela astúcia do diabo. Essa pessoa pode observar as suas obras pelo exercício da razão. Essa razão faz contemplar o bem e o mal e o desejo surge nela para escolher entre os dois caminhos de acordo com a sua vontade. E como os seres humanos são capazes de sentir o conhecimento desses dois caminhos? Ora, pelos cinco sentidos que o Espírito Santo soprou nos seres humanos para o bem destes. As pessoas podem enxergar a sublimidade da divindade e discernir tanto o bem como o mal. (Hildegarda de Bingen, 2015, pg.488). A autora ainda afirma que a alma e o corpo devem trabalhar para evitar o mal e fazer o bem em todas as circunstâncias, pois Deus criou os seres humanos para adorá-lo com força, poder e a devoção

da inteligente razão que Deus os inspirou. E a mente deve ter a sabedoria e o discernimento para conhecer a Deus.

“A pessoa tem a escolha nisto que os desejos de sua mente lhe refletem coisas diferentes como um espelho, e ela diz a si mesma: “Se ao menos eu pudesse fazer isto ou aquilo!”. Ela ainda não as fez, na verdade, mas pensou a respeito delas. Assim ela se encontra na bifurcação de duas estradas, com o conhecimento dos motivos do bem e do mal; e como ela deseja, assim, por fim, e viaja para cima ou para baixo.” (Hildegarda de Bingen. 2015, pg.480).

No *Liber vitae meritorum*, Hildegarda apresenta a luta entre vícios e virtudes como um drama espiritual em que a alma, dotada de liberdade, deve escolher seu caminho. Ela escreve: “Deus deu ao homem o livre-arbítrio, para que ele se decida entre o bem e o mal, sendo assim digno de recompensa ou de castigo”.

O livre-arbítrio, então, é o fundamento da responsabilidade moral. A alma humana deve exercer sua racionalidade para discernir, sua vontade para escolher e sua liberdade para agir conforme a justiça. É nesse exercício que ela realiza sua vocação espiritual.

### 5.7 Vocação Universal: a missão espiritual da humanidade no cosmos

No horizonte mais amplo da cosmologia hildegardiana, o ser humano ocupa um lugar privilegiado: ele é mediador entre o céu e a terra, entre o visível e o invisível. Sua missão é colaborar com a harmonia do universo, cultivando a *viriditas* — princípio de vitalidade espiritual e física — e irradiando a luz divina por meio de suas ações. A humanidade é chamada não apenas à salvação individual, mas à transfiguração do mundo. Hildegarda descreve essa vocação como uma “cooperação ativa com a justiça divina”, na qual o ser humano, iluminado pela graça, se torna instrumento da renovação de todas as coisas

A Suma obra de Deus – *Opus Dei* – é, antes de tudo a espécie humana. Tudo o que Deus faz, tudo o que Ele executa e cria é em busca dessa obra completa. Em *LOD*, Hildegarda descreve a humanidade como “trabalhador” ou “agente” de Deus – *operarius*. Destarte, a humanidade trabalha, encena e cria à semelhança de Deus. Tanto o trabalho de Deus, quanto o trabalho da humanidade é uma atividade dinâmica e não um estado estático. Essa antropologia se explica primeiro o que quer dizer ser criado à imagem e semelhança de Deus. A semelhança humana com Deus é a racionalidade que estimula a atividade criadora, a razão pela qual Deus desempenha a sua criação por sua Palavra. É também o impulso da atividade humana, pois Deus criou o homem para pensar, para poder compor as suas obras em seu coração antes mesmo de fazê-las, pois elas são os recintos das maravilhas de Deus. E, somente com plena racionalidade, na Palavra, a alma consegue discernir os poderes da criação.

O condutor para essa atividade pensativa é o corpo. Para Hildegarda o corpo é feito à imagem e semelhança de Deus e é a “túnica” da Encarnação. Deus encarnado é o momento singular e eternamente predestinado em torno do qual se concentra toda a ordem da Obra de Deus Criador. Quando Deus descansou no sétimo dia da criação, foi porque o potencial de atividade dinâmica se deslocou de Deus para sua Obra, do Verbo criador para o Verbo

encarnado: para assumir a obra. A humanidade possui a vocação de discernir a obra de criação de Deus, e então realizar boas obras com e dentro dela. Deus criador viu a necessidade de unir a racionalidade do Verbo com a vestimenta terrena do ser humano, o corpo. Assim, o Criador preordenou a sua obra e trouxe à existência.

Assim, tendes o conhecimento do bem e do mal, e a habilidade para trabalhar. Por conseguinte, não podeis alegar como desculpa que careceis de alguma coisa boa que vos inspiraria a amar a Deus em verdade e em justiça. Vós tendes o poder de dominar-vos e de não querer nem comprazer-vos na injustiça; podeis punir-vos e fugir das paixões ilícitas nas quais vos deletais e, assim, honrar meu martírio lutando contra vossos ardentes desejos e carregando minha cruz em vosso corpo. E por que tendes esse grande poder? Para que possais evitar o mal e fazer o bem. E me prestareis conta de vosso conhecimento do bem e do mal, na medida em que sabeis que sois humanos.” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 682).

Em *SCIVIAS*, a filósofa medieval deixa claro em algumas visões sobre como a humanidade começou a existir e o seu papel no mundo criado. Hildegarda afirma que a pessoa humana é uma teofania e o universo uma antropofania, ou seja, o ser humano é uma manifestação de Deus Encarnado – o Verbo, e o universo é uma manifestação do ser humano. Em uma das visões de *SCIVIAS*, mais precisamente em *O coro dos Anjos*, notamos nove coros de anjos e no meio do coro, um vazio. Essa visão é uma representação do universo, os querubins, anjos e arcanjos formando o coro é uma representação da natureza humana. O vazio no centro da imagem possui diversas representações como a Presença Inefável de Deus, a conexão que existe entre o macrocosmo e o microcosmo, a ausência do décimo coro e a possibilidade de a humanidade ocupar esse espaço por meio das suas escolhas. O ponto central de um círculo representa a perfeição e a ausência de separação. O movimento circular tende à ideia de perfeição, de imutável, de algo sem variação, sem começo e sem fim. Essa visão induz ao questionamento: por que nove coros de anjos ao invés de dez? Hildegarda explica em outra visão de *SCIVIAS - Deus e a humanidade* -, que o décimo coro dos anjos eram os anjos que caíram com Lúcifer, eles caíram como estrelas apagadas na terra. A luz dessas estrelas por sua vez, fora para a nova criação de Deus, a humanidade. Portanto, a Criação foi um ato de amor, foi graças a esse amor que o mundo pôde surgir do nada. E entre todas as criaturas, de maneira particular a pessoa humana é amada por Deus e Ele confere-lhe a dignidade, doando-lhe a glória que os anjos rebeldes perderam. Sendo assim, a humanidade pode ser vista como o décimo coro da hierarquia celeste. A pessoa humana é capaz de conhecer a Deus em si mesmo, pois o percebe na sua natureza indivisa da Santa Trindade. Enquanto os anjos foram criados como criaturas exclusivamente espirituais, a pessoa humana está destinada tanto ao louvor quanto à obra, possuindo um corpo de terra, bem como um espírito ardente. Além disso, ele é a própria veste do Verbo encarnado, a criatura na qual Deus se vestiu para exibir sua majestade real.

Hildegarda também enxerga a pessoa humana como parte integrante de uma comunidade maior, especialmente a Igreja, que é o corpo místico de Cristo. Para ela, a salvação não é algo exclusivamente individual, mas envolve a coletividade. A Igreja é a mediadora entre Deus e os seres humanos, e é na Igreja que a pessoa humana encontra seu verdadeiro propósito, unindo-se aos outros em um caminho de santidade. A filósofa medieval vê a maternidade espiritual da Igreja como uma expressão do cuidado divino, oferecendo à humanidade o alimento espiritual necessário para a salvação. A Igreja, como o Corpo de Cristo, é chamada a ser uma comunidade de cura e apoio, onde a pessoa humana pode encontrar direção e sustento em sua jornada de fé. Essa missão se realiza por meio da justiça, da caridade, da contemplação e da vida virtuosa. O ser humano é chamado a ser um “lugar de Deus”, isto é, um espaço onde a sabedoria divina possa habitar e agir. Em sua linguagem simbólica, Hildegarda expressa essa realidade ao dizer: “O homem é a obra-prima de Deus, criado para cantar a harmonia do universo”.



## Capítulo 6: – A dimensão feminina na criação e na salvação

No século XII, quando a teologia medieval era predominantemente moldada por vozes masculinas em mosteiros e universidades, Hildegarda de Bingen emergiu como uma figura singular. Mulher, abadessa, compositora e profetisa, ela desafiou as limitações impostas ao gênero feminino através de uma obra visionária que ressignificou o lugar da mulher na criação e na salvação. Seu pensamento, embora inserido no contexto eclesiástico de sua época, apresentava rupturas significativas com a tradição patriarcal vigente.

No *Scivias*, Hildegarda descreve como Deus a escolheu – "cinzas das cinzas" – para revelar mistérios divinos: "*Ó frágil humano... fala e escreve estas coisas não por uma boca humana, mas como as vês e as ouves no alto dos lugares celestes*" (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 95). Essa humildade retórica, comum em profetas, contrasta com sua autoridade inédita como mulher que interpretava Escrituras e ditava teologia.

Segundo Regine Pernoud (1996), nas obras escritas por Hildegarda o emprego da palavra em latim *homo* (homem), está no sentido de criatura humana para confirmar o caráter profético da filósofa medieval que foi escolhida como representante da humanidade para falar como "boca de Deus":

Eis aqui! No quadragésimo terceiro ano de meu percurso terrestre, quando eu estava observando com grande temor e trêmula atenção a visão celeste, vi um grande esplendor no qual ressoava uma voz do Céu, a dizer-me: "Ó frágil humano, cinzas das cinzas, e imundície da imundície! Dize e escreve o que vês e ouves. Contudo, visto que é tímido no falar e simples na exposição, e iletrado no escrever, fala e escreve estas coisas não por uma boca humana e não pela compreensão da invenção humana, e não por exigências de composição humana, mas como as vês e as ouves no alto dos lugares celestes, nas maravilhas de Deus. Explica estas coisas de tal modo que o ouvinte, recebendo as palavras de seu instrutor, possa expô-las naquelas palavras, de acordo com aquela vontade, visão e instrução. Assim, portanto, ó humano, fala estas coisas que vês e ouves. E escreve-as não por ti mesmo ou por qualquer ser humano, mas pela vontade daquele que sabe, vê e dispõe de todas as coisas no segredo de seus mistérios. (*SCIVIAS*, 2015, pg. 95).

Ainda que encontremos nesse escrito Hildegarda afirmando-se como uma criatura inferior escolhida por Deus para proclamar a sua Palavra, a pensadora medieval constantemente em sua obra apresenta a ideia de complementariedade entre homens e mulheres, significando a riqueza das diferenças e o igual valor dos dois como criaturas divinas. De acordo com a teoria da Complementaridade, homens e mulheres são diferentes em substância, mas iguais em valor. Neste sentido a mulher é um inteiro e o homem também.

Para Marirí Martinengo (2000) este pensamento de complementariedade da medieval estariam explícitos com clareza em alguns dos seus textos que tratam da participação feminina e masculina na geração humana.

Embora Hildegarda afirmasse a igualdade entre homens e mulheres na criação, sua obra não questionava a hierarquia eclesiástica masculina. Como abadessa, ela exercia autoridade sobre outras mulheres, mas não desafiava o sacerdócio exclusivamente masculino. Essa aparente contradição reflete o dilema das mulheres místicas medievais: mesmo visionárias, muitas operavam dentro dos limites impostos pela Igreja, usando sua autoridade espiritual como exceção à regra, não como regra.

Barbara Newman propõe em sua obra *Sister of Wisdom: St. Hildegard's theology of the feminine* que a filósofa medieval apresenta uma visão teológica inovadora, onde o feminino possui um papel fundamental na ordem

divina. Hildegarda, ao longo de suas obras, destaca tanto a mulher como criadora quanto como receptora da sabedoria divina. A autora argumenta que, ao contrário da visão tradicional da Igreja medieval, que relegava as mulheres a um papel secundário, Hildegarda coloca o feminino como parte integrante da relação com Deus. A própria Hildegarda se via como uma *soror sapientiae* (irmã da sabedoria), enfatizando o papel da mulher como receptora e transmissora da sabedoria divina. A própria filósofa medieval acreditava que Deus criou o ser humano à Sua imagem e semelhança, e essa imagem inclui tanto o masculino quanto o feminino. Para ela, a verdadeira sabedoria divina transcendia as distinções de gênero e, por isso, tanto homens quanto mulheres podiam participar igualmente da plenitude do divino.

O ser humano, criado à imagem de Deus e sentado como um senhor sobre o trono da terra, dominador de todas as criaturas que foram feitas por ele, é a plenitude da obra divina na qual Deus se compraz. Cada um dos dois sexos foi feito para que viesse em ajuda e fosse consolo um do outro, o homem tem a forma da divindade de Cristo e a mulher, de sua humanidade. (Hildegarda de Bingen, 2024, pg. 265)

Newman explora como a visão de Hildegarda reafirma o potencial sagrado da mulher, colocando-a em pé de igualdade com os homens na ordem da criação e na busca pelo conhecimento divino. Hildegarda de Bingen foi uma visionária e profética, que recebeu inúmeras revelações de Deus. Barbara Newman destaca que, em muitas de suas visões, a profetisa é associada à sabedoria e à luz divina. A autora argumenta que, para Hildegarda, a sabedoria não era uma característica exclusiva de figuras masculinas ou sacerdotais, mas que as mulheres, em sua experiência, também podiam ser portadoras dessa sabedoria. Ela própria, como abadessa e profetisa, exemplificava essa sabedoria, exercendo uma liderança espiritual em um mundo em que a autoridade feminina era rara. Hildegarda personifica o divino em figuras femininas: *Sapientia*, a sabedoria que ordena o cosmos, e *Caritas*, o amor que cura a humanidade. Diferente da tradição que reservava essas virtudes a figuras masculinas (como *Cristo Logos*), ela as apresenta como manifestações diretas de Deus no feminino – ativas, não passivas. Essas figuras femininas representam qualidades de Deus que são ao mesmo tempo poderosas e ternas. *Sapientia*, por exemplo, é associada à sabedoria eterna de Deus, enquanto *Caritas* personifica o amor divino que é inclusivo, generoso e curativo. A profetisa não apenas usou essas figuras como metáforas, mas as tratou como entidades reais, com poder de transformação espiritual. Em suas visões, essas manifestações femininas são descritas com grande vigor, e ela as vê como instrumentos de mediação entre o humano e o divino, ajudando a humanidade a alcançar a salvação. O fato de Hildegarda personificar a Sabedoria como uma mulher é profundamente significativo. Ela não apenas eleva o feminino a uma posição central dentro da teologia, mas também sugere que as qualidades femininas — como a receptividade, a nutrição e a purificação — são necessárias para entender e viver de acordo com a sabedoria divina. A Sabedoria é também uma representação da caridade divina, que é vista como uma força que cura, purifica e restaura. A sabedoria feminina está, portanto, associada à função redentora de Deus no mundo, tornando-se um ponto de transformação para a humanidade. Essa associação do feminino com a sabedoria também sugere um modelo de poder espiritual que não é baseado na dominação, mas na cooperação e harmonia.

Maria, a virgem mãe de Jesus, ocupa um lugar elevado na teologia de Hildegarda, afirmando a importância da mulher mais uma vez nas coisas de Deus. Embora em muitas tradições medievais Maria seja vista apenas como um modelo de humildade e pureza, Hildegarda a vê como uma representação do poder de Deus na terra. Maria, para ela, não é apenas a mãe de Cristo, mas também uma figura central no plano divino de redenção. Ela observa Maria como uma figura intercessora, capaz de interceder pelos fiéis diante de Deus. Na visão da profetisa, Maria não é apenas passiva, mas ativa no processo de salvação, e sua feminilidade não a torna inferior

aos homens, mas um canal poderoso de graça divina. Maria também é associada ao poder verde, nomeado por ela de *viriditas*. Para Hildegarda, *viriditas* (verdor) não era apenas um símbolo da natureza, mas a própria energia divina que sustenta a vida. Enquanto teólogos medievais associavam a queda humana à decadência espiritual, ela via a redenção como um retorno a esse 'verdor' original – uma força especialmente encarnada por mulheres como Maria, cujo papel maternal restaurava a harmonia cósmica. Essa visão desafiava a dicotomia tradicional entre espírito (masculino) e matéria (feminina), pois na teologia hildegardiana, o corpo da mulher era sagrado, portador da mesma centelha divina que o do homem.

Outra característica importante no pensamento de Hildegarda é a interpretação de *Ecclesia* (Igreja) vista como uma figura feminina. A *Ecclesia* ocupa um lugar central na teologia de Hildegarda de Bingen, sendo representada em suas visões como uma entidade viva, feminina e poderosa. Ela simboliza não apenas a Igreja institucional, mas também a totalidade da comunidade dos fiéis e a própria manifestação da vontade divina na história da salvação. Hildegarda apresenta a *Ecclesia* como uma figura maternal e régia, que orienta os cristãos no caminho da redenção e atua como intermediária entre Deus e a humanidade. Seu papel é ativo e dinâmico, sendo essencial na salvação. Desde suas primeiras visões relatadas no *Scivias*, Hildegarda descreve a *Ecclesia* como uma mulher gloriosa, vestida de luz e ornada com joias preciosas, que representa a união entre Cristo e sua Igreja. Em uma de suas visões da obra *Scivias* denominada de *A Igreja Noiva de Cristo e Mãe dos fiéis*, a *Ecclesia* aparece como uma rainha resplandecente, coroada pelo próprio Cristo, simbolizando sua autoridade espiritual e sua missão de guiar os fiéis na fé:

Depois disso, vi a imagem de uma mulher tão ampla quanto uma grande cidade, com uma maravilhosa coroa na cabeça e braços dos quais pendiam um esplendor como mangas, brilhando do céu para a terra. Seu ventre era perfurado como uma rede, com muitas aberturas, com uma enorme multidão de pessoas entrando e saindo. Não tinha nem pernas nem pés, mas permanecia equilibrada sobre seu ventre diante do altar que fica perante os olhos de Deus, abraçando-o com suas mãos estendidas e contemplando de maneira penetrante, com seus olhos toda a extensão do céu. (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 243).

Esse simbolismo ressoa com a tradição patrística, que frequentemente descrevia a Igreja como a "Esposa de Cristo" e "Mãe dos Fiéis". Além disso, Hildegarda relaciona a *Ecclesia* ao próprio cosmos, reiterando sua visão da interconectividade entre o microcosmo humano e o macrocosmo divino. Em *Liber Divinorum Operum*, a Igreja é descrita como um corpo vivo, cujos membros são os cristãos que, juntos, formam uma unidade orgânica. Essa concepção reflete a visão paulina da Igreja como "o Corpo de Cristo" (1 Cor 12,12-27), mas é expandida por Hildegarda para incluir uma dimensão cósmica: a Igreja não apenas conduz os fiéis à salvação, mas participa da ordem universal estabelecida por Deus.

Outro elemento essencial na representação da *Ecclesia* por Hildegarda é sua relação com o conceito de *viriditas*, ou "verdor", um termo central em sua espiritualidade. A *viriditas* representa a força vital divina que permeia toda a criação e mantém a harmonia do universo. Assim, a *Ecclesia* não é apenas uma instituição estática, mas um organismo vivo que cresce e floresce através da graça de Deus. Hildegarda frequentemente contrasta a *viriditas* da *Ecclesia* com a *ariditas* (aridez espiritual), que caracteriza aqueles que se afastam da fé. A Igreja, enquanto canal da graça divina, oferece aos fiéis o alimento espiritual necessário para manter essa vitalidade. Essa noção se manifesta particularmente na liturgia e nos sacramentos, que, segundo Hildegarda, são fontes de renovação espiritual e canais da *viriditas* divina. Em suas visões apocalípticas, Hildegarda apresenta a *Ecclesia* como uma guerreira espiritual, envolvida em uma luta constante contra as forças do mal. No *Scivias*, a Igreja é representada como uma mulher forte que enfrenta os vícios e os inimigos da fé, mantendo-se firme na defesa da

verdade divina. Essa imagem reflete a concepção medieval da Igreja como militante, em constante batalha contra as heresias e a corrupção moral. A *Ecclesia* hildegardiana não é passiva, mas assume um papel ativo na redenção do mundo. Através de sua autoridade, ela chama os fiéis à conversão e à prática das virtudes, restaurando a harmonia cósmica quando esta é ameaçada pelo pecado. Essa compreensão reforça a ideia da Igreja como instrumento da salvação divina, um tema recorrente na teologia medieval, mas que em Hildegarda ganha uma dimensão visionária e mística.

Hildegarda associa a *Ecclesia* a figuras femininas bíblicas, como Maria, Eva e a Sabedoria Divina (*Sapientia*). Para ela, a Igreja participa da dimensão feminina da salvação, pois assim como Maria gerou Cristo no mundo, a *Ecclesia* gera espiritualmente os fiéis na fé: “*E aquela imagem difunde seu esplendor como uma veste, dizendo: Devo conceber e dar à luz! E de repente, como um relâmpago, apressou-se para ela uma multidão de anjos, construindo escadarias e assentos dentro dela para as pessoas, pelas quais a imagem devia ser aperfeiçoada*” (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 243). Essa perspectiva se encaixa na tradição teológica medieval, que via a Igreja como a “Nova Eva”, responsável por restaurar a queda da humanidade através da graça de Cristo. No entanto, Hildegarda vai além ao enfatizar o papel ativo da *Ecclesia*.

Assim como o bálsamo escorre de uma árvore, e remédios poderosos derrama-se de um vaso de ônix, no qual estão armaenados, e luz brilhante jorra de um diamante, sem impedimento, assim o Filho de Deus, sem oposição da corrupção, nasceu da Virgem; e assim também é a Igreja, sua Noiva, dá à luz seus filhos sem sofrer resistência do erro, permanecendo, contudo, virgem na integridade de sua fé. (Hildegarda de Bingen, 2015, pg. 251).

Enquanto Eva simboliza a queda e Maria simboliza a redenção, a Igreja encarna ambas as realidades, pois acolhe os pecadores e os conduz à restauração espiritual. Esse dinamismo ressalta a concepção hildegardiana da *Ecclesia* como uma entidade viva, que se renova continuamente através da ação do Espírito Santo.

Assim como Hildegarda, outras pensadoras medievais como Juliana de Norwich (século XIV) e Catarina de Siena (século XIV) também empregavam imagens femininas para descrever o divino. Juliana, por exemplo, via Cristo como uma “mãe amorosa”, enquanto Catarina descrevia a Igreja como um corpo maternal. No entanto, Hildegarda se destaca por integrar essas imagens a uma cosmologia sistemática, onde o feminino não é apenas metáfora, mas força ativa na estrutura do universo.

Embora a sociedade medieval e a Igreja, em geral, pusessem obstáculos para as mulheres exercerem autoridade, Hildegarda foi uma das poucas vozes a sugerir que a mulher podia não só ser parte integral da criação divina, mas também um reflexo das forças espirituais mais elevadas. Ao atribuir poder divino a figuras femininas como *Sapientia* e *Caritas*, ela desafia a visão tradicional de que a mulher era um ser inferior ou apenas um “auxiliar” do homem. Hildegarda não só via o feminino como uma força transcendente e espiritual, mas também o conectava à criação e ao cosmos. Em suas visões, ela frequentemente associava o feminino à ideia de natureza, mostrando que as mulheres, longe de serem criaturas fracas, têm uma conexão profunda com o mundo espiritual e com o próprio Deus.

O primeiro livro bíblico *Gênesis* apresenta duas narrativas a respeito da criação da mulher: na primeira, Deus cria o homem e a mulher de maneira conjunta; na segunda, cria o homem e a partir da sua costela, cria a mulher, isto é, de forma separada. A versão que prevaleceu foi a segunda. Pode-se intuir que se a exegese cristã tivesse optado pela primeira versão, determinada leitura privilegiaria maior igualdade nas relações entre os sexos. Mas, ao optar pela segunda, elaborou uma teoria de inferioridade natural da mulher. A perda de Eva é infinitamente

maior do que a de Adão, não só pelo castigo de parir com dor, mas pela privação de exercer o poder de igualdade, tudo indica, que desfrutava quando foi criada, e que perdeu. É reconhecido pelo Papa Bento XVI em uma carta apostólica sobre Santa Hildegarda que existe uma relação de reciprocidade e uma substancial igualdade entre o homem e a mulher na visão da profetisa. (BENTO XVI, 2012, *apud* PERNOUUD, 2020, p. 252) Bento XVI lembra o mistério do primeiro pecado na relação entre Adão e Eva. Ele reconhece que a profetisa alemã possui uma visão diferente dos outros autores medievais, como era o caso de Santo Agostinho, que atribuía a causa da queda e da debilidade em Eva, além de lhe atribuir uma existência secundária, de ser o apêndice do homem. Hildegarda refuta esse pensamento, para ela, Eva apresenta um diferencial exatamente por ter sido criada da carne de um homem, ao contrário de todos os outros animais, criados a partir do barro. E atribuir a culpa da queda na excessiva paixão de Adão em relação a ela.

No relato da criação humana, Deus retira uma costela de Adão e dela cria a mulher. O homem e a mulher estão intimamente ligados, porque têm a mesma natureza. Adão diz sobre a mulher: “*Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne, ela se chamará virago, porque do varão foi tomada*” (Gen. 2, 23). Esse trecho bíblico representa uma igualdade ontológica e não uma submissão feminina. Essa é uma leitura proposta por Santa Hildegarda. Tratando de homens e mulheres como iguais, como criaturas divinas inspiradas por Deus com o dom da racionalidade e possuindo o mesmo caráter de importância, entendemos que homem ou *homo* é referido em seu texto como a humanidade – incluindo homens e mulheres.

A teologia de Hildegarda de Bingen ecoa além da Idade Média. Sua visão do feminino como essencial – não secundário – na criação e na salvação antecipou debates contemporâneos sobre gênero e espiritualidade. Ao unir mística, filosofia e ciência natural, ela ofereceu um modelo de poder espiritual feminino que não se baseava na dominação, mas na regeneração da vida (*viriditas*). Seu legado desafia não apenas a história da Igreja, mas também as narrativas modernas que dissociam o sagrado do corpo, da natureza e, sobretudo, da mulher.



## Conclusão

A presente dissertação teve como objetivo investigar a dimensão feminina na antropologia teológica de Hildegarda de Bingen, analisando como sua obra integra elementos místicos, cosmológicos e simbólicos em uma visão orgânica e integrada da criação. As obras da filósofa medieval não apenas desafiam as estruturas dualistas e patriarcais de seu tempo, mas oferecem um paradigma integrador para questões ainda urgentes hoje: a valorização da mulher na teologia, a relação entre espiritualidade e ecologia, e a reconciliação entre corpo e alma.

No percurso realizado, ficou evidente que Hildegarda compreende o ser humano como microcosmo inserido no macrocosmo divino, sustentado por uma interdependência viva que se expressa em conceitos como *viriditas*, *scientia*, *sapientia* e livre-arbítrio. Sua antropologia é profundamente relacional, ecológica e espiritual, e se fundamenta na convicção de que toda criatura participa de uma ordem cósmica que tem origem e fim em Deus. Nesse horizonte, a dimensão feminina emerge não como elemento acessório, mas como expressão fundamental da sabedoria divina, representada por figuras como Eva, Maria, *Sapientia* e *Caritas*, que revelam tanto os riscos da ruptura quanto as possibilidades da redenção.

A análise das visões hildegardianas mostrou que o feminino, longe de ser relegado a um espaço passivo ou subordinado, ocupa o centro da economia salvífica e da estruturação do cosmos. O corpo feminino é exaltado como portador da potência criadora e da fecundidade espiritual, e a mulher, sobretudo aquela que fala pela voz da profecia, aparece como mediadora entre céu e terra, como ponte entre Deus e o mundo. Hildegarda, assim, resgata no feminino o sinal da plenitude criacional e inaugura uma teologia que é, ao mesmo tempo, poética e profética, capaz de unir símbolos, afetos e razões.

Além disso, a noção de *viriditas* — esse sopro verde que percorre o cosmos — ilumina uma compreensão profundamente ecológica da existência. O verde da seiva que brota da terra, o frescor da água que circula, o calor do sol que fecunda e o ar que respira: todos esses elementos são, para Hildegarda, sinais visíveis da energia vital que procede do Criador. Seu pensamento, tão antigo e tão atual, convida a uma espiritualidade cósmica em que corpo, natureza e espírito não se opõem, mas se sustentam numa dança de reciprocidade. Em tempos de crise ecológica, seu chamado soa como uma profecia: a terra, como o corpo, só floresce quando cuidada, e o feminino, como princípio vital, recorda a humanidade de seu vínculo com a criação.

Assim, concluímos que a antropologia teológica de Hildegarda de Bingen oferece contribuições decisivas não apenas para o entendimento da mística medieval, mas para a reconstrução do sagrado feminino em nossos dias. Sua obra permanece como testemunho de sabedoria profética, capaz de atravessar os séculos e dialogar com os dilemas contemporâneos: a invisibilização da mulher, a fragmentação do humano, a devastação da natureza, a perda do sentido do sagrado. Hildegarda responde a esses desafios com imagens de luz, de música e de vida, propondo uma reconciliação entre microcosmo e macrocosmo, entre humanidade e divindade.

“A luz das visões” que orientou sua vida não se apaga: continua a brilhar como chama que aquece e guia, revelando que o sagrado feminino não é ausência ou silêncio, mas presença criadora, profética e reconciliadora. No coração de suas visões, Hildegarda anuncia que o cosmos inteiro é uma sinfonia — e que nele a voz da mulher é indispensável, porque sem ela a criação perde seu equilíbrio e sua harmonia.

Por fim, este estudo nos leva a reconhecer que a reconstrução do sagrado feminino não é apenas tarefa acadêmica ou historiográfica, mas horizonte espiritual e ético para o presente. Retomar a herança de Hildegarda é reabrir caminhos de integração entre corpo e espírito, razão e sensibilidade, homem e mulher, humano e cosmos. É permitir que a voz das mulheres, tantas vezes sufocada, volte a ressoar como canto de sabedoria. É reencontrar, na seiva da *viriditas* e na clareza das visões, a esperança de que a humanidade ainda pode aprender a viver em sintonia com o divino.

Na clareza das visões, Hildegarda nos recorda que o feminino é jardim e estrela, raiz e horizonte — a chave para a harmonia entre o humano e o divino.

### **Referências:**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*, Trad. Ivone Castilho Benedetti, led. Martins Fontes: São Paulo, 2020.

ATHERNON, Mark. *HILDEGARD OF BINGEN: Selected Writings*. Penguin classics, 2001.

BEER, Frances. *Women and Mystical Experience in the Middle Ages*. Suffolk: Woodbridge, 1992.

BERLIOZ, Jacques (apres.). *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994.

BERLIOZ, Jacques. *Saint Bernard em Bourgogne*. Lieux et Mémoires. Dijon: Le Bien Public, 1990.

- CAMPBELL, Nathaniel M. *St. Hildegard of Bingen: The book of divine works*. Washigton: The catholic University of America, 2018.
- CAVALLI, Constanza. *Ildegarda di Bingen: donna del mistero*. Ed. San Paolo; Milano, 2003.
- CIRLOT, Victoria. Hildegard de Bingen, uma "artista" mística e profética. In: *IHU ONLENI - Revista Eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos*. São Leopoldo, ano XI, edição 385. 2012.
- CORTAZAR, Clara. Hildegarda de Bingen compositora: nova et vetera. In: FRABOSCHI, Azucena A. (org.). *Desde el fulgor de la Liz Viviente: Hildegarda, abadesa de Bingen*. Buenos Aires: Educa, 2007. p. 97-122.
- COSTA, Marcos Robeto Nunes. Mulheres Intelectuais na Idade Média: Hildegard Bingen – Entre a Medicina, a Filosofia e a Mística. *Revista Trans/Form/Ação. Marília*, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial.
- DE BINGEN, Hildegarda. *El libro de los merecimientos de la vida*. Introducción, traducción y notas por Azucena A. Fraboschi. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.
- DE BINGEN, Hildegarda. *SCIVIAS: (Scito vias Domini): conhece os caminhos do senhor*. Trad. Paulo Ferreira Valério.led. São Paulo: Paulus, 2015.
- DE BINGEN, Hildegarda. *SCIVIAS: conoce los caminos*. Traducción de Antonio Castro Zafra y Mónica Castro; Editora Trotta; Madri, 1999.
- DE DEUS, Tayara Souza. *Hildegarda de Bingen: considerações sobre o homem, o conhecimento e a sabedoria no SCIVIAS*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- DI BINGEN, Ildegarda. *Il Libro delle opere Divine*. Traduzione di Michela Pereira. Mondadori; Milano, 1996.
- DI BINGEN, Ildegarda. *Visioni, Traduzione e cura di Anna Maria Sciacca*. I edizione: Roma, 2016
- DOS SANTOS, Fabíola Mendes. *Hildegarda de Bingen: Mística e teologia femininas no século XII*. 2019. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.
- DRONKE, Peter. *Women Writes of the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984.
- FLANAGAN, Sabina. *Hildegarda of Bingen: a Visionary Life*. Londres: Routledge, 1998.
- FLISFISCH. María Isabel, «Las figuras femeninas en la somphonia de Hildegard de Bingen: Caritas, Sapientia y Leclesia». *Revista Chilena de Literatura* 62 (2003): 127-144.
- FRABOSCHI, Azucena. *Scivias de Hildegarda de Bingen. Lectura y comentario al modo de una lectio medievalis*. Primera Parte, Buenos Aires: Miño y Dávila, 2009.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, Olegario. *Cristianismo y mística*. Santa Teresa de Jesús – san Juan de la Cruz. Buenos Aires: Educa, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da Vida Religiosa*, Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferradin, Renato Kirchner. Petrópolis RJ: Vozes; Bragança Paullista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010.
- LANAVE, Gregory F. et al. *The Fathers of the church*. Washigton: The catholic University of America, 2023.
- LAUAND, Luiz Jean (org.). *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, J. *História e Memória*, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1993.
- Libro de las Obras Divinas*. Traducido por María Isabel Flisfisch, María Eugenia Góngora y María José Ortúzar. Barcelona: Herder, 2009.
- LUCAS, Maria Clara de Almeida. *A literatura visionária na Idade Média portuguesa*. Lisboa: Instituto de Culturi e Lingua Portuguesa, 1986.
- MAÇANEIRO, Marcial, S. C. J. “Para conhecer Hildegarda de Bingen”. In: Grande Sinal. Petrópolis: OFM, mar./arb. 2000, pp.131-148.

MARTINENGO, Mariri. La armonía de Hildegarda: Um epistolario surpreendente. In: Poggi, Claudia, Santini, Marina, et al. *Libres para ser – Mujeres creadoras de cultura em la Europa Medieval*. Madrid: Narcea, 2000.

NEWMAN, Barbara. *Sister of Wisdom: St. Hildegard's Theology of the Feminine*. Berkeley: University of California Press, 1987.

NEWMAN, Barbara. *Voice of the Living Light: Hildegarda of Bingen and her World*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1998.

PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PERNOUD, Régine. Santa Hildegarda de Bingen: mística e doutora da igreja, RS: Minha Biblioteca Católica, 2020.

POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. *A espiritualidade de Hildegarda von Bingen: profecia e ortodoxia*. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em História Social) -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2010.

RICOEUR, Paul. «*La metáfora nupcial*». En *Pensar la Biblia. Estudios Exegéticos y Hermenéuticos*, editado por André Lacoque y Paul Ricoeur, 275-311. Barcelona: Herder, 2001.

SCHUBACK, Marcia Cavalcante. *Para ler os medievais: Ensaio de hermenêutica imaginativa*.led. Editora Vozes, 2000.

SILVA. Andréa Cristina Lopes Frazão da. *Hildegarda de Bingen e as sutilezas da natureza de diversas criaturas*. In: 4º Jornada Científica - UFRJ - 2002

SPAZIANTEE, Hildegard. *Hildegard von Bingen e le miniature dello Scivias: um dono di Dio da riscoprire*, Prima edizione: Edizioni Segno, 2007.

VELASCO, Juan Marín. *El fenómeno místico*. Madrid: Trotta, 2003.